



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

**MARCOS VINÍCIUS SANTOS DE CARVALHO TERRA**

**ANÁLISE DO DISCURSO NA PERSPECTIVA DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO:  
DIALOGICIDADE EPISTEMOLÓGICA DA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO  
COM FOUCAULT, PÊCHEUX E A SOCIOLINGUÍSTICA**

**Marília  
2019**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

**MARCOS VINÍCIUS SANTOS DE CARVALHO TERRA**

**ANÁLISE DO DISCURSO NA PERSPECTIVA DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO:  
DIALOGICIDADE EPISTEMOLÓGICA DA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO  
COM FOUCAULT, PÊCHEUX E A SOCIOLINGUÍSTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista – UNESP – Câmpus Marília, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

**Orientadora:** Profa. Dra. Deise Maria Antonio Sabbag

**Área de concentração:** Informação, Tecnologia e Conhecimento

**Linha de Pesquisa:** Produção e Organização da Informação

**Marília  
2019**

T323a

Terra, Marcos Vinícius Santos de Carvalho

Análise do Discurso na perspectiva da Ciência da Informação : dialogicidade epistemológica da Organização do Conhecimento com Foucault, Pêcheux e a Sociolinguística / Marcos Vinícius Santos de Carvalho Terra. -- Marília, 2019  
128 p. : il.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília

Orientadora: Deise Maria Antonio Sabbag

1. Análise do Discurso Francesa. 2. Ciência da Informação. 3. Organização da Informação e do Conhecimento. 4. Epistemologia. 5. Interdisciplinaridade. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

**MARCOS VINÍCIUS SANTOS DE CARVALHO TERRA**

**ANÁLISE DO DISCURSO NA PERSPECTIVA DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO:  
DIALOGICIDADE EPISTEMOLÓGICA DA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO  
COM FOUCAULT, PÊCHEUX E A SOCIOLINGUÍSTICA**

**BANCA EXAMINADORA:**

**Profa. Dra. Deise Maria Antonio Sabbag  
(Orientadora)**

Universidade de São Paulo (USP) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de  
Ribeirão Preto-SP

Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Faculdade de Filosofia e Ciências de  
Marília-SP

**Prof. Dr. Carlos Cândido de Almeida  
(Membro titular)**

Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Faculdade de Filosofia e Ciências  
Marília-SP

**Profa. Dra. Solange Puntel Mostafa  
(Membro titular)**

Universidade de São Paulo (USP) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de  
Ribeirão Preto-SP

Marília, 25 de fevereiro de 2019.

*Aos meus queridos pais, Valdir de Carvalho  
Terra (in memoriam) e Cármen Sílvia Santos  
Cezário.*

## **AGRADECIMENTOS**

À Profa. Dra Deise Maria Antonio Sabbag, pela orientação repleta de afetos e por apontar caminhos.

Ao Prof. Carlos Cândido de Almeida, pelo acolhimento na Universidade Estadual Paulista e pelas inúmeras contribuições teóricas nesse percurso.

À Profa. Dra. Solange Puntel Mostafa, pelas leituras cuidadosas, cheias de potência.

Ao Rev. Daniel Fernando Santos Inácio e sua família, pelo acolhimento na cidade de Marília e pelos conselhos precisos.

Ao Arquiteto do Universo, pela presença nessa travessia...

*“O diálogo fora difícil, com alçapões e portas falsas surgindo a cada passo, o mais pequeno deslize poderia tê-lo arrastado a uma confissão completa se não fosse estar o seu espírito atento aos múltiplos sentidos das palavras que cautelosamente ia pronunciando, sobretudo aquelas que parecem ter um sentido só, com elas é que é preciso mais cuidado. Ao contrário do que em geral se crê, sentido e significado nunca foram a mesma coisa, o significado fica-se logo por aí, é directo, literal, explícito, fechado em si mesmo, unívoco, por assim dizer, ao passo que o sentido não é capaz de permanecer quieto, fervilha de sentidos segundos, terceiros e quartos, de direcções irradiantes que se vão dividindo e subdividindo em ramos e ramilhos, até se perderem de vista, o sentido de cada palavra parece-se com uma estrela quando se põe a projectar marés vivas pelo espaço fora, ventos cósmicos, perturbações magnéticas, aflições”*

(SARAMAGO).

## RESUMO

A realização de um intercâmbio de saberes e de conhecimentos é possível por meio da interdisciplinaridade. Dessa forma, as áreas de interesse precisam de identidade, a fim de que, mediante visões diferentes, ocorra a compreensão de um objeto comum. Existe uma complexidade no campo informacional que pede uma rede de cooperação científica. Sendo assim, são necessários enriquecimentos teóricos e conceituais. Nesse horizonte, os estudos sobre linguagem e discurso devem ser reconhecidos como indispensáveis na Ciência da Informação. Os trabalhos ligados às vertentes francesas de Análise do Discurso, cuja fundamentação teórica está alicerçada nos estudos de Michel Pêcheux, de Michel Foucault e da Sociolinguística, auxiliam no entendimento de como as relações de poder são simbolizadas e sustentadas no campo informacional. Destarte, esse trabalho investiga como os estudos franceses sobre discurso estabelecem suas interações epistemológicas com a Organização da Informação e do Conhecimento no contexto brasileiro. Expõe, ademais, como a Teoria do Discurso colabora na interpretação dos processos linguísticos, ideológicos e políticos que se manifestam nos modos de ordenar, representar e disseminar a informação e o conhecimento. Desse modo, as formas de organizar a informação não são neutras, pois estão inseridas em uma dimensão ideológica. Elas são dependentes das condições de produção e dos anseios interpretativos dos sujeitos envolvidos nos processos informacionais. As relações de poder, portanto, devem ser consideradas nas pesquisas que tratam da Organização da Informação e do Conhecimento, a qual é dependente dos sujeitos que com ela se relacionam. Em torno da informação, há conflitos, interesses econômicos, desigualdades, embates políticos. Por meio de pesquisa bibliográfica, ligada às interações interdisciplinares entre a Análise do Discurso Francesa na Ciência da Informação no Brasil, foi feito um levantamento dos principais trabalhos sobre o mote ao longo dos anos, a fim de se ter uma compreensão das relações históricas entre as duas áreas. Assim, os aspectos epistemológicos que permeiam a Teoria do Discurso e o campo informacional revelam como a informação e o conhecimento estão inseridos em embates políticos. Logo, o percurso teórico realizado até aqui revela que a Análise do Discurso auxilia na compreensão das disputas de poder, das relações de força e dos fenômenos ideológicos presentes na Organização da Informação e do Conhecimento.

**Palavras-Chave:** Análise do Discurso Francesa; Ciência da Informação, Organização da Informação e do Conhecimento; Epistemologia.

## ABSTRACT

The realization of an exchange of knowledge and wisdom is possible through interdisciplinarity. In this way, the areas of interest need identity, so that, through different visions, the understanding of a common object occurs. There is a complexity in the information field that calls for a network of scientific cooperation. Therefore, theoretical and conceptual enrichment is necessary. Within this horizon, studies on language and discourse must be recognized as indispensable in Information Science. The works related to the French aspects of Discourse Analysis, whose theoretical foundation is based on the studies of Michel Pêcheux, Michel Foucault and Sociolinguistics, help in the understanding of how the relations of power are symbolized and sustained in the informational field. Thus, this work investigates how the French studies on discourse establish their epistemological interactions with the Organization of Information and Knowledge in the Brazilian context. It also shows how Discourse Theory contributes to the interpretation of the linguistic, ideological and political processes that are manifested in the ways of ordering, representing and disseminating information and knowledge. In this way, the ways of organizing information are not neutral, since they are inserted in an ideological dimension. They are dependent on the conditions of production and the interpretative longings of the subjects involved in the informational processes. Power relations, therefore, must be considered in research that deals with the Organization of Information and Knowledge, which is dependent on the subjects that relate to it. Around the information, there are conflicts, economic interests, inequalities, political conflicts. Through a bibliographical research, linked to the interdisciplinary interactions between the French Discourse Analysis in Information Science in Brazil, a survey was made of the main works on the mote over the years, in order to have an understanding of the historical relations between the areas. Thus the epistemological aspects that permeate Discourse Theory and the informational field reveal how information and knowledge are embedded in political clashes. Therefore, the theoretical course carried out so far reveals that the Discourse Analysis helps to understand the power disputes, the power relations and the ideological phenomena present in the Organization of Information and Knowledge.

**Keywords:** French Discourse Analysis; Information Science, Information and Knowledge Organization; Epistemology.

## LISTA DE FIGURAS E QUADROS

<b>Figura 1</b> – Total de trabalhos analisados.....	17
<b>Quadro 1</b> - Pesquisas com apenas uma vertente e também pesquisas que relacionam as vertentes de Análise do Discurso Francófono.....	17
<b>Quadro 2</b> - Pesquisas com apenas uma vertente de Análise do Discurso Francófono.....	18
<b>Figura 2</b> - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).....	19
<b>Figura 3</b> - Percorso metodológico.....	20
<b>Quadro 3</b> - Momentos de produção do conhecimento segundo a perspectiva da Epistemologia Crítica .....	23
<b>Quadro 4</b> - Pesquisas brasileiras sobre aspectos interdisciplinares entre as linhas francesas de Análise do Discurso e a Organização da Informação e do Conhecimento.....	65
<b>Quadro 5</b> – Categorização temática das dissertações e teses que apresentam relações interdisciplinares entre o campo informacional e as vertentes francófonas de Análise do Discurso.....	70
<b>Quadro 6</b> – Contribuições teóricas da Análise do Discurso para o campo informacional.....	109

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	11
1.1 OBJETIVOS .....	14
1.1.1 Objetivo Geral.....	14
1.1.2 Objetivos Específicos .....	14
1.2 Problema .....	15
1.3 Justificativa.....	15
1.4 Percorso Metodológico.....	16
1.5 Epistemologia Crítica.....	21
1.6 Apresentação dos capítulos .....	25
2 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO E DO CONHECIMENTO .....	26
3 ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA: UM CAMPO HETEROGÊNEO .....	34
3.1 A vertente pecheuxtiana de Análise do Discurso .....	35
3.2 A vertente sociolinguística de Análise do Discurso .....	38
3.3 A vertente foucaultiana de Análise do Discurso.....	40
3.4 Aproximações e distanciamentos entre as vertentes francesas de Análise do Discurso.....	42
3.5 O Sujeito do Discurso .....	43
4 A ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO : INTERAÇÕES INTERDISCIPLINARES NO CONTEXTO BRASILEIRO .....	53
4.1 A vertente francesa de Análise Documental no contexto brasileiro em sua relação com a Análise do Discurso.....	58
4.2 Análise do Discurso na Ciência da Informação e na Organização da Informação e do Conhecimento: estudos das dissertações e teses brasileiras .....	64
4.2.1 Estudos sobre a Epistemologia e a Historicidade da Ciência da Informação .....	71
4.2.2 Estudos Bibliométricos.....	77
4.2.3 Estudos Arquivísticos .....	81
4.2.4 Estudos sobre a leitura dos profissionais da informação.....	88
4.2.5 Estudos sobre Organização da Informação e do Conhecimento .....	94
4.2.6 Estudos Metodológicos.....	100
4.2.7 Estudos sobre Representação da Informação e do Conhecimento.....	103
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	116
REFERÊNCIAS.....	119

## 1 INTRODUÇÃO

O trabalho “Análise do Discurso na perspectiva da Ciência da Informação: dialogicidade epistemológica da Organização do Conhecimento com Foucault, Pêcheux e a Sociolinguística” está inserido na área de concentração *Informação, Tecnologia e Conhecimento* do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Unesp/Marília, na linha de pesquisa *Produção e Organização da Informação*.

O interesse em estudar as articulações e as relações dialógicas entre Análise do Discurso e Organização do Conhecimento nasceu da disposição para pesquisar aspectos da linguagem e das relações de poder na Ciência da Informação. O empenho em trabalhar com a linguagem vem de uma formação anterior realizada no curso de Letras, na Associação Faculdade de Ribeirão Preto, concluída no ano de 2012. Na oportunidade, foi realizada uma pesquisa de conclusão de curso, na área de Literatura Brasileira sob a orientação do Prof. Dr. Alexandre de Melo Andrade.

Em 2013, ingressando no curso de Ciências da Informação e da Documentação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, o interesse pelos estudos no campo da linguagem permaneceu e encontrou abrigo profícuo nas interações entre a Análise do Discurso pecheuxtiana e o campo informacional. No período de 2013 a 2016, trabalhos foram desenvolvidos junto ao E-I@dis (Laboratório Discursivo) sobre as questões informacionais e linguísticas da Organização das Nações Unidas (ONU), que culminaram no trabalho de conclusão de curso “*O papel da Organização das Nações Unidas na Sociedade da Informação: uma abordagem discursiva*”, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lucília Maria Abrahão e Sousa.

Com o intuito de dar continuidade aos estudos discursivos na Ciência da Informação, a presente pesquisa tem como proposta investigar as interações epistemológicas entre a Análise do Discurso Francesa e a Ciência da Informação no Brasil, sobretudo no que se refere à Organização da Informação e do Conhecimento.

A Análise do Discurso surge na França na década de 1960. Entres os mais influentes nomes do período, estão Michel Pêcheux e Michel Foucault. Salienta-se que os teóricos desse contexto foram segmentados em diferentes grupos de esquerda, conforme o posicionamento político de cada um. Outro fator determinante

para a segmentação dos teóricos foram as posições tomadas em torno da Linguística. Sendo assim, os estudos discursivos têm diferentes desdobramentos. Nesse horizonte, salienta-se que os estudos franceses sobre discurso são caracterizados pela pluralidade de trabalhos.

As diferentes perspectivas discursivas, presentes nas pesquisas sobre informação e conhecimento, revelam que as filiações teóricas podem produzir diferentes sentidos sobre o posicionamento político dos agentes e também das instituições de pesquisas. Desse modo, os trabalhos científicos interdisciplinares entre Análise do Discurso Francófona e a Organização da Informação e do Conhecimento possuem um viés político que deve ser considerado.

Destarte, os gestos de leituras referentes à presença das linhas francesas de Análise do Discurso na Organização da Informação e do Conhecimento possibilitam reflexões sobre as diferentes formas de envolvimento epistemológico entre os dois campos do saber ao longo dos anos. Tais reflexões ajudam a pensar a teoria, a fim de encontrar caminhos para um amadurecimento das interações científicas. Enfatiza-se que não faz parte do objetivo deste trabalho investigar os fundamentos da Análise do Discurso Francófona e da Ciência da Informação, mas sim refletir sobre a dialogicidade entre as duas áreas no contexto brasileiro.

É relevante pontuar também que a Ciência da Informação se apresenta como um campo teórico capaz de dialogar com outras áreas do conhecimento, visto que seu objeto de estudo, a informação, está inserido em fenômenos complexos. Por conseguinte, os estudos informacionais atraem pesquisadores com diferentes características e enfoques. Nessas interações interdisciplinares, busca-se, portanto, a investigação de questões tecnológicas, sociais e linguísticas em torno da informação.

Diante desse cenário, torna-se oportuno conhecer as diferentes vertentes francesas de Análise do Discurso inseridas na Ciência da Informação no Brasil, as quais colaboram na interpretação dos processos ideológicos, linguísticos e políticos que se manifestam nos modos de ordenar e representar a informação e o conhecimento.

Pierre Bourdieu (2004a) assinala que o campo científico é o universo, no qual estão inseridos agentes e instituições que produzem, reproduzem e difundem a ciência. Trata-se de um campo de forças, de um campo de lutas, de um mundo social que comporta relações de dominação. Os pontos de vista, as intervenções

científicas, os lugares de publicação, os temas escolhidos, os objetos de pesquisas são comandados pela estrutura das relações objetivas entre os diferentes agentes. Logo, é a posição que se ocupa nessa estrutura que determina o que pode e o que não pode ser feito.

Falar de epistemologia, na visão de Japiassu (1977), é se engajar num espaço polêmico e de conflitos. Embora pareça um termo antigo, surgiu a partir do século XIX no vocabulário filosófico. Seu significado etimológico é discurso (logos) sobre a ciência (*episteme*). Trata-se de uma disciplina cuja construção é lenta e recente. Entende-se epistemologia, no sentido amplo do termo, como o estudo metódico e também reflexivo do saber, no qual sua organização, sua formação, seu desenvolvimento, seu funcionamento e seus produtos intelectuais são considerados.

É importante considerar que o conhecimento científico está inserido em determinados contextos socioculturais. É, por conseguinte, tributário de fatores ligados à religião, à política, à ideologia, à filosofia e à economia. A ciência tem seus objetivos, seus agentes e seu modo de funcionamento condicionados a uma sociedade determinada. Portanto, o conhecimento científico é também uma forma de poder (JAPIASSU, 1977).

Não se pode esquecer que os conflitos intelectuais, conforme aponta Bourdieu (2004a), são também conflitos de poder. Semelhantemente ao mundo econômico, o mundo científico conhece relações de força, fenômenos de concentração de capital e de poder, até mesmo de monopólio, além de relações sociais de dominação, as quais implicam uma apropriação dos meios de produção e de reprodução, ademais conhece lutas que refletem o controle dos meios de produção e reprodução específicos.

Dessa forma, é possível, por meio da interdisciplinaridade, a realização de um intercâmbio de saberes. As disciplinas envolvidas nesse processo possuem identidades próprias e perspectivas diferentes, no entanto, diante da complexidade no campo informacional, emerge a necessidade de colaboração científica para a compreensão de um objeto comum. Em um horizonte cheio de desafios, busca-se a compreensão dos elos entre a Análise do Discurso Francesa e o campo informacional, isto é, o que existe no entremeio das teorias, como elas se entrecruzam, como funcionam os seus movimentos interdisciplinares.

A palavra complexidade, de acordo com Morin (2015) está vinculada ao

incômodo, à incapacidade para definir de modo simples, para nomear de modo claro, para ordenar ideias. O complexo não pode ser condensado numa palavra-chave. Não pode, além disso, ser limitado a uma lei ou a uma ideia simples. Ele exige competências, a fim de lidar, dialogar e negociar com o real. Busca, ademais, articulações entre disciplinas que se encontram desmembradas devido ao pensamento disjuntivo. Na complexidade, as verdades profundas, antagônicas são complementares, sem deixarem de ser antagônicas. Assim, o pensamento multidimensional é almejado.

## **1.1 OBJETIVOS**

Para que a meta desta investigação fosse atingida, foram definidos os seguintes objetivos:

### **1.1.1 Objetivo Geral**

- Analisar, a partir de um olhar diacrônico, as relações epistemológicas entre as linhas francesas de Análise do Discurso, Ciência da Informação e Organização do Conhecimento no contexto brasileiro.

### **1.1.2 Objetivos Específicos**

- Identificar as diferentes correntes de Análise do Discurso Francesa presentes Ciência da Informação e na Organização do Conhecimento.
- Investigar como a Ciência da Informação e a Organização do Conhecimento no Brasil estabelecem sua dinâmica interdisciplinar com as correntes francesas de Análise do Discurso.
- Construir uma crítica epistemológica acerca dos conceitos e dos avanços conceituais oriundos dessas interações interdisciplinares.
- Mostrar as principais contribuições epistemológicas das vertentes francesas de Análise do Discurso para o campo informacional no contexto brasileiro.

## 1.2 Problema

Os estudos interdisciplinares auxiliam na elucidação de fenômenos complexos. Dessa forma, é importante uma reflexão sobre os avanços conceituais que emergiram a partir da dialogicidade entre as vertentes francesas de Análise do Discurso, a Ciência da Informação e a Organização do Conhecimento.

Por isso, é relevante identificar as pesquisas e os avanços teóricos que surgiram da relação interdisciplinar entre essas áreas do conhecimento. Além disso, se mostra pertinente uma análise crítica nesse espaço polêmico, no qual afloram discussões que movimentam a epistemologia do campo informacional.

Acentua-se a necessidade de uma pesquisa que utilize a Análise do Discurso com uma ênfase conceitual e não apenas quantitativa. É sabido que, no decorrer dos anos, diferentes trabalhos foram realizados, a partir de cooperações científicas entre Análise do Discurso e Ciência da Informação. Diante dessa realidade, a seguinte questão norteará esse trabalho científico: como funciona a dinâmica epistemológica entre Análise do Discurso Francófona, Ciência da Informação e Organização do Conhecimento no Brasil?

## 1.3 Justificativa

Em um panorama repleto de instigações, os estudos francófonos sobre discurso trouxeram inúmeras contribuições às pesquisas do campo informacional no Brasil. Assim, há um lapso teórico que precisa ser resgatado nas interações entre a Ciência da Informação, a Organização da Informação e do Conhecimento e as vertentes francesas de Análise do Discurso, a saber, é mister resgatar algumas das principais contribuições teóricas dessas relações interdisciplinares. Desse modo, torna-se relevante recuperar trabalhos realizados sobre o assunto. Além do mais, é necessário identificar os pesquisadores e as instituições que desenvolveram pesquisas ligadas a essa temática, a fim de se ter uma visão panorâmica daquilo que foi produzido no decorrer dos anos.

Mesmo que os desafios teóricos sejam muitos, o resgate desse lapso auxiliará na compreensão dos processos linguísticos, ideológicos, sociais e políticos

inseridos nos processos informacionais em sua dialogicidade com a Análise do Discurso. Existem vários percursos que poderão ser trilhados, os quais trarão ganhos à produção científica da Ciência da Informação e da Organização da Informação e do Conhecimento.

Ao se estudar a informação e seus complexos processos, é imprescindível se mover para outros campos do conhecimento científico. Isto posto, emerge a necessidade de edificar áreas interdisciplinares. Assim sendo, originárias do pós-Guerra, Ciência da Informação e Análise do Discurso podem colaborar no enfrentamento das complicações estabelecidas pela fragmentação do conhecimento.

#### 1.4 Percurso Metodológico

Para que os objetivos fossem atingidos, a literatura existente sobre o assunto foi examinada. O levantamento bibliográfico foi decisivo, para que os estudos sobre o tema proposto fossem identificados. Assim, o material encontrado foi organizado conforme o autor, a instituição e o ano de publicação.

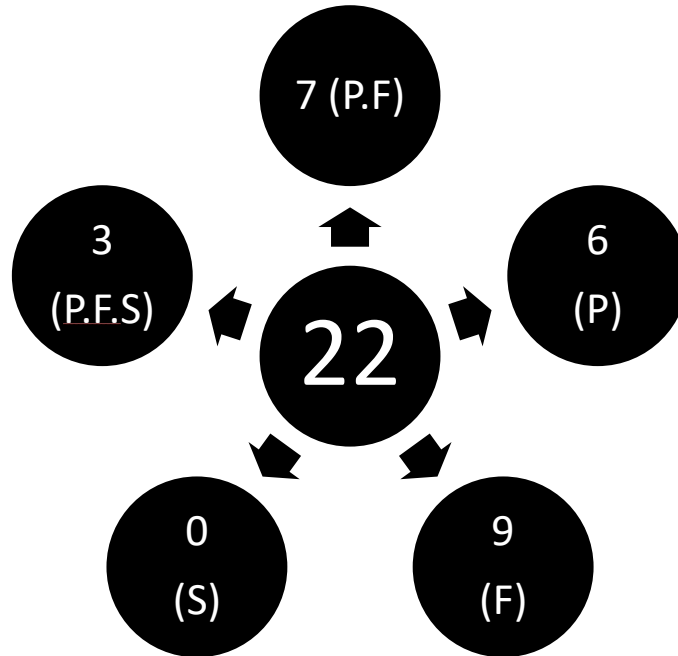
Por meio de pesquisa bibliográfica, ligada à história da Análise do Discurso Francesa na Ciência da Informação, foi feita uma sondagem das dissertações e das teses produzidas sobre o mote ao longo dos anos, a fim de se ter uma compreensão das relações históricas entre as duas áreas. O conhecimento das diversas posições sobre os modos de funcionamento das teorias do discurso numa relação interdisciplinar com o campo informacional exige um estudo histórico, no qual os trabalhos já feitos sejam lembrados com suas contribuições teóricas.

A fim de cumprir o objetivo de identificar as diferentes linhas de Análise do Discurso Francesa na Organização da Informação e do Conhecimento no contexto brasileiro, a partir de uma perspectiva exploratória e descritiva, foi feito um levantamento bibliográfico, por meio da localização de teses e dissertações da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

Assim, foram encontrados 22 trabalhos sobre o tema. Desses trabalhos, seis utilizam apenas a Análise do Discurso pecheuxtiana; nenhuma pesquisa utiliza apenas a vertente sociolinguística; e nove utilizam somente a vertente foucaultiana; sete relacionam os trabalhos de Pêcheux e Foucault; e três relacionam os estudos

de Pêcheux, de Foucault e da Sociolinguística.

**Figura 1 – Total de trabalhos analisados**



**Fonte:** Elaborado pelo autor (2019).

**Quadro 1 - Pesquisas com apenas uma vertente e também pesquisas que relacionam as vertentes de Análise do Discurso Francófona**

Vertente	Dissertação	Tese	Total
Foucault	6	10	16
Pêcheux	6	7	14
Sociolinguística	1	2	3

**Fonte:** Elaborado pelo autor (2019).

**Quadro 2** - Pesquisas com apenas uma vertente de Análise do Discurso Francófona

<b>Vertente</b>	<b>Dissertação</b>	<b>Tese</b>	<b>Total</b>
<b>Foucault</b>	6	10	16
<b>Pêcheux</b>	6	7	14
<b>Sociolinguística</b>	1	2	3

**Fonte:** Elaborado pelo autor (2019).

A busca na base foi feita por meio dos termos "Ciência da Informação" e (and) "Análise do Discurso" em todos os campos. Realça-se que a tese da professora Lídia Silva de Freitas e a dissertação de Pedro Aurelio Cerveira Cordeiro não foram encontradas na biblioteca digital, todavia, visto que se tratam de trabalhos relevantes para o estudo em questão, discutidos em disciplinas da Pós-Graduação em Ciência da Informação da UNESP-Marília, entraram nas análises. É importante pontuar também que a tese de Clarinda Lucas Rodrigues pode ser encontrada na base pelos termos "Indexação" e (and) "Análise do Discurso" e a tese de Lídia Alvarenga pelos termos "Análise do Discurso" e (and) "Michel Foucault".

**Figura 2 - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)**

The image shows the BDTD website's advanced search interface. At the top, there is a navigation bar with links for 'Participe', 'Acesso à informação', 'Legislação', and 'Canais'. The main header features the BDTD logo and navigation links: 'Página Inicial', 'Sobre a BDTD', 'Rede BDTD', 'Acesso Aberto Brasil', and 'Serviços'. Below the header, there is a search bar with the text 'Busca / Avançada'. On the left side, there is a 'Dicas de Busca' section with links for 'Ajuda com a Busca Avançada' and 'Ajuda com Operadores de busca'. The main search area is titled 'Busca Avançada' and contains a search input field with the text 'Análise do Discurso and "Ciência da Informação"'. To the right of the search input, there are three dropdown menus for 'Todos os campos' and a 'correspondência da busca: TODOS os termos' dropdown. There are also buttons for 'Adicionar campo de busca' and 'Adicionar Grupo de Busca'. At the bottom of the search section, there are 'Buscar' and 'Limpar' buttons.

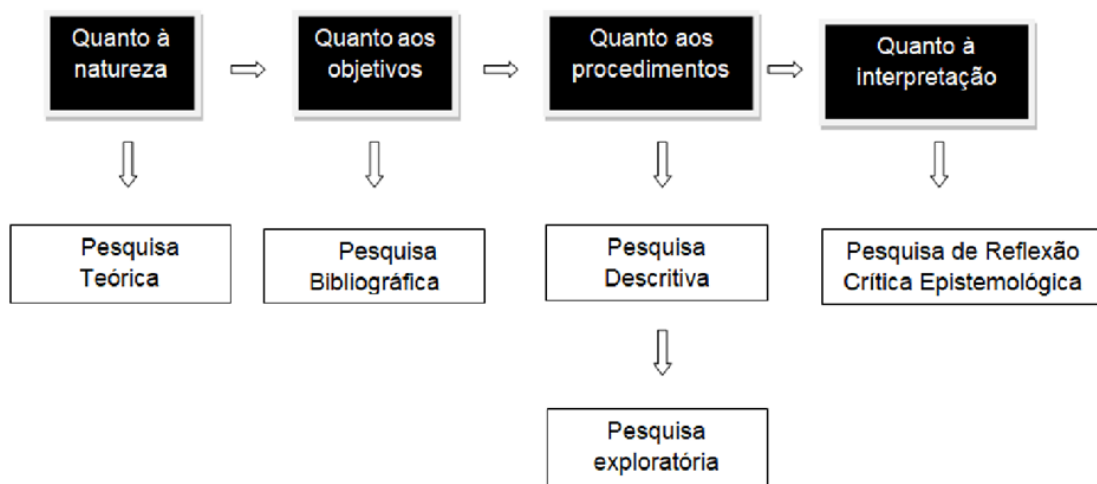
**Fonte:** BDTD (2018)

Vale ressaltar que o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) é responsável pela coordenação e pelo desenvolvimento da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, a qual integra os sistemas de informação de teses e dissertações das instituições de ensino e pesquisa do Brasil. O mote dos materiais encontrados está ligado às relações interdisciplinares entre a Análise do Discurso Francesa e a Ciência da Informação.

Para alcançar o objetivo de investigar como a Ciência da Informação, no contexto brasileiro, estabelece sua dinâmica interdisciplinar com Análise do Discurso optou-se pela análise crítica de reflexão epistemológica. A Epistemologia Crítica, por conseguinte, também foi utilizada para o cumprimento dos objetivos que visam mostrar as principais contribuições epistemológicas das linhas francesas de Análise do Discurso para o campo informacional e os avanços conceituais que afloraram dessa interação. À vista disso, é mister destacar que não se trata de uma análise

bibliométrica, mas sim conceitual, com um olhar analítico para as ideias e para os trabalhos.

**Figura 3 -** Percurso metodológico



**Fonte:** Elaborado pelo autor (2019).

Destaca-se que as pesquisas selecionadas estão ligadas à presença teórico-metodológica da Análise do Discurso na Organização da Informação do Conhecimento. Além disso, também foram selecionados trabalhos cujo conteúdo está relacionado à interação epistemológica entre os estudos franceses sobre discurso e a Ciência da Informação.

Enquanto se constrói novos conhecimentos, se faz necessário uma reflexão sobre conhecimentos desenvolvidos em momentos anteriores. Os estudos clássicos e também os mais recentes da Análise do Discurso de matriz francesa e da Organização da Informação e do Conhecimento, portanto, devem ser considerados, com o objetivo de identificar o ponto de cruzamento entre as disciplinas. Realça-se que o enfoque deste estudo está o universo dos significados e sentidos.

## 1.5 Epistemologia Crítica

Para Santos (2000, p.21), epistemologia é “disciplina, ou tema, ou perspectiva de reflexão, cujo estatuto é duvidoso, quer em função do seu objeto, quer em função do seu lugar específico nos saberes”. Para Japiassu (1979, p.27),

Devemos falar hoje de conhecimento-processo e não mais de conhecimento-estado. Se nosso conhecimento se apresenta em devir, só conhecemos realmente quando passamos de um conhecimento menor a um conhecimento maior. A tarefa da epistemologia consiste em conhecer este devir e em analisar todas as etapas de sua estruturação, chegando sempre a um conhecimento provisório, jamais acabado ou definitivo.

Para Francelin (2005, p. 105), o pensamento epistemológico é polêmico. Há tipos de epistemologias que se diferenciam por diversos aspectos. Dessa forma, o modo de abordagem, o contexto do objeto e do observador e as particularidades do objeto, somadas à interpretação do observador, são os principais fatores que condicionam os diferentes tipos de epistemologia.

Durante o processo de análise dos dados, foi utilizada a vertente crítica de reflexão epistemológica. Para isso, foram retomados os estudos feitos por Hilton Japiassu, Pierre Bourdieu e Boaventura de Sousa Santos. Por conseguinte, nessa investigação científica, o processo interpretativo do material encontrado, pertinente ao tema proposto, teve um enfoque crítico, a partir dos autores citados acima.

Na perspectiva de Japiassu (1979), a Epistemologia Crítica tem como objetivo essencial o questionamento sobre a responsabilidade social dos pesquisadores. Para o teórico, tal interrogação é uma das questões cruciais da cultura humana. A vertente de Epistemologia Crítica, de acordo com Almeida (2009), apoiado em Japiassu, Santos e Bourdieu, sustenta que uma ciência deve ser vista em suas interações com a sociedade, com o impacto de seus conhecimentos e produtos, com os sujeitos envolvidos e também com sua história.

Para Faria (2014, p.3), a Epistemologia Crítica é

[...] o estudo científico e filosófico do conhecimento que têm por objeto o saber científico, técnico, cultural e filosófico de um conjunto autônomo e crítico de práticas (ações) e saberes conscientes baseados em instâncias integradas de mediação (objeto↔sujeito), que sejam: (i) não dogmáticas ou absolutas,

mas flexíveis e coletivas, em que todo o objeto do conhecimento pode ser matéria (princípio), instrumento (meio) e produto ou forma (fim); (ii) sem conteúdos prévios, mas construídas através da sistematização das suas relações, do esclarecimento dos seus vínculos, da avaliação dos seus resultados e aplicações; (iii) não hierarquizadas, em que o objeto e o sujeito do conhecimento são mediados e mediadores, em que a alternância e a polivalência do objeto e do sujeito no que se refere à mediação é uma regra e não uma exceção; (iv) baseadas no primado do real concreto sobre o real pensado, com uma necessária integração dinâmica e contraditória entre ambos.

Dessa forma, a pesquisa não se desenvolve de modo automático, direto e simples. Ela apresenta momentos distintos, contudo integrados (FARIA, 2014). Pando (2018) argumenta que a relação entre o sujeito e o seu objeto se mostra de uma forma menos ingênua. Assim, a epistemologia apresenta uma possibilidade de melhor entendimento no que se refere à realidade em que se dá o desenvolvimento dos processos científicos numa perspectiva mais crítica.

Posto que o conhecimento científico se torna cada vez mais um poder, a Epistemologia Crítica busca mostrar este poder que constituirá, nas sociedades industrializadas, a significação real da ciência. Sendo assim, a significação da ciência deverá ser buscada no poder que o saber confere atualmente, independentemente das intenções dos pesquisadores (JAPIASSU, 1979, p.143).

Nos dizeres de Japiassu (1979, p.158),

Portanto, o papel da epistemologia crítica consiste em mostrar que os cientistas precisam estar ativamente conscientes de todas as implicações de seus produtos intelectuais. Ela se interroga sobre as "visões do mundo" que estão implícitas na atividade científica, tentando descobrir nela todos os pressupostos e condicionamentos possíveis.

Segundo Faria (2014, p.14), existem três fases de produção do conhecimento, a saber, a pré-sincrética, a sincrética e a sintética. Salienta-se que não são três momentos sequenciais e lineares, pois se encontram em constante movimento. A fase pré-sincrética é anterior à apreensão da totalidade cognoscível. Desse modo, a realidade se mostra em elementos que estão distintos, desconectados e confusos.

Por sua vez, a fase sincrética possibilita a elaboração da concepção da totalidade cognoscível do objeto. Logo, os elementos antes espalhados são

integrados e associados de modo a permitir uma percepção do objeto, entretanto ainda não viabiliza sua compreensão em movimento, isto é, a visão de totalidade da estrutura ainda não é a da totalidade dinâmica do objeto (FARIA, 2014, p.14).

Por seu turno, a fase sintética é a que possibilita a elaboração da síntese do objeto não apenas em sua totalidade cognoscível, mas também em seu movimento e em seus paradoxos internos. Portanto, é o momento da apreensão do real concreto como real pensado (FARIA, 2014, p.14).

**Quadro 3 – Momentos de produção do conhecimento segundo a perspectiva da Epistemologia Crítica**

MOMENTO	CARACTERIZAÇÃO
Momento da aproximação precária	Também conhecida como fase pré-sincrética, neste momento o sujeito não consegue apreender a realidade em profundidade, visto que os diversos elementos constitutivos do real e suas relações aparecem de forma desorganizada, ininteligível, confusa, disforme e multifacetada. A aproximação precária pode ser delineada a partir de duas formas: a) planejada (ou intencional): é aquela em que o pesquisador, tendo definido seu objeto de estudo e seu campo empírico, dirige-se a ele com intenção de conhecê-lo cientificamente, ou seja, o sujeito pesquisador planeja sua relação com o objeto ao conhecê-lo já como objeto naquele campo. b) aproximação precária circunstancial (ou casual): é aquela na qual o sujeito tem um conhecimento anterior do objeto e do campo empírico, porém não como objeto do conhecimento. A definição do objeto e do campo empírico, provavelmente, decorrerá do fato do sujeito pesquisador pretender estudar o que já conhece a partir de sua experiência social. Em resumo, o real é a base da ciência para a Epistemologia Crítica e a relação do sujeito com o real é dialética.
	A aproximação deliberadamente construída corresponde ao momento em que o sujeito pesquisador, já tendo conhecido seu objeto no campo empírico, procura apropriar-se de conceitos, análises e estudos já produzidos para auxiliá-lo no aprofundamento de sua pesquisa observando que existem fatos para os quais não há ainda teoria consistente desenvolvida. Por outro lado, conhecimento valorizado é aquele em que o sujeito, tendo refletido sobre o objeto que investiga e recorrido a teorias disponíveis na literatura para melhor entendê-lo, volta ao

<p>Momento da aproximação deliberadamente construída e do conhecimento valorizado</p>	<p>objeto, porém já não de maneira confusa e convencional. Esta volta já recorre a técnicas de pesquisa e já há uma problematização primariamente definida. O conhecimento é valorizado através de uma percepção elaborada. Ela é, portanto, aquela na qual o sujeito pode conceituar, descrever, organizar, classificar, enfim, pensar sobre o objeto e sobre sua ação, elaborar seu conhecimento. Resumidamente, a segunda fase do processo científico, para a Epistemologia Crítica, é aquela em que a relação dialética objeto↔sujeito é intensa e persistente, de maneira que mais e mais o objeto se revela ao sujeito e este mais e mais dele se apropria, porém agora como objeto relativamente elaborado e qualificado.</p>
<p>Momento da apropriação do objeto pelo pensamento e do conhecimento científico</p>	<p>É um momento em que o conhecimento produzido a partir do objeto recorre a métodos científicos e a procedimentos de apreensão e interpretação do real. Chama-se aqui de conhecimento cientificamente apropriado, portanto, aquele em que ocorre uma apreensão científica do real, de forma que o objeto elaborado ou apreendido transforma-se em objeto teórico, em objeto construído segundo as regras da ciência. Para tanto, há um percurso que é necessário seguir e ao qual o sujeito deve submeter sua ação, seu fazer. Este terceiro momento não é, definitivamente, o da verdade absoluta e inquestionável, o momento da tese das teses, do último estágio do saber. É apenas um momento em que o pesquisador alcança o limite de sua compreensão e não o limite definitivo do entendimento da realidade. A produção do conhecimento, neste momento, mostra que as certezas contêm suas próprias dúvidas, que o que parece definitivo é apenas provisório e que a totalidade cognoscível é a superação da fragmentação encontrada no primeiro momento e da estrutura formal encontrada no segundo momento e não o saber absoluto de todo o real. Em resumo, a superação da tensão entre o conhecimento precário e o conhecimento renovado e valorizado, a negação entre o conhecimento imediatamente sensível e o conhecimento relativamente elaborado, resulta na apropriação sintética definitiva (porém jamais final) do objeto pelo sujeito. O pesquisador alcança o conhecimento da essência, que lhe permite elaborar os conceitos e organizar, enfim, a ideia da totalidade cognoscível do objeto (do objeto não fragmentado). Nesta fase, o pesquisador retorna ao real qualitativamente enriquecido.</p>

Fonte: Pando (2018), adaptado de Faria (2014).

## 1.6 Apresentação dos capítulos

No capítulo introdutório é apresentado o fio condutor da pesquisa, isto é, a dinâmica epistemológica entre a Análise do Discurso Francesa e a Ciência da Informação no Brasil, especialmente no que concerne à Organização da Informação e do Conhecimento. Ademais, são apontados os objetivos e os aspectos metodológicos.

O capítulo 2, com ênfase na interdisciplinaridade, trata de questões epistemológicas referentes à Ciência da Informação e a Organização da Informação e do Conhecimento. Assim, são apresentados aspectos sobre a interação do campo informacional com outras áreas do conhecimento, como por exemplo, a Biblioteconomia, a Linguística, as Ciências Sociais e a Ciência da Computação.

No capítulo 3, são apresentados os pontos de convergência e de divergência existentes entre as vertentes de Análise do Discurso de matriz francesa. Entre as principais correntes teóricas dos estudos francófonos sobre discurso, estão a linha de Michel Pêcheux, a linha sociolinguística e a linha de Michel Foucault. Também nesse capítulo, são discutidas questões sobre o sujeito do discurso na Análise do Discurso Francesa e na Pragmática. Nessa perspectiva, são feitas considerações a respeito da noção de sujeito em Morris, em Pêcheux e em Foucault.

O conteúdo do capítulo 4 é referente às principais pesquisas e contribuições teóricas nascidas da relação entre Ciência da Informação, Organização do Conhecimento e Análise do Discurso, a partir de um olhar crítico, com ênfase nas interações epistemológicas no contexto brasileiro.

No último capítulo, são feitas considerações finais sobre a pesquisa e ponderações sobre as principais contribuições teóricas das correntes francófonas de Análise do Discurso para a Ciência da Informação. Além disso, são apresentadas possibilidades de pesquisas futuras.

## 2 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO E DO CONHECIMENTO

Conforme os fluxos informacionais crescem e se tornam indispensáveis para as atividades humanas, surge a necessidade de usufruir a informação, nos mais variados lugares, de modo organizado, seguro e rápido. Dessa forma, caso não haja uma organização, o excesso de informação pode significar desinformação. As questões informacionais ganham destaque nos mais variados setores sociais.

Visto que as informações geradas se apresentam cada vez mais em grandes volumes, torna-se urgente uma ciência desafiada a analisar, a organizar, a recuperar, a disseminar e a entender os processos informacionais presentes na sociedade. Além disso, uma área do conhecimento instigada a buscar uma compreensão do contexto social referentes aos processos informacionais.

As questões informacionais se destacam nos mais variados setores sociais. A informação é um elemento estratégico e relevante, para que haja desenvolvimento cultural, social, científico, econômico e tecnológico. Segundo González de Gómez, (2003, p.32), “a informação constitui-se a partir das formas culturais de semantização de nossa experiência do mundo e seus desdobramentos em atos de enunciação, de interpretação, de transmissão e de inscrição”.

Vale ressaltar que embora não seja o objetivo desse trabalho apresentar os fundamentos do campo informacional, existem múltiplas perspectivas e abordagens nessa área do conhecimento, as quais foram geradas pelas distinções culturais e pelas constantes dissidências de grupos profissionais e campos de estudos. Assim sendo, emergiram diferentes vertentes em Ciência da Informação. Entre elas, estão as perspectivas estadunidense, europeia e russa (ORTEGA, 2004).

Segundo Ortega (2004, p.10), para quem a Ciência da Informação se relaciona conceitual e historicamente com a Biblioteconomia e com a Documentação

:

Pode-se inferir que, a construção teórico-prática da Ciência da Informação pela União Soviética, a partir dos anos 60, contou com relativa clareza sobre a distinção entre os serviços de informação científica e os trabalhos de estímulo à leitura, assim como, sobre os métodos para a efetivação de cada um deles, a despeito do controle socialista sobre a produção e uso de informação. Já nos Estados Unidos e países europeus, houve um constante embate entre o projeto da biblioteca pública e educativa e a Biblioteconomia especializada (e a Documentação), desde o final do século XIX até a

metade do século XX. Apesar de este fenômeno ter ocorrido de forma peculiar em cada país, nenhum obteve sucesso na consolidação de uma conformação global da área.

Para Borko (1968), a Ciência da Informação é uma ciência interdisciplinar que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que regem os fluxos informacionais e os meios de processamento de informações para sua usabilidade e recuperação. Ela, ademais, tem como meta oferecer um *corpus* teórico, o qual está ligado à origem, à coleta, à organização, ao armazenamento, à recuperação, à interpretação, à transmissão e à utilização da informação.

Conforme Saracevic (1996), a Ciência da Informação é interdisciplinar, além de ser determinada pelo imperativo tecnológico e também participante ativa da evolução da Sociedade da Informação. Para o autor, compreender os fenômenos ligados à informação é uma tarefa hermética. Assim, uma única disciplina não é suficiente para investigar o comportamento informativo humano e as formas, para facilitar o acesso ao conhecimento, a partir de ferramentas tecnológicas. Logo, nesse prisma, o enfoque interdisciplinar torna-se estratégico.

Para Lídia Alvarenga (1996), a Ciência da Informação é um campo interdisciplinar cujo objeto de pesquisa é a informação. Assim, o estudo do fenômeno da informação poder ser visto em diferentes aspectos. Além disso, tem por fundamentação teórica princípios e métodos advindos de outros campos do conhecimento, tais como, a Biblioteconomia, a Linguística, a Comunicação e a Informática. Trata-se de um campo de conhecimento que envolve pessoas e instituições. Portanto, a realidade também é observada sob elementos psicológicos, sociológicos e administrativos, dentre outros.

A Ciência da Informação, na perspectiva de Mostafa (1996), é uma nova configuração temática cujo nascimento se encontra no entremeio contraditório das disciplinas sociais e tecnológicas e no espaço deixado por recortes, os quais foram instituídos pela Biblioteconomia e outras ciências sociais. Para autora, além disso, nasce ao lado de outras configurações como a do processamento automático de dados, a análise de sistemas, a cibernética, a inteligência artificial, a pesquisa operacional, a psicologia cognitivista, e todas as ciências novas que surgem a partir de 1950.

Para González de Gómez (2000, p.2), a Ciência da Informação “surge no horizonte de transformações das sociedades contemporâneas que passaram a

considerar o conhecimento, a comunicação, os sistemas de significado e os usos da linguagem como objetos de pesquisa científica e domínios de intervenção tecnológica”.

Galvão e Borges (2000) assinalam que a Ciência da Informação é caracterizada pelo estudo da informação, pelo seu relacionamento com várias ciências, por estar inserida no contexto da sociedade e da ciência pós-moderna. Destarte, não se trata de uma ciência clássica, nem de uma ciência básica. É relevante pontuar que, conforme Santos (2008), a ciência pós-moderna não segue uma linha unidimensional. Seu estilo, por conseguinte, não é facilmente identificável, pois adota uma configuração de estilos, a partir do critério e da imaginação do pesquisador.

Capurro (2003), ao investigar questões que permeiam aspectos epistemológicos da Ciência da Informação, faz menção a três paradigmas predominantes nos estudos sobre informação, a saber, o físico, o cognitivo e social. Na perspectiva do autor, a Biblioteconomia clássica e a computação digital são as duas raízes da Ciência da Informação. Ressalta-se que, para o pesquisador, o caráter tecnológico da área está ligado ao impacto da computação nos processos informacionais.

Freire (2006, p.11), sob o prisma estadunidense, explica que:

[...] o registro oficial da denominação Ciência da Informação data do início da década de 1960, a partir de eventos promovidos pelo Georgia Institute of Technology, nos Estados Unidos, do qual participaram também cientistas, escritores e filósofos estrangeiros e onde foi discutida a criação de novas tecnologias de informação, consequência natural do crescimento da produção científica e que redundara na multiplicação dos periódicos científicos. Apesar da ênfase na educação e treinamento profissionalizantes, a realização de debates teóricos permitiu que se chegasse a uma primeira definição do que seria a Ciência da Informação e mostra a percepção da área pelos americanos.

Gomes (2017) também aponta a tecnologia como um dos aspectos mais relevantes no surgimento e no desenvolvimento da Ciência da Informação. Em sua análise histórica, a pesquisadora menciona que, nos Estados Unidos, bibliotecários especializados e profissionais de outras áreas, como engenheiros, químicos e especialistas em computação participaram das reuniões do Georgia Tech que trata da nova área do conhecimento, isto é, a Ciência da Informação. Esses profissionais

buscavam, com o apoio das novas tecnologias de informação, soluções para as dificuldades já enfrentadas pelas bibliotecas técnicas.

Diante do exposto, ver-se-á que a Ciência da Informação é conhecida por ser uma ciência interdisciplinar, isto é, por estar aberta à cooperação científica e ao diálogo com outras áreas do saber. Ademais, por ser uma ciência cuja informação é seu objeto; por ser capaz de dialogar com disciplinas sociais; e por estar inserida no contexto de novas tecnologias de informação e comunicação.

Embora a Ciência da Informação, na teoria, seja considerada interdisciplinar, na prática, talvez, isso não ocorra de maneira efetiva e clara. Há muita resistência na construção de diálogos verdadeiramente interdisciplinares, sobretudo, no que concerne ao confronto entre a visão mais objetiva da informação, de um lado; e uma visão mais subjetiva, do outro. É necessário sublinhar que embora existam teóricos, dentro da Ciência da Informação, com uma visão mais quantitativa e objetiva da informação, não se pode negligenciar o seu lado subjetivo e social, porquanto uma perspectiva não exclui a outra.

Desse modo, circulam, no meio acadêmico, inúmeros discursos que procuram definir a Ciência da Informação um campo do saber que já possui alguns aspectos epistemológicos já bem estabelecidos e outros em construção. Essa nova área do conhecimento, portanto, está consolidada como uma ciência voltada para os processos informacionais, isto é, produção, organização, armazenamento, disseminação e uso da informação.

Nota-se também que os estudos sobre do campo informacional se relacionam com culturas. Assim, não se podem negligenciar os processos socioculturais, linguísticos e semióticos, isto é, de identidade cultural, na Organização da Informação e do Conhecimento. Nesse campo do saber, conforme Brascher e Café (2008), informação e conhecimento são conceitos que estão inter-relacionados, ainda que se ocupem de tarefas distintas. Logo, precisam ser pensados dentro de um campo maior de articulações.

Para Almeida (2009), a Organização da Informação é um dos núcleos básicos da Ciência da Informação. Trata-se de uma área de pesquisa, de ensino e de atuação profissional. É um processo intermediário, ou seja, está entre a etapa de produção e a etapa de utilização da informação. O sucesso da recuperação depende da organização feita antecipadamente.

A Organização do Conhecimento, por sua vez, corresponde ao processo de

construção de modelos de representações de conhecimento, com a finalidade de elaborar modelos de mundo via representação do conhecimento de um grupo (BRASCHER; CAFÉ, 2008). Está vinculada, além disso, a crenças sobre ciência, suposições ontológicas básicas e à importância de tal conhecimento para a sociedade, além de considerar que o conhecimento possui objetivos e valores diferentes em determinadas culturas e instituições. Precisa, ademais, refletir perspectivas e teorias de maneira ampla (HJØRLAND, 2003).

A elaboração de resumos, catalogação, classificação, indexação, estabelecimento de elos, descrição de documentos e seus atributos, características e objetivos fazem parte da Organização da Informação. A Organização do Conhecimento, por sua vez, objetiva a estrutura conceitual e a construção de modelos de mundo (BRASCHER; CAFÉ, 2008). A Organização da Informação e do Conhecimento envolve, por conseguinte, a descrição física de objetos informacionais e a criação de conceitos.

Para Birger Hjørland (2008), a Organização do Conhecimento envolve atividades ligadas à descrição, à indexação e à classificação de documentos, que podem ser realizadas em bibliotecas e banco de dado e arquivos, por exemplo. O pesquisador pondera que essas atividades podem ser feitas por diferentes profissionais da informação, a saber, bibliotecários, arquivistas e outros especialistas, bem como por algoritmos de computador.

Segundo o teórico, há, na Organização do Conhecimento, diferentes perspectivas históricas e teóricas que se relacionam com diferentes visões de conhecimento, cognição, linguagem e organização social. Sendo assim, os sistemas de organização são inclinados para alguma posição filosófica. O conhecimento não pode ser organizado por uma plataforma neutra (HJØRLAND, 2008).

Para Sales (2015), a relação entre a Organização do Conhecimento e a Ciência da Informação é um tema que apresenta diferentes perspectivas na literatura da área. Sendo assim, não há um consenso sobre o assunto. Existe uma tradição que insere a Organização do Conhecimento como parte integrante da Ciência da Informação. Por outro lado, há estudos que preferem tratá-la como uma área separada da Ciência da Informação.

No cenário brasileiro, o autor defende que, quanto a sua natureza, a Organização do Conhecimento é um território científico com autonomia, ainda que esteja em constante diálogo com o campo informacional. Desse modo, se apresenta

como um espaço emergente com seus próprios contornos epistemológicos (SALES, 20015). Em outros dizeres, a Organização do Conhecimento é autônoma, mas com fortes interações com a Ciência da Informação.

Para Martins e Moraes (2015, p.6), “entre os agentes sociais que definem a organização e representação do conhecimento, a linguagem encontra-se como fenômeno multiforme, interdisciplinar e objeto indispensável para estudos em ORC”. Em um primeiro momento, segundo os autores, a Biblioteconomia e a Documentação sistematizaram os processos de classificação e impulsionaram a Organização do Conhecimento. Depois, com o avanço das tecnologias de informação e comunicação, a Organização e Representação do Conhecimento tornou-se uma especialidade da Ciência da Informação.

Sendo assim, constitui-se como um campo de estudos teóricos e também aplicados, que originou uma disciplina institucionalizada. Desse modo, “a institucionalização da ORC reflete-se também no construto da CI, compreendendo que a primeira é uma especialidade da segunda e sua constituição ocupa espaço nuclear como disciplina científica da área” (MARTINS; MORAES, 2015, p.20).

Para Martins e Moraes (2015, p.20), a Organização e Representação do Conhecimento evoluiu interagindo com outras áreas científicas por ser considerado um campo de investigação independente, além de ter legitimidade como um subcampo de uma ciência interdisciplinar. Em fase de consolidação, com avanços teóricos e distintas influências teóricas, a Organização do Conhecimento cumpre um papel nuclear na Ciência da Informação (MATOS; GUIMARÃES; GRÁCIO, 2015).

Hjørland (2008) menciona a importância da Linguística para Organização do Conhecimento, campo cujas atividades de intermediação, em grande parte, estão baseadas na linguagem. Almeida (2012) também aponta que a Organização da Informação e Conhecimento no Brasil tem sido historicamente influenciada pela teoria Linguística. Destarte, vale apontar que Linguística se apresenta como indispensável no debate epistemológico da Organização do Conhecimento e também da Análise do Discurso.

Salienta-se que nas teorias da representação e de classificação, presentes na Ciência da Informação,

[...]se busca a construção de sistemas de representação cada vez melhores, isto é, tem-se no horizonte a perspectiva de construção de

uma linguagem perfeita, sem erros, sem dubiedades, para a localização dos itens informacionais, opera-se numa lógica da univocidade de sentido. O que significa, na prática e mais uma vez, ignorar a presença dos sujeitos, as dimensões semântica e pragmática da informação (ARAÚJO, 2009, p. 201).

Ao fazer demarcações históricas e considerações teóricas sobre a Organização do Conhecimento, Gomes (2017) aponta a classificação, em seus aspectos práticos e teóricos, como uma das atividades mais importantes dentro da área. O ato de classificar, segunda a pesquisadora, está presente na construção de taxonomias, ontologias e outros serviços de organização de objetos digitais.

De acordo com Guimarães (2017, p. 90), na Organização do Conhecimento, elementos foram se transformando ou se resignificando, como por exemplo, o enfoque linguístico e terminológico que abre espaço para abordagens mais discursivas, além da crescente busca pela contextualização e pela dialogicidade, em interações interdisciplinares e culturais. O autor também ressalta que o campo está em busca de uma identidade, visto que a questão epistemológica permanece como uma constante.

Dessa forma, crescem as atividades investigativas e a produção científica no âmbito da Organização do Conhecimento (GUIMARÃES, 2017). Assim, a “Organização do Conhecimento constitui um campo científico de configuração interdisciplinar que vem buscando, ao longo do tempo, consolidar sua identidade enquanto tal” (GUIMARÃES, 2017, p.92).

Em suma, a interdisciplinaridade é um assunto bem recorrente nas discussões epistemológicas da Ciência da Informação e da Organização do Conhecimento. Nesse sentido, verifica-se a existência de correntes teóricas que apontam a Organização do Conhecimento como uma área independente da Ciência da Informação, posição questionada por outras vertentes.

Acentua-se que não é interesse desse estudo se aprofundar nessa questão, contudo é importante fazer esse apontamento. Sendo assim, trata-se de um assunto importante para o universo epistemológico do campo informacional e que carece de uma análise mais cuidadosa e aprofundada.

No próximo capítulo, serão destacados aspectos históricos e marcos teóricos das correntes francófonas de Análise do Discurso que surgiram nos anos 1960.

Ademais, serão apresentados questões sobre a noção de sujeito do discurso na Análise do Discurso Francesa e na Pragmática, teoria que polemiza a noção de sujeito com as vertentes francesas.

### 3 ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA: UM CAMPO HETEROGÊNEO

Na França, em meio aos acalorados embates políticos, efeito dos anos 60, os adeptos da Análise de Discurso foram divididos entre diferentes grupos de esquerda. As posições políticas e também as polêmicas ligadas ao papel da Linguística nessas relações aumentaram as tensões, visto que a partir da posição althusseriana, a linguagem não se apresenta mais como mero acessório do político e da ciência (ORLANDI, 2003). Nesse cenário, Althusser estava cada vez mais comprometido com o marxismo-leninismo (DOSSE, 1997).

Diante da necessidade de abandonar o marxismo oficial, dogmático e pós-stalinista, com um passado dispendioso, Althusser tornou possível complexificar o marxismo e, além disso, cruzar sua aventura com o das ciências sociais que estavam em pleno andamento. O teórico ofereceu um grande desafio para uma geração militante e engajada nos embates anticolonialistas, a saber, ressuscitar um marxismo científico livre das escórias dos regimes que haviam governado em nome do próprio marxismo (DOSSE, 1997, p.293-294).

Dessa forma, a Análise do Discurso Francesa tem se desdobrado em diferentes ordens teóricas e metodológicas. É importante considerar também que há, no campo científico, relações de força e poder, as quais atravessam as classificações, diferenças e considerações desses desdobramentos. A ciência é construída em diferentes lugares com uma força e as particularidades de cada tradição (ORLANDI, 2003).

Acredita-se que, na década de 50, Harris, linguista estadunidense, foi o primeiro a empregar o termo "Análise do Discurso". Dessa forma, é importante frisar que as correntes francesas da teoria do discurso, com tendência materialista, seriam o contraponto dos trabalhos anglo-saxônicos sobre discurso que apresentam interesse por proposições. Enfatiza-se que a linha anglo-saxônica foi influenciada por correntes interacionistas e apresenta fundamentação linguística-pragmática (MAINGUENEAU, 1997; ORLANDI, 2003).

Maingueneau (1997, p.15) aponta que:

Para avaliar a especificidade da "escola francesa da análise do

discurso", basta confrontá-la ao que, genericamente, é entendido, nos Estados Unidos, como "análise do discurso": uma disciplina dominada pelas correntes interacionistas e etnometodológicas que toma como objeto essencial de estudo a conversação ordinária.

Logo, trata-se de um campo heterogêneo. Há inúmeras linhas de Análise do Discurso. Entre elas, encontra-se a Análise de Discurso de base enunciativa, cujo principal teórico é o francês Dominique Maingueneau; e a Análise Dialógica do Discurso, vinculada ao Círculo de Bakhtin. É relevante também citar a vertente de Charaudeau, denominada por alguns como Análise Semiolinguística do Discurso. Além dessas correntes, existe também a Análise Crítica do Discurso, a Análise Sociopragmática do Discurso e a Análise Sociointeracional do Discurso (MACHADO TEIXEIRA, 2014).

Visto que existem inúmeras perspectivas de trabalho, optou-se aqui pelas vertentes francófonas de Análise do Discurso que afluíram nos anos 1960, período no qual as pesquisas sobre Análise Documentária também ganharam força no contexto francês. Essas vertentes são: a linha de Michel Pêcheux; a linha sociolinguística, representada por Jean Dubois, Jean Baptiste Marcellesi, Bernard Gardin e Louis Guespin, dentre outros; e a linha de Michel Foucault. Cada uma apresenta sua especificidade, com pontos de aproximação e com pontos de afastamento (GADET 2015; NARZETTI, 2010). Esses autores estão vinculados ao surgimento da Análise do Discurso no contexto francês. Logo, são os principais representantes de cada vertente.

### **3.1 A vertente pecheuxtiana de Análise do Discurso**

A vertente ligada a Michel Pêcheux está alicerçada em três domínios disciplinares, a saber, a Linguística, de Saussure; o Materialismo Histórico, de Marx; e a Psicanálise, de Freud. Pêcheux, em sua teoria, faz várias referências a Lacan e a Althusser, sobretudo, no que tange ao inconsciente e à ideologia na constituição do sujeito. Althusser, em sua releitura de Marx; Lacan, em releitura de Freud (ORLANDI, 2005, 2007).

Graças ao seu artigo de 1964 "Freud e Lacan", Althusser contribuiu para que a Psicanálise viesse à tona na vida intelectual francesa. A posição de Althusser tornou possível abrir o Marxismo ao pensamento freudiano e pôr fim à separação

imposta pela rejeição stalinista à Psicanálise (DOSSE, 1997).

Com Althusser, o retorno a Freud assumiu a forma de um recurso a Lacan, pois ambos estavam engajados em um empreendimento semelhante de elucidação epistemológica e crítica ideológica. Os dois teóricos travavam uma guerra contra o humanismo e o psicologismo em nome da ciência. Essa semelhança também foi aparente em sua renovação de um tipo particular de leitura das obras básicas de Marx e Freud (DOSSE, 1997).

A Análise do Discurso pecheuxtiana, portanto, é herdeira de três áreas do conhecimento: Linguística, Marxismo e Psicanálise. A Linguística tem um objeto próprio, isto é, a língua, a qual tem sua ordem própria. Destaca-se que a linguagem não é transparente. A partir do Marxismo, entende-se que há um real da história. O homem faz história, contudo esta não lhe é transparente também. A Psicanálise contribui com deslocamento da noção de homem para a de sujeito, constituído na relação com o simbólico, a saber, na história (ORLANDI, 2007).

Salienta-se que, nessa perspectiva discursiva, a língua é fato social, todavia não é uma estrutura fechada em si mesma. É lugar de tensões. Ela está sujeita a equívocos, isto é, falhas, lapsos, deslizamentos, mal-entendidos e ambiguidades. O discurso é entendido, na visão de Pêcheux, como efeito de sentido entre locutores (ORLANDI, 2007).

Um conceito muito importante na teoria do filósofo francês é o de *formação discursiva*, descrito por Michel Pêcheux (1995,p. 160) como:

[...] aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.).

O sistema de língua é o mesmo para o materialista e para o idealista, para o revolucionário e também para o reacionário, para aquele que possui determinado conhecimento e para aquele que não possui tal conhecimento. No entanto, é importante sublinhar que embora o sistema de língua seja o mesmo para esses personagens, os discursos são diferentes. A língua se apresenta como a base comum de processos discursivos diferenciados, que estão compreendidos nela na medida em que os processos ideológicos simulam os processos científicos (PÊCHEUX, 1995).

A concepção de ideologia, desenvolvida por Althusser, influencia a teoria de Pêcheux. Para o teórico, a ideologia interpela os indivíduos como sujeitos. Na perspectiva althusseriana, “só existe ideologia pelo sujeito e para sujeitos. Entenda-se: só existe ideologia para sujeitos concretos, e esta destinação da ideologia só é possível pelo sujeito: estenda-se, pela categoria de sujeito e pelo seu funcionamento” (ALTHUSSER, 1980, p.93).

Ao retomar o filósofo marxista, Pêcheux (1995) argumenta que tomar as ideologias como ideias e não como forças materiais e considerar que elas têm sua origem nos sujeitos, quando na verdade elas constituem os indivíduos em sujeitos, é um erro de dupla face.

Althusser, em seu livro *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*, discorre sobre os fundamentos reais de uma teoria não-subjetivista do sujeito, como teoria das condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção: a relação entre inconsciente e ideologia (PÊCHEUX, 1995).

Sob o ponto de vista da teoria de Pêcheux (1995, p.159 -160),

é a ideologia que, através do “hábito” e do “uso”, está designando, ao mesmo tempo, o que é e o que deve ser, e isso, às vezes, por meio de “desvios” linguisticamente marcados entre a constatação e a norma e que funcionam como um dispositivo de “retomada do jogo”. É a ideologia que fornece as evidências pelas quais todo mundo sabe o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado queiram dizer o que realmente dizem e que mascaram, assim, sob a transparência da linguagem, aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados.

Não existe, por conseguinte, neutralidade discursiva, mesmo diante do “uso mais aparentemente cotidiano dos signos” (ORLANDI, 2007, p. 9). Na *Análise do Discurso*, aspectos linguísticos, ideológicos e históricos se enlaçam. De acordo com Orlandi (1994, p. 54), “é no discurso que se pode apreender a relação entre linguagem e ideologia, tendo a noção de sujeito como mediadora: não há discurso sem sujeito nem sujeito sem ideologia. O efeito ideológico elementar é o que institui o sujeito (sempre já-lá)”.

Todo processo discursivo, segundo Pêcheux (1995, p. 92), se inscreve numa relação ideológica de classes. Por conseguinte, “a relação com a linguagem não é jamais inocente, não é uma relação com as evidências e poderá se situar face à articulação do simbólico com o político” (ORLANDI, 2007 p.95). A luta de classes é

um dos fios que conduzirá a Análise do Discurso vinculada a Pêcheux. O filósofo francês nunca separou teoria de política. A teoria, para ele, deve intervir na luta política, pensar o funcionamento e o papel das ideologias e da resistência (GREGOLIN, 2004).

### 3.2 A vertente sociolinguística de Análise do Discurso

Surgiram, nos anos sessenta, novas questões em torno do estruturalismo. Nesse horizonte, a Linguística desempenha um papel de liderança. O projeto intelectual da sociolinguística é interdisciplinar em seus próprios fundamentos, uma vez que representa o encontro de duas disciplinas, a saber, a Sociologia e a Linguística (BOUTET, MAINGUENEAU, 2005).

Na França, as questões em torno do discurso foram centrais nas discussões teóricas da Sociolinguística. Assim, os estudos sociolinguísticos versam sobre a questão sociológica do lugar da linguagem nas sociedades e no processo social. Além disso, tratam da variação linguística e da prática do uso social da linguagem (ACHARD, 1986).

Dessa forma, a Sociolinguística e a Análise do Discurso desenvolvem-se num espaço de práticas discursivas e linguísticas investidas pelas ciências da linguagem, por meio de uma interação constitutiva com outros campos das ciências sociais e humanas (BOUTET, MAINGUENEAU, 2005).

A vertente sociolinguística de Análise do Discurso, assim sendo, tem a Linguística como seu solo epistemológico, no entanto uma Linguística ampliada, renovada, a qual não deixa de fora de suas análises os aspectos sociais, os quais não foram problematizados pela Linguística estruturalista. Na perspectiva de Marcellesi e sua equipe, a Análise de Discurso faz parte do domínio particular da Sociolinguística (NARZETTI, 2010; ORLANDI, 2003). É importante sublinhar que as análises sociolinguísticas do discurso são marcadas por exames contrastivos e comparativos que valorizam o discurso político (MARCELLESI, 1971).

A Sociolinguística é caracterizada por um diálogo interdisciplinar entre Linguística e outras ciências sociais, especialmente, o marxismo (NARZETTI, 2010). A vertente sociolinguística francesa contribui com o reaparecimento de discussões

sobre as relações entre a língua e o social. Para entendimento dessa linha teórica, torna-se relevante, portanto, considerar os debates em torno do marxismo e da política (GADET, 2015). Teóricos como Marcelessi e Gardin concederam um amplo espaço à abordagem marxista da língua (CALVET, 2002).

Faz-se mister, ainda, enfatizar que a Análise do Discurso na França foi introduzida por Jean Dubois como parte do ensino de Linguística na Universidade de Nanterre. À medida que se desenvolve, centra-se nos problemas lexicológicos e na noção de dicionário estrutural (ACHARD, 1986).

Muitos intelectuais do período eram militantes de esquerda. Jean Dubois, por exemplo, era linguista e membro do Partido Comunista Francês, sendo responsável por vários grupos dinâmicos de pesquisa que contavam com a participação de membros linguistas (DOSSE, 1997).

É importante mencionar que ele também foi capaz de atrair especialistas de outras disciplinas para a Linguística. Dubois incitou toda uma geração a procurar um paralelo entre estruturas discursivas além das estruturas de classe e de vocabulário. Nota-se que o Partido Comunista Francês ainda exercia uma influência política no início dos anos sessenta. Assim, muitos intelectuais estavam ativos em suas fileiras (DOSSE, 1997).

Segundo Courtine (2010), Dubois favorecia a Análise do Discurso possivelmente por motivos políticos. Foi ele quem traduziu Harris na França. Posto isso, ele desejava que a Linguística tratasse de questões ligadas ao discurso. Dessa forma, nota-se que os teóricos da Análise do Discurso Francesa eram marxistas e estavam inseridos em debates políticos.

No plano epistemológico, Dubois contribuiu de forma decisiva para inserir a Análise do Discurso na Linguística. A partir de seus trabalhos sobre lexicologia aplicados ao vocabulário social e político, demonstrou que era possível renovar os métodos filológicos, baseando-se em abordagens linguísticas. Ao se abrir para o discurso político, deu uma base metodológica para a Análise do Discurso. O linguista também mostrou os limites de certo estruturalismo e promoveu o interesse pelo estudo dos processos enunciativos (MAINGUENEAU, 1996).

Sob a perspectiva da vertente sociolinguística, as palavras *enunciado* e *discurso*, segundo Guespin (1971, p.10), tendem a se organizar em oposição. Para o teórico, o enunciado é a sucessão de sentenças emitidas entre dois brancos semânticos, duas pausas de comunicação. O discurso, por sua vez, é o enunciado

considerado da perspectiva do mecanismo discursivo que o condiciona. Portanto, um olhar sobre um texto do ponto de sua estruturação em língua faz dele um enunciado; um estudo linguístico das condições de produção deste texto fará dele um discurso.

### 3.3 A vertente foucaultiana de Análise do Discurso

A vertente foucaultiana, por outro lado, não está situada na Linguística. Embora trate do discurso, não realiza uma análise do sentido. A análise arqueológica busca o fato do aparecimento histórico de um discurso. Vale ressaltar que o estudo do saber, em Foucault, não está limitado à análise do discurso ou dos regimes de enunciabilidade (NARZETTI, 2010). Para ele, “o discurso é algo inteiramente diferente do lugar em que vêm se depositar e se superpor, como em uma simples superfície de inscrição, objetos que teriam sido instaurados anteriormente” (FOUCAULT, 2008, p.48).

Sob a ótica de Michel Foucault (2008, p.31),

A análise do campo discursivo é orientada de forma inteiramente diferente; trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui. Não se busca, sob o que está manifesto, a conversa semi-silenciosa de um outro discurso: deve-se mostrar por que não poderia ser outro, como exclui qualquer outro, como ocupa, no meio dos outros e relacionado a eles, um lugar que nenhum outro poderia ocupar. A questão pertinente a uma tal análise poderia ser assim formulada: que singular existência é esta que vem à tona no que se diz e em nenhuma outra parte?

Os discursos, para Foucault (2008, p.55), são formados por signos; todavia o que fazem é mais que usar esses signos para indicar coisas. É esse mais, por conseguinte, que os coloca como irreduzíveis à língua e ao ato da fala. É esse mais, além disso, que deve aparecer e que é necessário descrever.

Na perspectiva foucaultiana, fazer aparecer o espaço em que se desenrolam os acontecimentos discursivos não é tentar restituí-lo em um isolamento que nada poderia superar; não é encerrá-lo em si mesmo; é tornar-se livre, a fim de descrever,

nele e fora dele, jogos de relações (FOCAULT, 2008, p.32).

Segundo o teórico (2008, p.55), “não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época; não é fácil dizer alguma coisa nova; não basta abrir os olhos, prestar atenção, ou tomar consciência, para que novos objetos logo se iluminem e, na superfície do solo, lancem sua primeira claridade”. Portanto, o discurso, nos dizeres de Foucault (2008, 61),

[...] não é a manifestação, majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa, que conhece, e que o diz: é, ao contrário, um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo. É um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos.

Foucault busca a compreensão da arqueogenealogia e da forma como se constroem as relações históricas entre os saberes e os poderes, a partir de temas diversificados (a loucura, o sistema prisional, a sexualidade). Ele trabalha em um campo vasto; insere o discurso no interior de uma ordem, porém evita o termo ideologia (SARGENTINI, 2006).

No dizeres de Michel Foucault (2008, p.43),

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva - evitando, assim, palavras demasiado carregadas de condições e consequências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão, tais como "ciência", ou "ideologia", ou "teoria", ou "domínio de objetividade"

Ainda que em Foucault não exista a noção althusseriana de aparelhos ideológicos, o teórico não nega a existência de um Poder de Estado. Ele trata das relações entre o discurso e seus poderes. Na verdade, ele mostra que existem, além do poder do Estado, outros poderes, os quais possuem natureza e mecanismos variados (GREGOLIN, 2006). Vale lembrar que, no início dos anos 50, Althusser introduziu seu público, incluindo Foucault, em Marx. Foi ele quem apresentou Foucault ao Partido Comunista Francês (DOSSE, 1997).

Na visão de Foucault, a análise das relações de poder não deve estar restrita ao estudo de um conjunto de instituições, mesmo aquelas que se enquadram como

políticas. As relações de poder estão inscritas no conjunto da rede social. É importante apontar que, conforme a linha foucaultiana, é impossível existir relação de poder sem pontos de insubmissão, pois os sujeitos lutam. Destarte, nenhum poder é pleno (GREGOLIN, 2006).

### **3.4 Aproximações e distanciamentos entre as vertentes francesas de Análise do Discurso**

Nas três linhas, discurso não se confunde com língua e fala, ainda que cada uma apresente sua peculiaridade. Diante da pluralidade de estudos, é importante marcar as semelhanças e dessemelhanças de cada linha (NARZETTI, 2010). As diferenças teóricas entre Pêcheux e Foucault envolvem à maneira de se situarem diante das propostas de Althusser. Em Foucault, faltam as categorias clássicas do marxismo, sobretudo, ideologia e luta de classes. Há, por conseguinte, entre eles, diferenças na leitura de Marx (GREGOLIN, 2006).

Pêcheux e a linha sociolinguística se aproximam pelo referencial marxista. As duas linhas abordam questões referentes à luta de classes e à ideologia (NARZETTI, 2010). Já Foucault não se preocupa em marcar posição como marxista. Vale ressaltar que Foucault e Pêcheux não são adversários no que concerne a uma teoria do discurso, porquanto suas propostas teóricas não se encontram em oposição, mas em complementariedade (GREGOLIN, 2006).

O sentido das palavras, na perspectiva de Pêcheux, muda conforme a posição na luta de classes daqueles que as utilizam. Já para Foucault, o sentido do enunciado muda conforme as relações com outros enunciados são estabelecidas. O autor de *A arqueologia do Saber* não trabalha com a relação entre linguagem, ideologia e inconsciente, na figura do simbólico. Ele não se preocupa com teorização de mecanismos da linguagem. Pêcheux, por seu turno, esteve mais ligado às problemáticas da Linguística (GREGOLIN, 2006).

Desse modo, a diferença entre o conceito de discurso da linha foucaultiana em relação as outras duas linhas está no fato de que o discurso não está relacionado com as formações ideológicas. Foucault, portanto, recusa o conceito de ideologia como algo pertinente para análise dos saberes.

Logo, realça-se que embora a linha de Pêcheux e a linha sociolinguística se

aproximem pela presença da luta de classes em suas teorias, apresentam visões diferentes no que tange à Linguística. Para Marcellesi e seu grupo, a Análise do Discurso está inserida na Linguística; para Pêcheux, está articulada entre a Linguística, o Materialismo Histórico e a Psicanálise.

### 3.5 O Sujeito do Discurso

Análise do Discurso Francesa, na perspectiva de Pêcheux, considera uma materialidade dupla, isto é, a da língua (estrutura) e da história (acontecimento). Posto que o sujeito é afetado pelo inconsciente e constituído de ideologia, ele não é totalmente livre, não é fonte única de sentido. Destarte,

[...] o sujeito do discurso coloca em fluxo palavras já ditas antes em outro lugar, e que já tiveram seus usos sociais estabelecidos e tensionados em diferentes momentos sócio-históricos. Existe assim uma memória discursiva, uma memória do dizer que funda-se como uma propriedade constitutiva da linguagem e do sujeito, apontando o primado do interdiscurso em cada palavra atualizada. Em outros termos, há o saber discursivo sobre o mundo que está latente na linguagem, que sustenta o que é dito a partir do que já foi posto em outros momentos e que lateja a cada nova (re)tomada de dizer (MOSTAFA; AMORIN; SOUSA, 2014,p.16).

Na Análise do Discurso pecheuxtiana, o sujeito não é intencional. A ideologia torna possível a relação palavra/coisa. Têm-se para isso as condições de base, a língua e o processo, que é discursivo, no qual a ideologia torna possível a relação entre o pensamento, a linguagem e o mundo, ou seja, reúne sujeito e sentido. O sujeito, portanto, se constitui e o mundo se significa pela ideologia (ORLANDI, 2007, p. 95-96).

Assim, ainda que a língua tenha sua ordem própria, ela é relativamente autônoma. Diferentemente da Linguística, a Análise do Discurso reintroduz a noção de sujeito e de situação na análise da linguagem. A história tem seu real afetado pelo simbólico, isto é, os fatos reclamam sentidos. O sujeito de linguagem é descentrado, porquanto é afetado pelo real da língua e também pelo real da história; não possui o controle sobre o modo como elas o afetam. Logo, o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia (ORLANDI, 2007).

O sujeito é incompleto, afetado pelo inconsciente e pela ideologia (ORLANDI,2003). Os efeitos de sentido são dependentes daquele que enuncia e de

seu interlocutor. Devido ao efeito ideológico, o sujeito está condicionado a não poder dizer qualquer coisa, de qualquer lugar, pois o contexto sócio-histórico o determina. O sujeito, assinala Pêcheux (1995, p.163), se constitui pelo esquecimento daquilo que o determina.

Para o filósofo francês,

o recalque inconsciente e o assujeitamento ideológico estão materialmente ligados, sem estar confundidos, no interior do que se poderia designar como o processo do Significante na interpelação e na identificação, processo pelo qual se realiza o que chamamos as condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção (PÊCHEUX, 1995, p.133).

O caráter comum das estruturas-funcionamentos denominadas como ideologia e inconsciente é o de dissimular sua própria existência no interior mesmo do seu funcionamento, a ponto de produzir um tecido de evidências subjetivas, entende-se aqui este último adjetivo não como que afetam o sujeito, mas nas quais se constitui o sujeito (PÊCHEUX, 1995 p.152-153).

A condição da linguagem, assinala Orlandi (2007, p.52), é a incompletude. Os sujeitos e os sentidos, em síntese, não estão completos, já feitos, constituídos de maneira definitiva. Eles se constituem e funcionam a partir do modo de entremeio, da relação, da falta, do movimento. Essa incompletude prova a abertura do simbólico, porquanto a falta é o lugar do possível.

É importante pontuar que há uma tensão epistemológica envolvendo a Análise do Discurso e a Pragmática no que tange a noção de sujeito. Segundo Possenti (2003a, p.363), pesquisador brasileiro influenciado pelos trabalhos de Dominique Maingueneau,

a pragmática é o verdadeiro Outro da AD. Por mais que também combata as gramáticas formais e universais, que se afaste das sociologias da linguagem e das semânticas lógicas, seu verdadeiro adversário é a pragmática. O que é perfeitamente compreensível, pois é a pragmática que disputa com a AD o mesmo espaço - o do "sentido não-literar".

Possivelmente, as divergências entre a Análise do Discurso e a Pragmática estão concentradas nas questões do sujeito e do contexto (POSSENTI, 2003a). É sabido que os debates vinculados à constituição do sujeito no campo da linguagem

envolvem acirradas discussões. Não há consenso no assunto, nem verdades absolutas. Eni Orlandi (2007, p.95) aponta que:

À diferença do que pensa a Pragmática, asseveramos que o sujeito discursivo não realiza apenas atos. Se, ao dizer, nos significamos e significamos o próprio mundo, ao mesmo tempo, a realidade se constitui nos sentidos que, enquanto sujeitos, praticamos. É considerada dessa maneira que a linguagem é uma prática; não no sentido de efetuar atos mas porque pratica sentidos, intervém no real. Essa é a maneira mais forte de compreender a práxis simbólica. O sentido é história, O sujeito do discurso se faz (se significa) na/pela história. Assim, podemos compreender também que as palavras não estão ligadas às coisas diretamente, nem são o reflexo de uma evidência.

O termo *pragmática*, de acordo com Charles Morris (1985), foi cunhado por referência ao termo *pragmatismo*. É plausível supor o significado permanente do pragmatismo reside no fato de que ele tem dado uma atenção mais direta à relação entre signos e seus usuários, bem como ter apreciado mais profundamente, mais do que em momentos anteriores, a relevância dessa relação para a compreensão das atividades intelectuais. O termo *pragmática*, na visão do autor, serve para sublinhar a importância das realizações de Peirce, James, Dewey e Mead no campo da semiótica. Ao mesmo tempo, *pragmática*, termo especificamente semiótico, requer a sua própria formulação.

A semiótica de Charles Morris encontra-se fora das correntes estruturalistas da semiótica do século XX. O teórico apresenta o estudo dos signos num quadro interdisciplinar. Sua influência, nos anos 30 e 40, no desenvolvimento da história da Semiótica foi decisiva (NÖTH, 1996).

Na perspectiva de Morris (1985), a semiótica possui dupla relação com as ciências. Ela é ao mesmo tempo uma ciência entre as ciências e um instrumento das ciências. Como ciência a importância da semiótica consiste no fato de ser uma etapa na unificação da ciência, pois oferece fundamento a qualquer ciência especial de signos, como a linguística, a lógica, a matemática, a retórica e a estética.

A semiótica fornece uma linguagem geral aplicável a qualquer espécie de linguagem ou signo, e também se aplica à linguagem da ciência e aos signos específicos que são utilizados na ciência. A teoria dos signos é um instrumento útil para purificação, simplificação e sistematização da linguagem (MORRIS, 1985).

O processo em que algo funciona como um signo pode ser denominado de semiose. A semiose possui três componentes: veículo sógnico, designatum e interpretante. Veículo sógnico é aquilo que atua como um signo. Designatum, por sua vez, é aquilo a que o signo se refere. Já o interpretante é o efeito sobre um intérprete em virtude do qual a coisa em questão é um signo para esse intérprete. O intérprete pode ser incluído como um quarto fator. Signo, designatum, interpretante e intérprete, por conseguinte, são termos que se implicam uns aos outros, uma vez que são apenas maneiras de se referir a aspectos do processo de semiose (MORRIS, 1985).

A semiose possui três dimensões, a saber, Sintática, Semântica e Pragmática. A Sintática estuda a relação entre um dado veículo do signo e outros veículos do signo; a Semântica estuda as relações entre veículos do signo, e seus designata; e a Pragmática estuda a relação entre os veículos do signo e seus intérpretes (NÖTH, 1996).

Pragmática, portanto, é o ramo da semiótica que estuda a origem, os usos e os efeitos dos signos (NÖTH, 1996). É importante considerar que Morris sofreu forte influência do Pragmatismo clássico, visto que suas principais teses acompanham as expectativas teóricas de seus fundadores, incluindo Peirce. A Pragmática, na perspectiva do teórico estadunidense, trouxe várias contribuições que levantaram o problema da linguagem a partir do ponto de vista do sujeito. Foi uma tentativa de inserção do sujeito na teoria linguística (ALMEIDA, 2009).

Um signo linguístico, em termos pragmáticos, de acordo com o filósofo estadunidense, é usado em combinação com outros signos por membros de um grupo social; uma língua é um sistema social de signos que medeia as respostas dos membros de uma comunidade entre si e o seu entorno. Compreender uma língua, de acordo com o teórico, é empregar somente aquelas combinações e transformações de signos que não são proibidas pelos usos do grupo social em questão; é, além disso, denotar objetos e situações tal como fazem os membros desse grupo, é ter, também, as expectativas que os outros têm no momento em que certos veículos sógnicos são empregados, e é expressar os seus próprios estados assim como os outros fazem. Em síntese, compreender uma língua ou usá-la corretamente é seguir as regras de seu uso (sintáticas, semânticas, e pragmáticas) na comunidade social (MORRIS, 1985).

O estudo da relação dos signos com o contexto de uso, segundo Carlos Vogt

(1979), faz parte da investigação na dimensão pragmática da semiose. Considera-se, portanto, que o emprego de uma frase é um fenômeno interindividual, a saber, um acontecimento na história das relações entre vários indivíduos. Na visão do pesquisador, é a situação em que o indivíduo se encontra em relação a outras pessoas que autoriza ou permite que determinada frase seja utilizada. Cada frase empregada decorre da intenção de produzir, nas pessoas, certo efeito.

Na Pragmática, o sujeito sabe o que se passa no momento em que participa do evento discursivo. Ele apresenta intenções que deseja torná-las conhecidas e busca concretizar objetivos. Detém conhecimentos em relação à língua e às circunstâncias que envolvem sua utilização. É também capaz de realizar cálculos sofisticados e relativamente conscientes. Possui, ademais, a capacidade de escolher as formas mais adequadas, para que os efeitos que deseja sejam obtidos da melhor maneira possível. O sujeito é capaz de selecionar fatores relevantes do contexto, a fim de interpretar sequências linguísticas (POSSENTI, 1996).

Nota-se que a Análise do Discurso não associa texto e contexto, à maneira de algumas teorias da coerência, da mesma forma que não associa enunciados a contextos. A fim de superar as noções de contexto da visão pragmaticista, o conceito de circunstâncias é substituído pelo conceito de condições de produção na perspectiva discursiva (POSSENTI, 2003a).

O conceito de contexto está ligado a elementos externos aos textos. Ele envolve a situação comunicativa, na qual o texto é produzido. O conceito é revisto, pois para a teoria do discurso a exterioridade não se encontra fora do discurso, mas é dele constitutiva. O contexto é englobado pela noção de condições de produção (FERREIRA, 2001).

Possenti (1995, 2003b), ao tratar do embate epistemológico entre Análise do Discurso Francesa e Pragmática, argumenta que embora não seja apenas o inconsciente que funcione, ele não pode ser dispensado. Torna-se necessário, portanto, separar o que o sujeito sabe daquilo que ele não sabe. A presença do outro, para o autor, não apaga o eu totalmente, no entanto mostra que o eu não está sozinho.

Torna-se relevante, diante da necessidade interdisciplinar, a criação de pontes entre disciplinas que a princípio não dialogam. Salienta-se a necessidade articulação entre pensamentos considerados dissonantes. Não se deve colocar um ponto final nas possibilidades de diálogo entre as duas áreas. Não se trata de uma

questão fechada. Dialogar com o diferente é um desafio diante da complexidade.

Ainda que uma das principais diferenças entre as áreas esteja na forma de compreensão do sujeito, de acordo com Possenti (1996, p.75),

se definirmos a pragmática pela sua via mais clássica, lembrando Morris, falar da relevância de fatores pragmáticos será postular a necessidade de levar em conta o papel do próprio falante na análise de fatos da linguagem. De uma certa maneira, poder-se-ia dizer que a AD faz a mesma coisa, e, por isso, ela nem deveria distinguir-se da pragmática.

Talvez seja importante considerar a hipótese de que as ideias de sujeito intencional e sujeito não intencional são duas verdades que se integram. Da mesma forma, os sujeitos individual e social não são excludentes, mas sim complementares. Ainda que a Análise do Discurso Francesa e a Pragmática disputem espaços no campo do saber, o qual também é um campo de poder, é possível uma negociação teórica, a fim de se refletir sobre a questão do sujeito na linguagem.

Michel Foucault também traz importantes contribuições para a noção de sujeito. Em seus estudos, seu objetivo foi criar uma história dos diferentes modos pelos quais os seres humanos se tornam sujeitos em nossa cultura. O sujeito é o tema geral de sua pesquisa, embora o teórico tenha se envolvido bastante com as questões ligadas ao poder. Para ele, o sujeito humano é colocado em relações de produção e de significação e também em complexas relações de poder. Assim, a fim de se compreender o que são as relações de poder, na visão do teórico francês, talvez fosse necessário investigar as formas de resistência e as tentativas de dissociar estas relações (Foucault, 2005).

Para ele, falar de sujeito é tratar de "modos de subjetivação". Assim, o autor traz reflexões sobre como o ser humano se transforma em sujeito. É importante mencionar que não se trata do sujeito psicológico. Na perspectiva foucaultiana, subjetivação e subjetividade não são processos ou estados "da alma" da experiência particular de cada pessoa. As concepções foucaultianas de sujeito do discurso e de subjetividade apresentam aspectos bem específicos (FISCHER, 1999).

Foucault aponta que existem dois significados para a palavra *sujeito*, a saber: sujeito a alguém por meio do controle e da dependência; e sujeito amarrado à sua própria identidade pela consciência ou pelo conhecimento si. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e assujeita (FOUCAULT, 1995, p.235).

A partir de sua perspectiva teórica, em geral, pode-se dizer que há três tipos de lutas: contra as formas de dominação (étnica, social e religiosa); contra as formas de exploração, as quais separam os indivíduos daquilo que eles produzem; ou contra aquilo que liga o indivíduo a si mesmo e, desta forma, o submete a outros (lutas contra a sujeição, contra as formas de subjetivação e submissão). Na história, muitos exemplos podem ser encontrados destes três tipos de lutas sociais, isoladas umas das outras ou em conjunto; todavia, mesmo quando estão misturadas, uma delas, quase sempre, se sobressai (FOUCAULT, 1995, p.235).

Pode-se dizer que todos os tipos de sujeição consistem em fenômenos derivados, os quais são consequências de outros processos econômicos e sociais, isto é, o poder de produção, a luta de classes e as estruturas ideológicas que determinam a forma da subjetividade. Os mecanismos de sujeição não podem ser estudados de modo independente das suas relações com os mecanismos de exploração e dominação. Eles, desse modo, mantêm relações complexas e circulares com outras formas (FOUCAULT, 1995, p.235).

As relações de poder se exercem por meio da produção e do intercâmbio de signos. Além disso, não são dissociáveis das atividades finalizadas, sejam aquelas que permitem o exercício do poder, como por exemplo, as técnicas de adestramento, os processos de dominação e as maneiras como a obediência é obtida; ou aquelas que recorrem às relações de poder com o objetivo de desenvolver seu potencial, a saber, a divisão do trabalho e a hierarquia das tarefas (FOUCAULT, p. 241).

O exercício do poder é um modo de ação de alguns sobre outros. Logo, existe o poder exercido por “uns” sobre outros. O poder só existe em ato, embora caia num campo de possibilidades dispersas, o qual se apoia sobre estruturas permanentes. Isso significa que o poder não é um tipo de consentimento. Em si, não é uma renúncia à liberdade, transferência de direitos, poder de todos e de cada um delegado a alguns. A relação de poder pode ser o efeito de um consentimento permanente ou prévio, contudo não é por natureza a manifestação de um consenso (FOUCAULT, 1995, p. 242-243).

Para Foucault (1995, p. 243),

De fato, aquilo que define uma relação de poder é um modo de ação que não age direta e imediatamente sobre os outros, mas que age sobre sua própria ação. Uma ação sobre a ação, sobre ações

eventuais, ou atuais, futuras ou presentes. Uma relação de violência age sobre um corpo, sobre as coisas; ela força, ela submete, ela quebra, ela destrói; ela fecha todas as possibilidades; não tem, portanto, junto de si, outro polo senão aquele da passividade; e, se encontra uma resistência, a única escolha é tentar reduzi-la. Uma relação de poder, ao contrário, se articula sobre dois elementos que lhe são indispensáveis por ser exatamente uma relação de poder: que "o outro" (aquele sobre o qual ela se exerce) seja inteiramente reconhecido e mantido até o fim como o sujeito de ação; e que se abra, diante da relação de poder, todo um campo de respostas, reações, invenções possíveis.

Para o teórico, a relação de poder e a insubmissão da liberdade não podem ser separadas. Ao relatar que o sujeito ocupa certo lugar na ordem do discurso e não é dono livre de seus atos discursivos, o autor não está negando que, individualmente, as pessoas se percebam como únicas (FOUCAULT, 1995; FISCHER, 1999).

O poder só se exerce sobre "sujeitos livres", enquanto "livres" - entendendo-se por isso sujeitos individuais ou coletivos que têm diante de si um campo de possibilidade onde diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento podem acontecer. Não há relação de poder onde as determinações estão saturadas - a escravidão não é uma relação de poder, pois o homem está acorrentado (trata-se então de uma relação física de coação) - mas apenas quando ele pode se deslocar e, no limite, escapar. Não há, portanto, um confronto entre poder e liberdade, numa relação de exclusão (onde o poder se exerce, a liberdade desaparece); mas um jogo muito mais complexo: neste jogo, a liberdade aparecerá como condição de existência do poder (ao mesmo tempo sua precondição, uma vez que é necessário que haja liberdade para que o poder se exerça, e também seu suporte permanente, uma vez que se ela se abstraísse inteiramente do poder que sobre ela se exerce, por isso mesmo desapareceria, e deveria buscar um substituto na coerção pura e simples da violência); porém, ela aparece também como aquilo que só poderá se opor a um exercício de poder que tende, enfim, a determiná-la inteiramente (FOUCAULT, 1995, p. 244).

Ainda que as relações de poder estejam enraizadas no tecido social, isso não quer dizer que exista um princípio de poder, primário e fundamental, que domine a sociedade até os mínimos detalhes. Há formas distintas de poder. Os modos de governo dos homens são múltiplos numa sociedade. Eles se sobrepõem, se cruzam, se limitam, se anulam e, às vezes, se reforçam (FOUCAULT, 1995, p. 247).

O teórico francês mostrou, em seus estudos, como os processos de

subjetivação se mostram diversos em diferentes contextos, produzindo estilos de vida peculiares. Em sua obra, manteve um olhar crítico em direção a diversas formas de sujeição do homem, presentes nos campos institucionais, nas técnicas, nos procedimentos, nas estratégias, nos discursos e nas arquiteturas ao longo dos anos (FISCHER, 1999).

A cada momento, a relação de poder pode ser convertida e se transformar em um embate entre adversários. Além disso, as relações de adversidade, em uma sociedade, levam ao estabelecimento de mecanismos de poder. Essa instabilidade permite que os mesmos processos, os mesmos eventos e as mesmas transformações sejam decifrados tanto dentro de uma história de lutas como na história das relações e dos dispositivos de poder. A dominação, nessa perspectiva, é uma estrutura global de poder. Sendo assim, suas ramificações e suas consequências são, em certas circunstâncias, encontradas até mesmo no enredo mais tênue da sociedade. Ademais, a dominação é uma situação estratégica mais ou menos adquirida e solidificada em um confronto de longo alcance histórico entre adversários (FOUCAULT, 1995).

Indivíduos diferentes, para Foucault, podem ocupar o lugar de sujeito de um mesmo discurso, isto é, o ponto de origem do discurso não estaria em sujeitos individuais. Desse modo, o sujeito do enunciado pode ser ocupado por diferentes indivíduos. Para ele, ademais, o poder se faz presente tanto no lado de quem exerce o poder, como no lado daquele sobre o qual o poder é exercido. Nos dois lados existem agentes e lugares para respostas, reações e efeitos. Por conseguinte, na sociedade ocidental, as estratégias de poder estão cada vez mais sofisticadas e complexas (FISCHER, 1999).

Diante do exposto, observar-se-á uma tensão sobre a noção de sujeito no debate epistemológico. De um lado, há perspectivas que apresentam um sujeito com autonomia; do outro, linhas que consideram o sujeito preso a imposições exteriores. Essa questão merece um olhar cuidadoso, visto a necessidade de encontrar um equilíbrio nessas posições. Dessa forma, os trabalhos de Pêcheux e Foucault podem contribuir de maneira considerável para a discussão no campo informacional.

O capítulo a seguir tratará das principais pesquisas e contribuições teóricas nascidas da relação entre Ciência da Informação, Organização do Conhecimento e Análise do Discurso, a partir de uma perspectiva crítica. Dessa forma, não se trata

de uma análise bibliométrica, mas conceitual, com ênfase nas ideias e nos trabalhos.

## 4 A ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO : INTERAÇÕES INTERDISCIPLINARES NO CONTEXTO BRASILEIRO

Nos dizeres Mostafa (1996, p.5),

uma área fundante para a Ciência da Informação é o tratamento da linguagem, pouco desenvolvido pela biblioteconomia e de difícil desenvolvimento também pelos cientistas da informação, porque envolve aprofundar dispositivos desenvolvidos em outras áreas, como a lingüística, a qual, outra vez, como disciplina, também remodela seus espaços de conhecimento, aprofundando áreas (áreas de concentração) cujo resultado é a fundação ou a configuração de novas disciplinas. Por exemplo, a análise de discurso é uma disciplina constituída, na visão de alguns dos seus analistas, no entremeio entre a lingüística e as ciências sociais. As áreas de concentração são, pois, áreas de contradição. É no ponto onde a concentração está sendo exigida que está a contradição - é o lugar de novas ciências e de novas revistas.

O pluralismo epistemológico e o estabelecimento de um campo interdisciplinar, na visão de Souza (2012), são referências das condições epistemológicas gerais da Ciência da Informação. Para ele, as relações interdisciplinares estão fundamentadas em três elementos, os quais constituem as condições de produção do seu domínio epistemológico. O primeiro é a dedicação de pesquisadores que atuam em diversas áreas na solução de problemas informacionais. O segundo é a consequente convergência dessas áreas em volta dos referidos problemas. Por último, a complexidade do objeto de estudo.

A poliepistemologia da Ciência da Informação é motivo de grandes polêmicas e debates, todavia é um assunto tratado por González de Gómez (2000,p.4) :

Em primeiro lugar, a metodologia da Ciência da Informação deve dar conta de seu caráter poliepistemológico -antes que interdisciplinar ou multidisciplinar: Com efeito, além de tratar-se de um termo flutuante que, tal como o de 'democracia', produz diferentes efeitos de sentido em diferentes contextos, "informação" designa um fenômeno, processo ou construção vinculado a diversas "camadas" ou "estratos" de realização. Formam parte desses estratos a linguagem, com seus níveis sintáticos, semânticos e pragmáticos e suas plurais formas de expressão - sonoras, imagéticas, textuais, digitais/analógicas-; os sistemas sociais de inscrição de significados – a imprensa e o papel, os meios audiovisuais, o *software* e o *hardware*, as infra-estruturas das redes de comunicação remota; os sujeitos e organizações que

geram e usam informações em suas práticas e interações comunicativas.

Acredita-se que, por meio da interdisciplinaridade, é possível a realização de um intercâmbio de saberes e de conhecimentos. Contudo, vale ressaltar que isso deveria ser algo mais concreto. Não é suficiente a apropriação de termos, conceitos e métodos de outras áreas para a Ciência da Informação, pois isso não é sinônimo de que realmente ocorra uma relação dialógica. É mister que as disciplinas envolvidas tenham uma identidade estabelecida, para que, por meio de visões diferentes, se chegue à compreensão de um objeto comum (CARVALHO; CRIPA, 2013, p.248).

É oportuno apontar também que:

a interdisciplinaridade é assumida como espaço logicamente estabilizado, no discurso da ciência da informação; no entanto, uma questão não dita expressamente nas discussões sobre a interdisciplinaridade, em particular, e a integração disciplinar, de forma ampla, diz respeito ao campo de lutas e forças que as constituem, com toda a carga de determinações sociais, políticas, econômicas e, notadamente, ideológicas (SOUZA; DIAS, 2011, p.65).

Na perspectiva de Almeida Júnior (2009), ainda que sejam procuradas, a imparcialidade e a neutralidade não se realizam no campo informacional. A informação apresenta significados e concepções que extrapolam o aparente. Ela não se revela desnuda de interesses econômicos, políticos e culturais, porquanto está imersa em ideologias.

Museus, bibliotecas, arquivos e centros de documentação, de acordo com Romão (2012), podem ser considerados como lugares de dizeres autorizados. As posições-sujeito que esses lugares inscrevem são passíveis de reflexão. A camada imaginária de legitimidade aponta para uma direção que se apresenta como verdadeira e, simultaneamente, silencia outros modos de dizer. Instala-se, por conseguinte, uma voz institucionalizada, a qual determina o que pode e deve ser guardado, arquivado, mostrado e exposto, deixado de lado, a partir do efeito ideológico de evidência, sentidos tidos como indesejáveis.

De acordo com Freire e Aquino (2000), há um sujeito que produz informação. Essa relação entre sujeito e informação produz sentido. O entendimento da

informação como produtora de efeitos de sentido dependerá do lugar em que o sujeito está situado, do lugar onde ele fala, de onde as relações são estabelecidas e das condições de produção. A construção da informação, nesse prisma, é relacional, a saber, dependerá do lugar em que os sujeitos estiverem instaurados. A informação é, portanto, um conceito plural e complexo.

Logo, nos dizeres de Romão (2012, p.80-81), há “sempre algo que é deixado de fora para que o arquivo seja estruturado, o que me permite dizer, em consonância com a teoria discursiva, que cada arquivo há muitos outros calados a latejarem no vir a ser”. Em um horizonte repleto de desafios, o estudo dos processos discursivos tem trazido e poderá trazer inúmeras contribuições ao campo informacional. Ainda que o desafio intelectual seja grande, a presença teórico-metodológica da Análise do Discurso no campo informacional ajudará a entender os processos linguísticos, ideológicos, sociais e políticos tão presentes na organização e na disseminação da informação. Há diversos caminhos que poderão ser percorridos, os quais trarão benefícios à produção científica da Ciência da Informação.

No campo da informação, segundo Souza (2012, p.13), os discursos sobre a interdisciplinaridade, levando em conta as diversas formações discursivas e os interdiscursos, produzem uma série de efeitos de sentido em vários espaços epistemológicos, desde a constituição de seu objeto de estudo até a compreensão mais ampla do processo do campo disciplinar.

Engana-se quem pensa que o jogo político e ideológico está distante da forma como o conhecimento é representado e organizado. A informação não é neutra, pois está também numa dimensão discursiva. Logo, a Organização do Conhecimento, é afetada pelas disputas de poder. Ainda que a interdisciplinaridade seja repleta de paradoxos, não se pode fugir dela. Quando se estuda a informação, é necessário percorrer por outros campos do conhecimento científico. Torna-se necessário, portanto, a edificação de áreas interdisciplinares. Nessa linha de raciocínio, oriundas do pós-Guerra, Ciência da Informação e Análise do Discurso podem contribuir para enfrentamento das dificuldades geradas pela fragmentação do conhecimento. Podem, além disso, contribuir para uma compreensão mais profunda da informação e seus processos.

Os profissionais da informação trabalham com guarda, organização, recuperação e disseminação da informação. Nesse cenário, é importante ressaltar o

papel social e também político daqueles que trabalham com os fluxos informacionais. Entender o contexto em que as informações são produzidas e utilizadas se torna um fator decisivo numa sociedade marcada pelas desigualdades sociais, econômicas e linguísticas. Não se pode negar que “o trabalho com a informação também reclama a compreensão e a interpretação de documentos e dados que sozinhos pouco dizem, mas que precisam ser pensados dentro de um campo maior de articulações” (MOSTAFA; AMORIN; SOUSA, 2014, p.17).

A ação da informação, segundo González de Gómez (2000), se dá em três dimensões: semântico-discursiva, metainformacional e infraestrutural. Na dimensão semântico-discursiva, observar-se-ão as condições daquilo que é informado, a partir de pontes com o universo prático-discursivo relacionado a sua semântica ou conteúdo. Na primeira dimensão, o conhecimento antropológico-linguístico é essencial. Na dimensão metainformacional, é necessário conhecimento organizacional, pois regras de sua interpretação e distribuição são estabelecidas. Além disso, ocorre a especificação do contexto, no qual a informação está inserida. Na última dimensão, que exige conhecimento técnico e tecnológico, chamada infraestrutural, acontece a disponibilização de um valor ou conteúdo, por meio de sua inscrição, tratamento, armazenagem e transmissão.

A informação como objeto científico está inserida numa dimensão semântico-discursiva. Ademais, se envolve nos aspectos linguísticos, culturais, econômicos, políticos, tecnológicos, sociais e históricos presentes nas relações humanas. Assim, o campo informacional é tão complexo que pede uma rede científica de cooperação, na qual todos os aspectos citados sejam considerados, possibilitando assim, que o estudo da informação agregue valor à sociedade.

Nesse horizonte, a Análise do Discurso de matriz francesa, se apresenta como uma disciplina capaz de dialogar com Ciência da Informação, a fim de que exista um aprofundamento na relação discurso/informação, porquanto o estrato semântico-discursivo da informação não pode ser ignorado. Torna-se, por conseguinte, fundamental responder as seguintes perguntas, considerando a relação informação/discurso: Qual informação é produzida? Por quem foi produzida? Para quem foi produzida? Como foi produzida? Por que foi produzida? Onde foi produzida? Em que língua foi produzida? Quando foi produzida? Quais os efeitos de sentido gerados ?

Desse modo, em torno dos modos de ordenar e representar o conhecimento,

existem conflitos, interesses econômicos, injustiças sociais e embates políticos. Sob a luz da Análise do Discurso de matriz francesa, é importante considerar esses aspectos, porquanto a esfera ideológica está presente no modo como o conhecimento é tratado. As instituições responsáveis pela guarda de documentos relevantes para sociedade são lugares de disputa de poder. Por conseguinte, a Teoria do Discurso Francesa coopera na interpretação dos processos linguísticos, ideológicos e políticos que se manifestam nas formas de ordenar, representar e disseminar a informação e o conhecimento.

Nessa perspectiva interdisciplinar, Capurro (2003) assinala que Michel Foucault influenciou a reflexão filosófica da Ciência da Informação. Bernd Frohmann (2008), ao tratar da importância de conciliar estudos sobre o fenômeno da informação com pesquisas sobre práticas sociais e públicas, aponta a necessidade de se ater a questões ligadas à materialidade da informação. O pesquisador argumenta que estudar documentação é analisar as consequências e os efeitos da materialidade. Para isso, recorre ao trabalho de Foucault.

Frohmann (2008) explica que os estudos sobre enunciado de Foucault são muito úteis, para pensar as relações entre documentos e materialidade da informação. Assim, a partir de um olhar foucaultiano, o pesquisador canadense assinala que a documentação apresenta um poder constitutivo diferente de sua função comunicativa. Aponta também que o interesse de Foucault é a documentação como um meio capaz de transmitir poder gerativo e formativo. Logo, o foco do teórico francês não está na documentação como um meio de comunicação.

Frohmann (2008) aponta que:

[...] existe um caminho direto a partir da análise do discurso de Foucault (a análise dos enunciados) para o estudo da materialidade da informação. O conceito de ligação é a documentação. Práticas documentárias institucionais lhe dão peso, massa, inércia e estabilidade que materializa a informação de forma tal que ela possa configurar profundamente a vida social.

Para o autor canadense, as investigações sobre materialização da informação, por meio da documentação, auxiliam na compreensão do caráter público e social da informação e na identificação dos campos de força, os quais configuram características públicas e sociais da informação (FROHMANN, 2008).

#### 4.1 A vertente francesa de Análise Documental no contexto brasileiro em sua relação com a Análise do Discurso

A vertente francesa de Análise Documental tem em Jean-Claude Gardin um dos seus principais teóricos. Ele foi um dos primeiros pesquisadores a argumentar que a atividade de representação documentária está inserida no universo da linguagem. Por conseguinte, os estudos da área visam à representação do conteúdo informacional do documento, a fim de facilitar sua consulta (VOGEL, 2009; ALMEIDA, 2011).

Os estudos de Gardin despontam na França dos anos 1960, mesmo período em que emerge a Análise do Discurso no país. Vale ressaltar que o teórico recebeu críticas de Pêcheux. Segundo Achard (1986), contra o positivismo latente da abordagem dominante na psicologia social experimental, Pêcheux defende a intervenção da materialidade discursiva global e sua ancoragem na dimensão da Linguística. O filósofo francófono também lutou em outra frente, a saber, contra o positivismo operacional da Análise de Conteúdo, semiotizado ou informatizado, proposta por autores como Jean-Claude Gardin.

Em solo brasileiro, a Análise Documental de matriz francesa foi disseminada e institucionalizada pelos trabalhos e esforços de Johanna Smit, orientanda de doutorado de Gardin, com a criação do Grupo Temma nos anos 80, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, (GUIMARÃES; SALES 2010; ALMEIDA, 2011).

O Grupo Temma é formado, em sua maioria, por pesquisadores da Universidade de São Paulo e alguns pesquisadores da Universidade Estadual Paulista de Marília. Suas pesquisas estão voltadas para a construção de conhecimentos relacionados à Análise Documentária e Organização da Informação (VOGEL, 2009). Assim, a vertente gardiniana de Análise Documental se enraizou em terras brasileiras e passou a influenciar os estudos sobre documentação no país.

A Análise Documentária, de acordo com Cunha (1987), é um conjunto de procedimentos realizados com o objetivo de expressar o conteúdo de documentos, a fim de facilitar a recuperação da informação. Para Guimarães e Sales (2010, p.7),

análise documental, é por natureza um conjunto de procedimentos que envolve os processos de análise, síntese e representação, cujo objeto são os conteúdos documentais, os quais, devidamente organizados, geram produtos como catálogos, notações

classificatórias, índices e resumos. Os objetivos da ADC estão diretamente ligados à representação do conteúdo documental e à recuperação da informação.

A área concentra estudos sobre processos de descrição de conteúdos presentes em documentos, para sua recuperação posteriormente (ALMEIDA, 2011). Para Gardin (1974, p.121), a Análise Documental trata de textos oriundos do discurso científico. Sendo assim, divide a literatura entre a científica e as demais categorias de texto, posição que precisa ser revista, de acordo com Almeida (2011), diante da necessidade de dar notoriedade a outras categorias.

Gardin (1974), ao definir a Análise do Documento, apresenta um ponto de vista processual, como a extração dos sentidos inseridos nos documentos, sobretudo, os escritos. Os procedimentos metodológicos da análise de documentos se reduzem às operações empíricas, com o objetivo de atribuir a um texto uma ou mais palavras-chave, destinadas à recuperação de um documento sobre um tema proposto.

Trata-se de uma operação semântica, porquanto o texto original é conduzido para uma representação. Almeida (2011) argumenta que, para Gardin, caso os benefícios de um sistema de organização e recuperação da informação alcancem uma grande quantidade de pessoas, poderá trazer proveito para coletividade.

A Análise Documental, alocada na Organização da Informação e do Conhecimento, apresenta três categorias gerais presentes nos temas de pesquisa da análise de conteúdo dos documentos, a saber, processos, produtos e instrumentos. Inclui, além disso, aspectos temáticos da informação, além de dividir espaços com atividades e produtos da forma (ALMEIDA, 2011).

É importante mencionar que a Análise Documental se relaciona interdisciplinarmente com a Linguística. Para Guimarães e Sales (2010), ao lado da Lógica, a Linguística é primordial, na relação de interface com o campo informacional, para os estudos de análise de documentos. Para os autores, na Ciência da Informação, as disciplinas de matriz Lógico-Linguística estão em um espaço nuclear, no que tange à interdisciplinaridade na reflexão teórico-conceitual da Análise Documental.

Segundo Vogel (2009), na perspectiva francesa, as linguagens documentárias são linguagens artificiais, constituídas por um léxico; possuem regras de combinação; promovem a representação da informação e a comunicação entre

sistema e usuários. Elas se referem a uma forma restrita de se conceber como linguagem, porquanto o mecanismo de execução ou a fala - em oposição a sistema ou língua - na teoria da linguística estrutural, não está presente nas linguagens documentárias. Ademais, as linguagens documentárias apresentam um caráter de redução semântica promovido aos termos técnicos por ela organizados, isto é, a evolução natural dos significados das palavras precisa ser interrompida, para se chegar a um bom termo, no que tange ao objetivo da linguagem documentária. A comunicação ou a mediação da informação é um outro aspecto fundante da linguagem documentária. Assim, seu objetivo é promover a relação entre o sistema de informação e os usuários.

Sendo assim,

a análise documental insere-se no universo epistemológico da organização da informação refletindo uma visão de mundo que centra sua ênfase em dois eixos: o documento, a partir de uma concepção *otletiana* e os procedimentos lógico-linguísticos a partir de uma concepção *gardiniana*. Nesse contexto a análise documental convive com a catalogação de assunto, e a indexação, que respectivamente centram suas ênfases aos produtos e aos instrumentos de organização da informação (GUIMARÃES; SALES, 2010, p.10).

Ainda que trabalhe de uma forma empírico-pragmática, o analista da documentação deve considerar algumas variáveis, sobretudo, as do discurso, realizadas por meio de uma língua dada e que compreende sua organização interna e a relação linguagem e ideologia (CUNHA, 1987, p. 38).

Cunha (1987, p.52), ao levantar questões sobre linguagem e ideologia na Análise Documentária, assinala que:

[...]que o leitor/bibliotecário/analista da documentação tem sempre uma visão ideológica, sobrepondo-a a linguagem/ideologia do texto/discurso a analisar. Essa sobreposição se manifesta pela opção "ideológica" que faz em relação ao uso ou descarte de determinados conceitos/palavras-chave, mesmo quando se reporta as regras de objetividade e neutralidade aconselhadas pelos manuais e pela ética profissional vigente.

A pesquisadora também argumenta que :

na realidade, negar o componente ideologia em análise de texto para

fins documentais e não colocar em questão o papel do indivíduo no processo de produção/consumo e tradução do todo/conteúdo para o todo/conceito/palavra-chave. Ao mesmo tempo, e negar que a linguagem, quer do autor/produtor do texto/discurso, quer da linguagem documentária, são aquisições, construções e instrumentos elaborados respectivamente por uma sociedade e para um grupo social, que pode ser o mesmo do produtor ou não, refletindo, em ambos os casos, o pensamento e os interesses dominantes (CUNHA, 1987, p.53)

Ao longo dos anos, diversos pesquisadores vêm estabelecendo diálogos interdisciplinares entre os estudos sobre discurso e a Ciência da Informação, especialmente em aspectos vinculados à Análise Documentária. Assim, Cunha, Kobashi e Amaro (1987) propõem a aplicação de uma metodologia de Análise do Discurso, objetivando a recuperação da informação. Acreditam, além disso, que a teoria do discurso possa oferecer subsídios para a aplicação de metodologias que permitam avançar na automação da Análise Documentária.

Nair Yumiko Kobashi (1996), em um trabalho que trata de aspectos ligados à organização e à representação de informações documentárias, explica que a Análise Documentária é um campo do conhecimento que opera com textos e, por conseguinte, com a linguagem. Desse modo, se aproxima de teorias como a Análise do Discurso. Sublinha-se que a pesquisadora realça as peculiaridades da Análise Documentária em relação aos estudos do discurso, bem como de outras disciplinas que trabalham com análise de textos. Para ela, não se deve transferir conceitos entre as duas teorias mecanicamente.

Clarinda Rodrigues Lucas (1997), por seu turno, aponta que materialidade da língua é muitas vezes subestimada pelos teóricos da indexação. Os profissionais da informação, na visão da autora, têm como meta a organização da informação e do conhecimento, para isso utilizam técnicas e métodos que visam o controle terminológico. Vale ressaltar, porém, que nesse processo as condições de produção e as tensões da polissemia estão presentes. Desse modo, o processo de interpretação não é neutro. Ademais, a indexação é feita dentro de uma referência institucional. Por conseguinte, atende a interesses. Lucas (1997), sob a luz da Análise do Discurso, explica que um mesmo documento pode ser indexado de diferentes formas, de acordo com o interesse de grupos específicos. Quando as condições de produção não são consideradas, a contradição entre as diversas formações discursivas, as quais ali se entrecruzam, fica apagada.

Diante do exposto, é importante pontuar que Kobashi (1996) e Lucas (1997)

apresentam olhares diferentes sobre as relações dialógicas entre a Análise do Discurso Francesa e a Análise Documentária. De maneira oposta a Kobashi, Lucas assinala que nas questões documentárias o movimento de interpretação não deve ser apagado, dado que o sujeito é afetado por seu contexto sócio-histórico. A pesquisadora, ademais, questiona a visão de Kobashi, pois, segundo ela, reduz a leitura do profissional da informação a métodos de tratamento de textos.

Alvarenga (1998), pesquisadora que também trabalha com as questões discursivas na Ciência da Informação, por seu turno, ressalta as relações entre a arqueologia do saber e a bibliometria. Na visão da autora, trata-se de duas disciplinas que apresentam um objeto comum, isto é, os discursos formadores de um campo de conhecimento. A literatura que formula uma área do saber, desse modo, é polifônica, dispersa, descontínua, intertextual e dependente de estratégias persuasivas e pragmáticas, as quais dependem das posições de poder ocupadas por aqueles que as produzem.

Em sua pesquisa, Válio (2003) busca analisar as formações discursivas que estão inseridas nas produções científicas da Ciência da Informação. Além disso, descreve os discursos sobre terminologia. Já Oliveira (2003) traz, a partir da Análise do Discurso Francófona, a problematização das relações entre memória, identidade e documento.

Pereira (2007), por sua vez, objetiva aproximar alguns conceitos de Análise Documentária com a Análise do Discurso, dando ênfase a aspectos ideológicos em análise de textos para fins documentais. O foco da pesquisadora está na descrição dos discursos sobre Terminologias em Ciência da Informação, especialmente em Gestão da Informação.

Ferrarezi e Romão (2007, p.154) assinalam que “os documentos materializam um ou mais discursos, carregando em suas linhas toda uma rede de memória que suscita muito mais do que uma leitura literal do texto”. Sob a perspectiva da teoria do discurso, de acordo com as pesquisadoras,

[...] podemos pensar que os documentos, além de serem uma escolha ideológica - em que alguns sentidos são naturalizados como dominantes, devendo ser lembrados e institucionalizados, e outros são censurados, devendo ser esquecidos e apagados - são também, como os monumentos, portadores de uma herança: a memória discursiva de que eles são constituídos e que os sustenta, permitindo a sua significação (FERRAREZI; ROMÃO, 2007, p.156).

Sob a luz da Análise do Discurso pecheuxiana, Ferrarezi e Romão (2007) criticam os princípios de imparcialidade e autenticidade atribuídos aos documentos, dado que sua produção é sempre regulada e constituída por mecanismos ideológicos.

Gaspar e Reis (2010) afirmam que não há como fugir da subjetividade, quando se indexa assuntos e temas. Ao fazer seu trabalho, o profissional da informação produz sentidos, logo, sua leitura não é neutra. Para as pesquisadoras, a partir de interações entre o campo discursivo e o campo informacional, é possível pensar novos modos de ler, analisar, classificar, organizar e disponibilizar a informação. Os fundamentos teóricos da Análise do Discurso foucaultina, sobretudo as noções de “enunciado” e de “materialidades discursivas”, portanto, ajudariam no processo de análise de textos na Ciência da Informação.

Desse modo, evidencia-se, conforme os estudos feitos por Freitas (2010), a crescente utilização da Análise do Discurso Francesa nas pesquisas sobre informação. Segundo a autora, os estudos sobre discurso, por meio de conceituações de memória e arquivo, tocam em muitos objetos da Ciência da Informação.

Posto que a Ciência da Informação tem como um dos seus objetivos a análise de conteúdos documentais e textos que constituirão os acervos das instituições de patrimônio cultural, Gaspar, Ferraz e Canato (2011) apontam o uso da Análise do Discurso Francesa como um ferramental teórico, metodológico e analítico para analisar revistas em quadrinhos. Ademais, Lima, Moreira e Moraes (2016) defendem que é possível afirmar que há relações teórico-conceituais entre a Linguística Documentária e a Análise do Discurso de matriz francesa.

Moraes, Lima e Caprioli (2016) apontam para Análise do Discurso como uma metodologia a ser utilizada em estudos teóricos sobre Organização e Representação da Informação. Discutem, além disso, sobre a interdisciplinaridade, a fim de fortalecer as bases para o estabelecimento da relação entre a Teoria do Discurso e a Ciência da Informação.

Castanha, Lima e Martínez-Ávila (2017) avaliam a Análise do Discurso nos estudos do campo informacional no Brasil, sob a perspectiva da análise bibliométrica das comunidades discursivas, nas quais os pesquisadores brasileiros estão inseridos. Eles objetivam o entendimento do comportamento científico das

comunidades discursivas que utilizam a Análise do Discurso Francófona nos estudos brasileiros de Ciência da Informação.

Na perspectiva de Terra, Almeida e Sabbag (2019),

[...] considera-se que a Análise Documentária refere-se ao núcleo das práticas de Organização da Informação e com contribuições também ao campo da Organização do Conhecimento, por esta razão, a linha francesa não poderia deixar de ser conceituada quando a intenção é explicar as atividades, os métodos e as técnicas relacionadas a tal área. De maneira muito objetiva, a Ciência da Informação, dada sua configuração no Brasil, não poderia ser explicada sem o recurso da Organização da Informação e do Conhecimento, e esta não se torna explícita sem a menção à Análise Documentária.

Os autores exploram a relação dialógica que pode ser estabelecida entre a Análise do Discurso na Organização da Informação e Conhecimento no âmbito brasileiro. Nesse sentido, fazem um estudo analítico sobre as questões interdisciplinares, tendo como foco a Análise Documentária (TERRA; ALMEIDA; SABBAG, 2019).

#### **4.2 Análise do Discurso na Ciência da Informação e na Organização da Informação e do Conhecimento: estudos das dissertações e teses brasileiras**

O conhecimento mais aprofundado dos objetos de estudo exige uma compreensão interdisciplinar que dê conta das configurações, dos arranjos, das perspectivas múltiplas presentes na ciência. Nesse prisma, a interdisciplinaridade é sensível à complexidade, à articulação, ao gosto pela colaboração, pela cooperação, pelo trabalho comum (POMBO, 2005).

Embora as interações interdisciplinares sejam repletas de paradoxos, são urgentes e inevitáveis. Logo, de acordo com Mostafa (1996, p.1-2 ),

é impossível deixar de recortar. E em recortando deixamos sempre pedaços para trás. É a comunidade científica (e apenas ela) quem define onde fazer os cortes e como encaminhar métodos de estudar os pedaços recortados do real. Ao cortar pedaços, geram-se contradições. Tanto no interior dos pedaços recortados, quanto na relação dos recortes, entre si. Pois sempre é possível recortar pedaços de quaisquer tamanhos. Os espaços que sobram entre os cortes (espaços que a partir de agora podemos entender como espaços contraditórios) são espaços interdisciplinares. São espaços contraditórios por natureza, isto é, por nascimento. A

interdisciplinaridade não é um a priori a que aspiram os homens de boa vontade. Ela não é um ato de boa vontade dos espíritos cosmopolitas. A interdisciplinaridade é a contradição inevitável gerada pela hiper-racionalização a que chegou a ciência moderna.

Ao longo dos anos, vários estudos foram realizados, a partir das interações epistemológicas entre o campo discursivo e o campo informacional. Esses trabalhos foram analisados sob o prisma da vertente crítica epistemológica. As pesquisas recuperadas foram organizadas no quadro a seguir:

**Quadro 4 – Pesquisas brasileiras sobre aspectos interdisciplinares entre as linhas francesas de Análise do Discurso e a Organização da Informação e do Conhecimento**

AUTOR	TÍTULO	INSTITUIÇÃO	TIPOLOGIA	ANO
<b>Clarinda Rodrigues Lucas</b>	Indexação: gesto de leitura do bibliotecário	Universidade Estadual de Campinas	Tese	1996
<b>Lídia Alvarenga</b>	A institucionalização da pesquisa educacional no Brasil: estudo bibliométrico dos artigos publicados na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos – 1944-74	Universidade Federal de Minas Gerais	Tese	1996
<b>Luísa Maria Gomes de Mattos Rocha</b>	Museu, informação e comunicação: o processo de construção do discurso museográfico e suas estratégias	Universidade Federal do Rio de Janeiro (Convênio CNPq / IBICT)	Dissertação	1999

<b>Carlos Xavier de Azevedo Netto</b>	A arte rupestre no Brasil: questões de transferência e representação da informação como caminho para interpretação	Universidade Federal do Rio de Janeiro (Convênio CNPq / IBICT)	Tese	2001
<b>Lídia Silva de Freitas</b>	Na Teia dos Sentidos: análise do discurso da Ciência da Informação sobre a atual condição da Informação	Universidade de São Paulo	Tese	2001
<b>Pedro Aurelio Cerveira Cordeiro</b>	Análise do discurso e Ciência da Informação: ensaio sobre uma possibilidade metodológica	Universidade Federal do Rio de Janeiro (Convênio CNPq / IBICT)	Dissertação	2004
<b>Nanci Elizabeth Oddone</b>	Ciência da informação em perspectiva histórica: Lydia de Queiroz Sambaquy e o aporte da Documentação (Brasil, 1930-1970)	Universidade Federal do Rio de Janeiro (Convênio CNPq / IBICT)	Tese	2004
<b>Marcia Heloisa Tavares de Figueredo Lima</b>	Pela reconstrução epistemológica do direito à informação: um estudo metainformacional da "opinio juris" brasileira contemporânea	Universidade Federal do Rio de Janeiro (Convênio CNPq / IBICT)	Tese	2004
<b>Terezinha de Fatima Carvalho de Souza</b>	Bases de saber: arqueologia da informação sobre transgênicos	Universidade Federal de Minas Gerais	Tese	2008
<b>Ludmila Ferrarezi</b>	A biblioteca escolar nas teias do discurso eletrônico	Universidade de São Paulo	Dissertação	2010
<b>Thiago Henrique Bragato</b>	A construção discursiva em arquivística: uma	Universidade Estadual Paulista	Dissertação	2010

<b>Barros</b>	análise do percurso histórico e conceitual da disciplina por meio dos conceitos de classificação e descrição			
<b>Edivanio Duarte de Souza</b>	A epistemologia interdisciplinar na Ciência da Informação: dos indícios aos efeitos de sentido na consolidação do campo disciplinar	Universidade Federal de Minas Gerais	Tese	2011
<b>Lívia de Lima Reis</b>	Dos modelos classificatórios tradicionais na ciência da informação à folksonomia: um enfoque discursivo	Universidade Federal de São Carlos	Dissertação	2012
<b>Flávia Vieira da Silva Santos</b>	Análise foucaultiana na organização de documentos na web	Universidade Federal de São Carlos	Dissertação	2013
<b>Hildenise Ferreira Novo</b>	Análise conceitual e cognitiva: Modac – um modelo dinâmico para auxiliar à construção de Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC)	Universidade Federal da Bahia	Tese	2014
<b>Thiago Henrique Bragato Barros</b>	A representação da informação Arquivística: uma análise do discurso teórico e institucional a partir	Universidade Estadual Paulista	Tese	2014

	dos contextos espanhol, canadense e brasileiro			
<b>Rachel Polycarpo da Silva</b>	Biblioteca para quem não sabe ler?: a quebra de paradigma sobre leitura, leitores, usuários de bibliotecas e o papel do bibliotecário escolar na educação infantil	Universidade Federal Fluminense	Dissertação	2014
<b>Suellen Oliveira Milani</b>	Bias na representação de assunto: uma discussão de oposições binárias nos functional requirements for subject authority	Universidade Estadual Paulista	Tese	2014
<b>Aluf Alba Vilar Elias</b>	Arquivo, verdade e o processo de transição democrática no Brasil: o legado da Comissão Nacional da Verdade para ampliação da discussão epistemológica arquivística	Universidade de Brasília	Tese	2017
<b>Larissa de Mello Lima</b>	A Institucionalização cognitiva e social da Ciência da Informação no Brasil: uma análise discursiva com base nos anais do gt1 ENANCIB em sua primeira década	Universidade Estadual Paulista	Dissertação	2017

<b>Dirlene Santos Barros</b>	A lei brasileira de acesso à informação: uma análise da sua construção, do contexto nacional ao contexto político oligárquico do estado do Maranhão (2009-2014)	Universidade de Brasília	Tese	2017
<b>Mariana da Silva Caprioli</b>	Análise do discurso literário: proposta de metodologia no processo de análise documental de textos narrativos de ficção	Universidade Estadual Paulista	Dissertação	2018

**Fonte:** Elaborado pelo autor (2019).

As dissertações e teses foram categorizadas em grupos, a saber, Estudos sobre a Epistemologia e a Historicidade da Ciência da Informação, Estudos Bibliométricos, Estudos Arquivísticos, Estudos sobre a leitura dos profissionais da informação, Estudos sobre Organização da Informação e do Conhecimento, Estudos Metodológicos e Estudos sobre Representação da Informação e do Conhecimento.

**Quadro 5 –** Categorização temática das dissertações e teses que apresentam relações interdisciplinares entre o campo informacional e as vertentes francófonas de Análise do Discurso

<b>Autores</b>	<b>Estudos sobre a Epistemologia e a Historicidade da Ciência da Informação</b>	<b>Estudos Bibliométricos</b>	<b>Estudos Arquivísticos</b>	<b>Estudos sobre a leitura dos profissionais da informação</b>	<b>Estudos sobre Organização da Informação e do Conhecimento</b>	<b>Estudos Metodológicos</b>	<b>Estudos sobre Representação da Informação e do Conhecimento</b>
Aluf Alba Vilar Elias							
Carlos Xavier de Azevedo Netto							
Clarinda Rodrigues Lucas							
Dirlene Santos Barros							
Edivânio Duarte de Souza							
Flávia Vieira da Silva Santos							
Hildenise Ferreira Novo							
Larissa de Mello Lima							
Lídia Alvarenga							
Lídia Silva de Freitas							
Lívia de Lima Reis							
Ludmila Ferrarezi							
Luisa Maria Gomes de Mattos Rocha							
Márcia Heloísa Tavares de Figueredo Lima							
Mariana da Silva Caprioli							
Nanci Elizabeth Oddone							
Pedro Aurélio Cerveira Cordeiro							
Rachel Polycarpo da Silva							
Suellen Oliveira Milani							

Terezinha de Fátima Carvalho de Souza							
Thiago Henrique Bragato Barros							

**Fonte:** Elaborado pelo autor (2019).

#### 4.2.1 Estudos sobre a Epistemologia e a Historicidade da Ciência da Informação

Lídia Silva de Freitas (2001), em sua tese apresentada à Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo, analisa o papel social, econômico, político e cultural da informação. Segundo a autora, as noções sobre o papel sociocultural da informação, sobre a ideia de democratização de saberes, sobre produção e usos culturais e sobre o elo entre informação, poder, ética e cidadania fazem parte das práticas culturais dos profissionais da informação. Trata-se, portanto, de um estudo que suscita questões epistemológicas. Ademais, se utiliza de análises históricas e discursivas.

No cenário das políticas neoliberais, Freitas (2001) traz reflexões a respeito da teia de sentidos presentes nos enlaces epistemológicos da Ciência da Informação. Assim, seu objeto de estudo é o discurso da Ciência da Informação no Brasil. Sua pesquisa sobre a produção de evidências no discurso está enlaçada na análise do processo histórico de hegemonização de sentidos. Segundo a pesquisadora, há uma ilusão discursiva, na qual os enunciadores acreditam que controlam de modo consciente as possibilidades significativas de seus discursos.

Em seu trabalho, uma das principais questões levantadas é a compatibilidade entre um efetivo desenvolvimento socioeconômico e os ideais do Neoliberalismo. Desse modo, a pesquisadora expõe uma tendência à elisão dos aspectos culturais ligados à informação. Em contrapartida, denuncia uma valorização de aspectos econômicos.

Ao apresentar a Teoria do Discurso, a pesquisadora aponta o linguista Dubois e o filósofo Pêcheux como pioneiros da Análise do Discurso na França. Além disso, discorre sobre as contribuições da arqueologia foucaultiana nos fundamentos da

Análise do Discurso. Freitas (2001) considera proveitosas as contribuições da Análise do Discurso no debate epistemológico.

Na ótica da autora, discursos da Ciência da Informação referem-se aos sentidos que circulam em suas instâncias de produção e disseminação textual, isto é, nos centros de ensino e pesquisa, nos periódicos da área e nos encontros técnico-científicos. Assim sendo, Freitas (2001) discorre sobre os sentidos dominantes presentes na Ciência da Informação. Ademais, aponta que existem discursividades que são excluídas dos textos.

Em seu percurso científico, a pesquisadora assinala a UNESCO como o órgão da ONU que concentra grande parte dos debates sobre informação. Dentro do órgão, uma das principais divergências se encontra nos sentidos presentes na visão sobre informação. Há uma perspectiva na qual a informação é vista como mercadoria, propriedade privada. Existem também aqueles que a consideram como bem social, produto cultural da humanidade. A relação entre informação e desenvolvimento econômico estava entre as principais pautas da UNESCO nos anos oitenta (FREITAS, 2001).

Desse modo, no campo informacional, de um lado, há sentidos apagados, silenciados e recobertos. Do outro, há os sentidos vigentes. A Ciência da Informação, de acordo com os estudos de Freitas (2001), está em processo de reconfiguração discursiva. No nível de autoria, há noções que não são mais discutidas. Assim, existem silenciamentos no nível do sujeito. Aspectos políticos e sociais, em uma perspectiva humanística, são negligenciados.

No campo informacional, o discurso dominante apresenta duas vertentes: a vertente de inteligência competitiva e a vertente voltada para implantação da sociedade da informação. Assim, há, no campo informacional, uma corrente favorável à privatização dos sentidos que silencia aspectos socializantes e reformistas na área (FREITAS, 2001).

Em meados dos anos 80, Freitas (2001) expõe que era notada, nas formações discursivas, a subordinação dos profissionais da informação ao capital no campo cultural e político. A área tende, discursivamente e em suas práticas, à subordinação econômica ao capital. Acredita-se que tal tendência trará visibilidade social para área. Na visão da pesquisadora, um engano. Ela defende que tal posição possa obscurecer o seu reconhecimento cultural.

Bourdieu (2004b) ao fazer uma análise sociológica da ciência, argumenta que

as pressões da economia são cada vez maiores, sobretudo, quando os produtos da investigação são altamente rentáveis. Salienta-se que os interesses econômicos e as seduções midiáticas, somados a outros fatores externos e internos, são ameaças à ciência, a qual acaba subordinada ao imperativo do lucro.

Por conseguinte, a pesquisadora aponta para os sentidos socializantes da informação e seus apagamentos. Denuncia, além disso, a hegemonização dos projetos dos países centrais do capitalismo para informação. Mostra também os aspectos epistemológicos que permeiam os atuais discursos da Ciência da Informação no Brasil e no mundo. Assim, existe uma hegemonização do discurso capitalista.

Destarte, os estudos discursivos de Freitas (2001) contribuem com o debate epistemológico da área, mostrando a tensão entre uma perspectiva neoliberal e uma perspectiva socializante da informação. A Análise do Discurso, utilizada como metodologia, nesse sentido, auxiliou na clarificação de como os interesses econômicos interferem na epistemologia da Ciência da Informação.

Edivanio Duarte de Souza (2011) também traz importantes contribuições para a epistemologia do campo informacional. Em sua tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, ele analisa os efeitos de sentido da epistemologia interdisciplinar e suas implicações no campo informacional. Na literatura, a interdisciplinaridade se apresenta como um dos principais fundamentos da Ciência da Informação, todavia, segundo o autor, há poucos estudos desenvolvidos sobre o tema.

As tensões, as disputas e as negociações que estão presentes no campo de lutas e forças muitas vezes são desconsideradas. Nesse cenário, salienta-se que a carga de determinações sociais, políticas, econômicas e histórico-ideológicas torna-se apagada, visto que a interdisciplinaridade é considerada um espaço já estabilizado. Durante seu percurso de investigação científica, o pesquisador observou que o discurso interdisciplinar é a base de discussões e definições teórico-conceituais da Ciência da Informação (SOUZA, 2011).

Souza (2011) mapeou a produção científica brasileira ligada ao discurso da interdisciplinaridade. A partir desse mapeamento, ele construiu um corpus do discurso interdisciplinar da Ciência da Informação. Ademais, identificou os elementos que evidenciam a formação do discurso interdisciplinar e analisou as

estratégias discursivas na constituição dos sentidos nos estudos mapeados.

O pesquisador assinala que existe uma grande quantidade de desafios epistemológicos, institucionais, psicossociológicos e culturais para uma interação interdisciplinar nos mais diferentes domínios do conhecimento. Souza (2011) argumenta que existe uma forte presença interdiscursiva da política neoliberal e do processo de globalização da economia ao refletir sobre o discurso interdisciplinar da Ciência da Informação.

Para ele, há na área um discurso generalista, integrador e homogeneizador. O discurso interdisciplinar, segundo o pesquisador, também se organiza no domínio da tecnologia da informação com os mais variados enfoques. Há uma rede discursiva que vincula o início da Ciência da Informação a buscas por soluções tecnológicas, a fim de resolver problemas informacionais. Assim, a tecnologia da informação se apresenta como suporte, processo e produto de investidas interdisciplinares, por se tratar de um ambiente no qual informações, pesquisadores e conhecimentos estão interligados (SOUZA, 2011)

O progresso da Ciência da Informação se dá nas reflexões e construções sobre a informação e suas tecnologias feitas por pesquisadores de várias áreas do conhecimento. Concomitantemente, esse é também um dos seus maiores desafios, visto que se trata de um processo complexo. Fundamentado nos gestos de leitura pecheuxianos, o pesquisador assinala que há um pluralismo na produção científica da Ciência da Informação, contudo a interdisciplinaridade é superficialmente tratada e pouco discutida (SOUZA, 2011).

Nota-se que existe uma convergência entre os trabalhos de Freitas (2001) e Souza (2011), na medida em que os dois teóricos discorrem sobre a presença neoliberal no discurso da Ciência da Informação. Ao utilizarem a Análise do Discurso em suas pesquisas, os dois autores citados fazem emergir um embate político na epistemologia do campo informacional, a saber, de um lado, os estudos sobre discurso que se alinham a um posicionamento de esquerda; do outro, as pesquisas sobre informação que atendem aos interesses do mercado.

Quanto a institucionalização das diretrizes epistemológicas do campo informacional, é relevante apontar aspectos da dissertação de Larissa de Mello Lima (2017), apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista. A autora examina os trabalhos presentes nos anais da primeira década do Grupo de Trabalho

Sobre Estudos Históricos e Epistemológicos (GT1) do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB). Dessa forma, fundamentada nos estudos franceses sobre discurso, faz um delineamento discursivo da institucionalização cognitiva e social da área.

Trata-se de um olhar discursivo que mostra como a perspectiva epistemológica vem sendo tratada na área. Lima (2017) argumenta que a Análise do Discurso é um método que pode oferecer suporte, a fim de situar a institucionalização da Ciência da Informação. Ademais, expõe sobre a importância das instituições como instâncias de validação científica. Para ela, os periódicos científicos ganharam relevância como canais de comunicação, visto que promoviam o encontro entre as formações discursivas da área.

Nesse horizonte, de acordo com a hipótese levantada pela pesquisadora, a partir do momento que as esferas do poder científico passam a valorizar a agilidade na troca de informações entre os pares da comunidade científica, os anais também passaram a ganhar destaque. Ela aponta que os anais de eventos têm se institucionalizado, por meio das sociedades científicas, no país e no exterior nos últimos vinte anos. Sendo assim, a pesquisadora coloca os anais de eventos em um nível de igualdade com os periódicos (LIMA, 2017).

Em sua investigação científica, a pesquisadora expõe que houve um tratamento periférico em relação à epistemologia, possivelmente devido à recente institucionalização da Ciência da Informação no país. Salienta-se que a autora faz uma sistematização das formações discursivas e ideológicas das teorias presentes nos estudos epistemológicos da Ciência da Informação no contexto brasileiro (LIMA, 2017).

Lima (2017) assinalou três formações discursivas presentes na discussão epistemológica da Ciência da Informação: a primeira formada pela Teoria da Epistemologia Social; a segunda formada pela Teoria da Sociedade da Informação como sinônimo da Teoria da Sociedade do Conhecimento; e a terceira formada pela Teoria Geral dos Sistemas, pela Teoria dos Sistemas Cognitivos, pela Teoria da Ideologia da Tecnoestrutura, pela Teoria do Ator-Rede e pela Teoria do Caos.

Entende-se a institucionalização social, sob a ótica de Lima (2017), como as engrenagens que permitem essas formações discursivas se relacionarem. Assim sendo, a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB), enquanto órgão, legitima as tendências de pesquisa na área,

posto que se relaciona com os programas de pós-graduação responsáveis pela organização do ENANCIB.

A pesquisa de Lima (2017) contribui com a intersecção entre a Linguística e a Ciência da Informação, sobretudo no que concerne às questões sobre discurso, Análise Documentária e Organização do Conhecimento. Por conseguinte, seu trabalho, a partir dos estudos franceses de Análise do Discurso, traz reflexões teórico-metodológicas sobre conceitos fundamentais para Ciência da Informação. Salienta-se também que, nesse percurso teórico, a Análise do Discurso auxiliou na compreensão do papel da ANCIB e do ENANCIB na legitimação das tendências de pesquisa na área.

Em sua tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, mantido por meio de convênio com a Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Nanci Elizabeth Oddone (2004) resgata as contribuições de Lydia de Queiroz Sambaquy para a Biblioteconomia.

A pesquisadora busca, ademais, reconstituir o contexto entre 1930 e 1970, no Brasil, especialmente no Rio de Janeiro, no qual as atividades especializadas da Biblioteconomia, enquanto campo profissional, foram desenvolvidas. Nesse percurso, aponta uma estreita proximidade entre a Biblioteconomia e a Ciência da Informação (ODDONE, 2004).

Assim, seus estudos estão ligados à historicidade da Ciência da Informação. Ela, mostra dessa forma, o rompimento das práticas que não se mostravam mais eficazes no atendimento das necessidades bibliográficas e documentais de uma sociedade marcada pela tecnologia e de uma comunidade científica internacional em um significativo processo de crescimento (ODDONE, 2004).

Dado que as novas tecnologias e as novas terminologias passaram a se infiltrar no cotidiano dos profissionais da informação, Oddone (2004) traz reflexões sobre a opção pela Ciência da Informação, na década de 1970, feita pelos bibliotecários do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD). Acentua-se que para a pesquisadora, a emergência da Ciência da Informação no Brasil se deu em um espaço, no qual um outro domínio já se encontrava estabelecido.

Lydia de Queiroz Sambaquy dirigiu o IBBBD desde sua fundação. Ela foi presidente do IBBBD por onze anos. Além disso, seu nome estava associado à renovação das técnicas biblioteconômicas brasileiras na década de 1940. A

pesquisadora observou, porém, que havia na literatura pouco material que tratasse dessas questões. Dessa forma, sua trajetória profissional, necessitaria de uma investigação mais detalhada. Assim, o objetivo principal da pesquisa é a recuperação de eventos históricos que marcaram o percurso profissional de Sambaquy (ODDONE, 2004).

Oddone (2004), em seu percurso metodológico, optou pela abordagem genealógica de Foucault, que investiga as forças presentes na constituição de um determinado fenômeno. Dessa forma, trata-se de um trabalho de investigação documental, a fim de fazer emergir as forças dispersas. Ressalta-se que a pesquisadora também utilizou o método Ator-Rede de Bruno Latour. Nesse horizonte, os discursos se apresentam como passíveis de várias leituras.

Foucault, ao observar os enunciados no espaço de sua dispersão e de sua descontinuidade, emprega a noção de rede, a fim de pormenorizar o *locus*, no qual o jogo de relações e de rupturas, que configura uma determinada formação discursiva, se apresenta (ODDONE, 2004).

Oddone (2004) pondera que as abordagens de Latour e Foucault se aproximam em termos operacionais, a saber, na descrição minuciosa dos atores, dos eventos e dos documentos, na expectativa de deixar emergir uma rede de forças. A pesquisadora argumenta que na perspectiva de Foucault o enunciado tem a necessidade de ter uma existência material.

A Análise do Discurso Francófono, nos estudos de Oddone (2004), traz subsídios para o entendimento da historicidade do campo informacional, recuperando marcos históricos e compreendendo como a área é entendida em sua perspectiva histórica pelos seus profissionais e pelas suas instituições.

#### **4.2.2 Estudos Bibliométricos**

Em sua tese, apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Lídia Alvarenga (1996) contribui com o avanço do contexto teórico e epistemológico da Ciência da Informação. Possibilita, ademais, uma descrição do processo de institucionalização da pesquisa que oferece suporte à Ciência da Educação no período que antecede a implantação dos Cursos de Pós-Graduação

em Educação em solo brasileiro. Há em sua pesquisa elementos da Arqueologia do Saber e da Ciência da Informação. A Análise do Discurso aparece em sua pesquisa por se constituir em um referencial teórico para a descrição da evolução de campos de conhecimento.

Dentro da Ciência da Informação, há um subcampo, intitulado de Bibliometria, responsável pelos estudos de citações no discurso que constituem um campo científico. O trabalho da pesquisadora é constituído de um estudo bibliométrico de artigos, de 1944 a 1974, vinculados à *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, INEP. Sublinha-se que, desde seu surgimento, no século XVII, em quase todas as áreas científicas, os periódicos se destacam como meio de comunicação formal mais destacado (ALVARENGA, 1996).

Desse modo, autora utiliza conceitos e princípios presentes na *Arqueologia do Saber* de Foucault. De acordo com a autora, o teórico francês aponta para a importância da relação existente entre o trabalho de um autor com pesquisas de outros autores. Admite-se a intersubjetividade como elemento da atividade da produção e da interpretação do discurso. Aceita-se, ademais, a existência de relações e contratos sociais na própria linguagem. Desse modo, nenhum texto seria obra de apenas um indivíduo, porquanto há um entrelaçamento de experiências e ideologias que fazem supor a presença do outro. Logo, todo texto se relaciona com outros textos, ora em conformidade, ora em oposição (ALVARENGA, 1996).

Existem questões, na obra foucaultiana, que podem ser consideradas muito relevantes à problemática da análise de citações. Por conseguinte, trazem um enriquecimento teórico para os estudos bibliométricos. Há, além disso, em seus estudos, um destaque para as relações entre discursos. Tais relações são marcadas pela intertextualidade. Destarte, esse comportamento aproxima seu pensamento da Ciência da Informação, sobretudo no que se refere às citações. No processo de avaliação ou análise de um campo discursivo, as condições de produção, portanto, seriam determinantes (ALVARENGA, 1996).

Assim, por meio de citações, é possível identificar as relações semânticas entre o artigo de um autor e os documentos citados. Dessa forma, o ato de citar implica fatores psicológicos, sociológicos, políticos e históricos, além de outros tipos de influências. A análise de citações faz parte do instrumental metodológico da bibliometria. Trata-se de uma das formas de deduzir o impacto das produções

científicas nas comunidades acadêmicas (ALVARENGA, 1996).

Diante dessas questões, vale ressaltar que alguns pesquisadores emprestam “as qualidades científicas daqueles dos quais dependem para sua carreira e que podem assegurar-se assim de clientelas dóceis e de todo o cortejo de citações de complacência e de homenagens acadêmicas” (BOURDIEU, 2004a, p.39).

As citações possibilitam analisar as influências, isto é, quem são os autores que contribuem efetivamente para o desenvolvimento científico. Desse modo, os princípios presentes na Arqueologia do Saber, colaborariam no estudo das condições de produção dos discursos que formam um campo discursivo. Assim, se estabeleceria a relação fundamental do dado com seu contexto (ALVARENGA, 1996).

Na visão de Alvarenga (1996), a partir da intertextualidade, marcada pelas relações entre artigos, e da interpretação de princípios ligados à pragmática, pressupõe-se que os autores não são agentes pessoais autônomos no processo de produção de conhecimentos, pois atuam conforme interesses ideológicos e de poder. Por conseguinte, ver-se-á que há sistemas de exclusão, nos quais só falam os enunciadores autorizados.

Diante do poder inerente à produção do conhecimento, se deduz que as condições de produção e comunicação dos discursos estão ligadas aos sistemas de exclusão. Assim, nas várias áreas do saber, determinados campos de poderes podem refletir na produção de conhecimento. Isso pode ser percebido na rede de pesquisadores e de instituições que são criadas (ALVARENGA, 1996).

Durante sua pesquisa, em diversas ocasiões, Alvarenga (1996) utilizou princípios presentes na Arqueologia do Saber como fundamento no seu estudo bibliométrico, a saber, na delimitação da pesquisa; no recorte do campo discursivo; no momento de levantamento dos elementos contidos nesse universo; na análise e na leitura dos elementos discursivos.

Diante do exposto, o discurso, como prática social e força ilocutória, estaria vinculado a um jogo de relacionamentos e de poderes. Ele traz consigo as marcas do poder e também do empréstimo de ideias. Por conseguinte, a fim de que exista um dizer competente, pressupõe-se a cumplicidade no que se refere à legitimação de interesses. Assim, o ato de citar está inserido em relações de poder, as quais, muitas vezes, atendem e preservam os interesses da ciência capitalista, além de desrespeitar princípios éticos. É sabido, portanto, que os documentos são produções

humanas. Destarte, precisam ser analisados de modo crítico, pois não são neutros (ALVARENGA, 1996).

Márcia Heloísa Tavares de Figueredo Lima (2004), em sua tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do convênio UFRJ/ECO-CNPq/IBICT, também traz contribuições para os estudos bibliométricos, enfatizando o caráter poliepistêmico da Ciência da Informação. É importante pontuar que sua pesquisa apresenta um enfoque epistemológico. Realça-se que a autora procura estabelecer um vínculo entre os direitos humanos e o direito à informação.

A pesquisadora fez um percurso teórico no intuito de verificar como o direito à informação é tratado no país pelos estudiosos do Direito. Assim, traz reflexões sobre o direito à informação, a partir da literatura especializada do campo jurídico. Além disso, propõe uma reconstrução teórica do conceito de direito à informação (LIMA, 2004).

Lima (2004) objetivou a reconstrução de argumentações teóricas sobre a identificação de estruturas discursivas expressivas presentes no estatuto contemporâneo brasileiro do direito à informação. A pesquisadora se deteve no exame dos enunciados de autores brasileiros. Assim, o corpus para análise foi construído por meio de pesquisa documental. Destarte, os recortes discursivos foram retirados de um arquivo. Para isso, examinou textos publicados por revistas jurídicas.

Em seu percurso metodológico, Lima (2004) utiliza a Bibliometria e a perspectiva foucaultiana de análise de enunciados. Posto que a Bibliometria se relaciona com métodos quantitativos aplicados à análise de informação, a pesquisadora traz reflexões sobre as possibilidades conciliadores dos métodos bibliométricos e arqueológicos. Destarte, em sua perspectiva metodológica, os estudos bibliométricos podem fornecer subsídios concretos e sistematizados para os estudos arqueológicos. Assim, há entre esses campos uma relação de complementaridade.

Visto que a informação é um objeto poliepistêmico e vários campos disciplinares disputam sua autoridade, a Ciência da Informação não deve furtar a visão que outras disciplinas apresentam sobre a informação. Nesse percurso, a pesquisadora constatou que o discurso autorizado sobre o direito à informação está ligado aos bens materiais e imateriais disponíveis no mercado. Dessa forma, as enunciações contemporâneas brasileiras sobre informação privilegiam o mercado e

não a informação pública para a vida na *polis* (LIMA, 2004).

Metodologicamente, em sua tese, Lima (2004) se inspira nas análises foucaultianas, para interrogar discursos publicados sobre domínios temáticos como os direitos, a informação e o direito à informação. A pesquisadora trabalha com os conceitos de *enunciado*, *discurso*, *formação discursiva* e *apropriação discursiva* de Foucault. Ademais, aponta para aspectos da arqueologia foucaultiana sobre o solo epistêmico da área de Direito. Segundo ela, há no ciclo genealógico um caráter documentário. Por conseguinte, o trabalho de Foucault pode oferecer relevantes aportes para concepção geral dos estudos bibliométricos, a fim de auxiliar na interpretação de resultados dos estudos desse universo.

As pesquisas de Alvarenga (1996) e Lima (2004) assinalam para uma articulação entre estudos bibliométricos e arqueologia de Foucault. Nesse cenário, verifica-se que ambos os trabalhos revelam que os enunciados estão privilegiando pontos vinculados ao mercado e ao sistema capitalista. Realça-se também que a Análise do Discurso Francófono se apresenta como uma metodologia capaz de auxiliar na interpretação e na análise de dados de modo crítico, problematizando os resultados.

#### 4.2.3 Estudos Arquivísticos

Em sua dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista de Marília, ao discutir conceitos fundamentais da organização arquivística, Thiago Henrique Bragato Barros (2010) assinala que a Análise do Discurso é uma disciplina que contém atributos teórico-metodológicos capazes de contribuir para o crescimento da Arquivística.

Além disso, durante sua investigação científica, expõe que a Arquivística é um produto do conhecimento historicamente construído. Dessa forma, o contexto de produção conceitual reflete nas diferentes vertentes de pensamento e nas escolhas metodológicas. Outro aspecto tratado pelo pesquisador é a carência bibliográfica da Arquivística em nível nacional e internacional (BARROS, 2010)

Ainda que muitos a considerem autônoma, na perspectiva de Barros (2010), a Análise do Discurso é um desdobramento teórico da Linguística, posição semelhante

daquela adotada pelos teóricos da vertente sociolinguística dos estudos sobre discurso. Sublinha-se que o pesquisador, durante sua fundamentação teórica, faz referência aos trabalhos de Dubois.

A Teoria do Discurso se interessa pelo além-texto, influenciada pela Sociologia, História e Filosofia. Logo, trata-se de uma disciplina que mantém relações interdisciplinares com outras áreas por ter um objeto complexo. Desse modo, as contribuições da Análise do Discurso à organização dos arquivos seriam no entendimento da construção das formações linguísticas e na preocupação do contexto, no qual os textos são produzidos. O autor argumenta que o documento é parte de um processo científico e burocrático inserido num campo ideológico. Ademais, aponta a presença de um sujeito que interfere na organização documental (BARROS, 2010).

Assim, o arquivo, em seus estudos, é apresentado como uma instituição reguladora e legitimadora de poder. Os profissionais que, nesse cenário, trabalham nessas instituições são responsáveis por essas atividades reguladoras e legitimadoras. O sentido é construído pelo sujeito. Soma-se a isso o fato das instituições regularem e também fundamentarem as práticas sociais, as quais estão permeadas pela ideologia. Logo, os sujeitos, ao se submeterem à língua e à ideologia, são assujeitados (BARROS, 2010).

A fim de se construir um quadro teórico dos principais fundamentos da Arquivística, Barros (2010) se alicerçou em seis manuais da área produzidos em épocas e contextos diferentes, a fim de trazer reflexões conceituais da história da disciplina. Neles, o pesquisador buscou os conceitos de descrição e classificação e suas implicações teóricas para prática e teoria arquivística. Vale ressaltar que são os manuais mais referenciados e citados da área.

Sob o prisma da Análise do Discurso, Barros (2010) buscou identificar os sujeitos que enunciam e os lugares nos quais os conceitos são enunciados na Arquivística. O pesquisador também identificou as tradições Arquivísticas presentes nos países dos manuais trabalhados em sua investigação científica. Objetivou, além disso, a compreensão do papel da Arquivística para a organização dos Arquivos e sua construção conceitual.

Barros (2014), em sua tese também apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista, sob a luz das teorias de Pêcheux e Foucault, faz um

estudo histórico discursivo das teorias e práticas arquivísticas, a fim de buscar em sua episteme as relações de poder/saber. Nesse estudo, objetiva a compreensão de como a Arquivística é entendida em seu universo histórico-conceitual pelos teóricos e pelas instituições da área. Ademais, investiga o percurso teórico da Arquivística, a fim de contribuir com a construção epistemológica da área.

O pesquisador compreende a Arquivística como uma instância significativa. Ele aponta que houve uma profunda mudança na forma do arquivista atuar nos últimos anos. Desse modo, as instituições mudaram a forma de produzir e organizar os documentos com as novas tecnologias. Assim, uma vez que o sentido e o significado dos documentos mudam, passarão a ter novos valores no tempo (BARROS, 2014).

A Arquivística procura responder questões ligadas à ordem técnica e metodológica. Ademais, organizar, disponibilizar e preservar documentos jurídico-administrativos dentro de instituições públicas e privadas. Salienta-se que História e Arquivística são atividades prático-científicas que sempre dialogaram (BARROS, 2014).

Barros (2014) expõe que o percurso histórico e os pressupostos técnicos do universo arquivístico partem de posições institucionais inseridas em relações político-ideológicas e enunciadas por sujeitos específicos. Assim, como um espaço discursivo nunca terminado, a Arquivística é suscetível a transformações e a apagamentos cujo efeito vem da ação ideológica e da naturalização de relações teóricas e práticas.

Nos estudos franceses sobre discurso, especialmente nos trabalhos de Michel Pêcheux, a ideologia ocupa um papel fundamental. O sentido é concebido por um vínculo entre poder, saber e linguagem. Assim, os sujeitos não são senhores de seus discursos. Eles são assujeitados pela ideologia. Há uma instância político-discursiva no campo da linguagem. Portanto, não há neutralidade nos acervos arquivísticos. Eles podem passar por ressignificações, reinterpretações, deslocamentos e apagamentos. Nesse cenário, o arquivista é ator responsável pela organização, descrição e avaliação dos documentos (BARROS, 2014).

Em sua tese, Barros (2014) traz reflexões epistemológicas da Arquivística no contexto espanhol, canadense e brasileiro. Ele argumenta que para que haja uma compreensão do momento atual, é necessária a compreensão do percurso teórico da área. Sendo assim, ele busca a historicidade do discurso arquivístico.

O pesquisador argumenta que a trajetória histórica da Arquivística, na Espanha, revela a relação entre o contexto estatal e o aparelho ideológico que estabelece as condições para a teoria e a prática arquivística existam. Assim, a Espanha ajudou na consolidação da área como uma prática profissional que trata tecnicamente da organização de arquivos. Desse modo, o discurso, presente na Arquivística espanhola, se vincula às questões de cunho metodológico e técnico (BARROS, 2014).

No Canadá, a relação entre historiadores e arquivistas foi muito importante no início da formação dos arquivos. A historiografia e o estabelecimento de arquivos estão muito ligados no contexto canadense. Na atualidade, o Canadá é um lugar fértil para ideias inovadoras em arquivos. O país possui métodos e princípios que são referência para o universo arquivístico (BARROS, 2014).

No Brasil, o desenvolvimento teórico da Arquivística ganhou força nos últimos anos, mas em relação aos países da Europa e da América do Norte, a Arquivística se desenvolveu tardiamente. Uma das grandes barreiras da área no contexto brasileiro é a falta de políticas e incentivos voltados para gestão e custódia dos documentos de arquivo (BARROS, 2014).

Barros aponta que a contextualização histórica não é uma prática comum nos estudos teórico-epistemológicos da área, sobretudo em Língua Portuguesa. Por meio de uma ação interpretativa de percurso, o pesquisador faz uma descrição da estrutura discursiva arquivística. Sendo assim, ele assinala que as ligações disciplinares acontecem conforme as condições políticas e ideológicas das sociedades, nas quais as instituições surgiram e estão alocadas. Por conseguinte, os arquivos são instituições que além de regular, legitimam a constituição de identidade e de memória. Além disso, registram a atuação do poder. Barros (2014), a partir das considerações teóricas de Althusser, aponta os arquivos como aparelhos ideológicos do Estado.

A Análise do Discurso pode contribuir com as discussões sobre as posições ideológicas em dada conjuntura presentes na Arquivística e nas instituições responsáveis pela organização de documentos de arquivos. Posto que, no espaço discursivo, é possível outros olhares e análises. Logo, pesquisas de ordem epistemológica são necessárias para Arquivística (BARROS, 2014).

Ainda sobre as contribuições da Análise do Discurso para os estudos arquivísticos, Aluf Alba Vilar Elias (2017), em sua tese apresentada ao do Programa

de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília, trata de questões ligadas ao arquivo e sua relação com o processo de justiça de transição democrática no Brasil. Para isso, teve como foco as ações empreendidas pela Comissão Nacional da Verdade (CNV) e o uso dos arquivos.

Em sua pesquisa, a *Análise do Discurso* Francesa foi utilizada para identificação e análise do relatório final da CNV. Nesse sentido, Elias (2017) procura demarcar as contribuições da discussão para o campo epistemológico arquivístico. A autora aponta para demora da implantação da CNV no país, posto que se trata de uma ação importante para o processo de justiça transicional.

Logo, os arquivos, seja como instituição ou como conjuntos documentais, estão inseridos em fatores políticos. É sabido que durante o período ditatorial no Brasil houve abusos cometidos pelo Estado. Nesse horizonte, a Comissão Nacional da Verdade pressupõe os arquivos como um instrumental que objetiva reparar tais abusos (ELIAS, 2017).

Segundo a pesquisadora, a *Análise do Discurso* se apresenta como um dispositivo para investigação de processos de produção de sentidos, dado que os sujeitos são afetados pela linguagem e pela história. Em sua análise, Elias (2017) focou em três termos, a saber, *arquivo*, *verdade* e *justiça*.

Em seu percurso teórico, a autora faz pensar a relação epistemológica e histórica do campo arquivístico com a verdade e qual o legado da CNV para a discussão epistemológica na Arquivística. Assim, visto que o documento se apresenta como instrumento que legitima o fato ou as formas de verdade, os discursos, produzidos pelos e por meio dos arquivos, precisam ser reconhecidos em sua complexidade (ELIAS, 2017).

Segundo a autora, a partir do pensamento de Foucault e suas reflexões sobre o poder e os seus instrumentos em diferentes contextos sociais, torna-se evidente e análoga a questão do arquivo numa perspectiva de assegurar a materialidade de um discurso e a constituição de certo poder.

A pesquisadora também mobiliza aspectos teóricos de Pêcheux. Segundo Elias (2017), com o arquivo se inscrevendo numa relação de dominação, o teórico francês aponta para uma divisão social do trabalho que determina quem trabalha na produção de leituras originais, fazendo interpretações que constroem atos políticos; e quem atua na preparação e na manutenção da documentação em gestos anônimos.

Nesse horizonte, A Análise do Discurso permitiu à pesquisadora observar o atravessamento de duas formações discursivas entre o discurso e a prática da CNV. De um lado, uma formação que coloca o documento arquivo em um regime de verdade, isto é, empresta ao arquivo um sentido de prova documental. Do outro, uma formação que trata o documento como um indício, valorizando testemunhos orais e as redes de informação que incluem também os documentos de arquivos (ELIAS, 2017).

Destarte, os documentos de arquivos podem se apresentar como possíveis instauradores de “verdades” obscuras ou criminosas, mas, por outro lado, podem contribuir com o direito ao exercício do perdão. E mais, podem oferecer recursos para que haja a libertação de lembranças traumáticas, ressignificando as narrativas históricas. A pesquisadora também assinala que os arquivos passam, na contemporaneidade, a se localizar nas demandas sociais correspondentes aos processos identitários, de inclusão e nos processos de justiça social (ELIAS, 2017).

Dirlene Santos Barros (2017), por seu turno, em sua tese também apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, analisa a Lei de Acesso à Informação (LAI), na perspectiva de sua construção no contexto brasileiro, com ênfase no contexto político oligárquico do Maranhão entre 2009 e 2014.

A partir da Análise do Discurso pecheuxtiana, a pesquisadora destacou duas categorias nos discursos políticos e midiáticos, a saber, publicidade e silêncio. Ela argumenta que no Maranhão a LAI não teve espaço na mídia, porquanto se apresentava como uma ameaça à manutenção do poder oligárquico da região (BARROS, 2017).

A lei de Acesso à Informação foi sancionada no Brasil pela presidenta Dilma Rousseff em 18 de novembro de 2011. Salienta-se que a promulgação da Lei no país se deu tardiamente. Ao trazer reflexões sobre a LAI, no contexto político e informacional, a pesquisadora defende o direito à informação como pressuposto para o conhecimento e a atuação dos cidadãos nos debates e nas tomadas de decisões políticas (BARROS, 2017).

A partir das discussões sobre política, mídia, poder, sociedade civil e dominação no contexto maranhense, feitas por Dirlene Barros (2017), ver-se-á que a configuração política oligárquica maranhense possivelmente influenciou o comportamento da bancada do estado no Congresso Nacional. Ademais, é

responsável pela quase ausência de divulgação da LAI pela mídia local.

Assim, a pesquisadora busca o entendimento das relações de poder presentes no campo político e informacional do Maranhão. Além disso, descreve e analisa o processo de implementação da Lei de Acesso à Informação no Brasil, identificando seus principais atores. Descreve também o contexto político do Maranhão entre 2009 e 2014 e analisa as ações de informação do grupo Sarney, visto que oligarquia Sarney controla diversos meios de comunicação na região. Entende-se oligarquia como o governo de poucos, os quais administram o bem público para seu próprio benefício (BARROS, 2017).

O cidadão, de acordo com a visão de Barros (2017), deve ter acesso às informações, sem impedimentos, por meio da Internet. A cidadania digital oferece alternativas às pessoas menos favorecidas, trazendo facilidades para uma atuação política. Por conseguinte, as tecnologias de informação e comunicação assumem um caráter social. Para a pesquisadora, o estudo do fenômeno informação não é concebido fora do sujeito. A informação se comunica, se forma, se expande por meio do sujeito, o qual, num processo dialético com o meio, intensifica os processos informacionais.

A busca pela transparência pública é uma prática inserida nas sociedades democráticas. Para pesquisadora, é dever dos governantes dar publicidade a suas ações no que se refere à administração pública. Além disso, disponibilizar informações de interesse da população, a fim de que sejam disseminadas (BARROS, 2017).

Nesse contexto, a gestão documental demanda estrutura física, recursos humanos e também financeiros. Ela deve ser implantada, para que as informações solicitadas sejam disponibilizadas de modo prático e eficiente. Sendo assim, a transparência das informações governamentais é um fator decisivo para boa governança. Ao tornar mais transparente o aparelho estatal, por meio da transparência ativa, o cidadão terá uma participação maior no controle social (BARROS, 2017).

É importante que o cidadão participe das tomadas de decisão do Estado. Desse modo, a gestão pública seria legitimada, facilitando sua qualidade e eficiência. Assim, a desorganização dos arquivos se apresenta com um dos grandes desafios para o fornecimento imediato da informação e a para implementação da LAI (BARROS, 2017).

O uso das tecnologias de informação e comunicação facilita a transparência ativa, porquanto amplia a quantidade de informações divulgadas. Ademais, ajuda na manutenção da atualização das informações de modo mais rápido. Dessa forma, ocorre a diminuição no uso de recursos financeiros e humanos, visto que as informações de interesse coletivo podem ser usadas por vários cidadãos simultaneamente em lugares diversos (BARROS, 2017).

A pesquisadora, por meio da Análise do Discurso, analisa os discursos sobre a LAI. Dessa forma, observa que a história do Maranhão é marcada por graves problemas de ordem social, política e econômica, resultado da péssima administração de oligarquias que ficaram à frente do poder local. Salienta-se que a família Sarney atua em diversas esferas, no que concerne as tomadas de decisão da região. Roseane Sarney, durante seu governo, influenciou a manutenção da cultura do sigilo da Lei de Acesso à Informação no Maranhão (BARROS, 2017).

Há uma luta constante pela manutenção do poder político e informacional. Embora as tecnologias de informação e comunicação representem novas maneiras de transcender o uso da informação, o Maranhão acaba impossibilitado de uma contra ação devido suas baixas condições sociais e tecnológicas (BARROS, 2017).

Por conseguinte, a pesquisadora fez uma análise dos discursos proferidos pela bancada federal e a mídia do Maranhão durante o processo de debate e de divulgação da LAI. Barros (2017) queria analisar até que ponto a oligarquia Sarney influenciou os discursos durante a gestão de Roseane Sarney entre 2009 e 2014. Realça-se que eleito governador do Maranhão em 2014, Flávio Dino representou o rompimento da oligarquia Sarney.

Logo, nota-se, nos trabalhos de Elias (2017) e Barros (2017), ambos desenvolvidos na Universidade de Brasília e sob orientação da professora Georgete Medleg Rodrigues, análises discursivas de documentos de cunho político e de forte interesse nacional. As autoras problematizam aspectos ligados ao arquivo em sua relação com o campo político.

#### **4.2.4 Estudos sobre a leitura dos profissionais da informação**

Clarinda Rodrigues Lucas (1996), em sua tese de doutorado, defendida no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, sob

orientação da professora Eni Puccinelli Orlandi, parte da verificação do imaginário que cerca a figura dos profissionais de Biblioteconomia. O bibliotecário era visto como o guardião dos pergaminhos. Hoje é o indexador de documentos em bases digitais. Na perspectiva da pesquisadora, o bibliotecário é o responsável pela organização da memória.

Segundo Lucas (1996), a organização da informação e a recuperação do sentido dos textos estão entre as finalidades da Biblioteconomia e dos estudos sobre informação. Assim, os profissionais da informação através de catálogos e descritores tentam dirigir o olhar do leitor. Para autora, ler é muito mais que decifrar códigos, visto que há diferentes sujeitos e diferentes modos de leitura.

Desse modo, o bibliotecário faz o papel de intérprete dos textos que indexa. Lucas (1996) sinaliza criticamente a busca pela desambiguação dos enunciados, das palavras. Segundo a autora, os profissionais da informação objetivam a organização da informação e do conhecimento e o controle terminológico por meio de linguagens documentárias, a saber, tesouros, terminologias, listas de cabeçalhos. Nesse contexto, espera-se do indexador uma leitura neutra e objetiva. Há uma tentativa em reduzir a subjetividade do sujeito que lê. Logo, idealiza-se uma linguagem homogeneizada e interpretável pelas máquinas.

Diante desse cenário, a pesquisadora aponta que o trabalho de indexação não é neutro quanto à interpretação. Por conseguinte, não espelha com exatidão o conteúdo de uma obra, pois nesse processo, diferentes leituras são expostas ou silenciadas. Os descritores são resultados de um jogo de poder inserido na linguagem. O controle terminológico, portanto, está ligado a mecanismos de controle dos sentidos, visto que alguns sentidos são legitimados por determinada comunidade (LUCAS, 1996).

Há um sentido dominante que se institucionaliza, conforme as condições de produção. Destarte, não considerar as condições de produção do discurso é apagar a contradição entre as diversas formações discursivas que se entrecruzam. Assim, os profissionais da informação são sujeitos com ideologias e subjetividades. Trata-se de agentes que controlam e disciplinam os acontecimentos (LUCAS, 1996).

Sublinha-se que na terminologia de uma área, há o controle de vocabulário, portanto, há relações de poder e a institucionalização de sentidos. Desse modo, as pessoas que trabalham com informação são afetadas pelo complexo das formações discursivas historicamente determinadas. Portanto, os indexadores reproduzem os

sentidos já estabilizados nas linguagens documentárias (LUCAS, 1996).

Por meio de um diálogo interdisciplinar entre Biblioteconomia e a Análise do Discurso, Lucas (1996) questiona o discurso que descreve a leitura do bibliotecário como neutra e apolítica. Critica, além disso, a leitura rápida na indexação, a qual visa a produtividade sem a reflexão e pode comprometer a interpretação. Para a pesquisadora, não é possível que uma metodologia possa disciplinar, administrar e conter os diversos fatores sobre os quais a Análise Documentária se sujeita.

No contexto da museologia, Luísa Maria Gomes de Mattos Rocha (1999), também aponta para importância de leituras que sejam mais plurais. Em sua dissertação de mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Convênio CNPq / IBICT-UFRJ / ECO), a pesquisadora faz uma reflexão sobre o processo de construção do discurso museográfico e suas estratégias expositivas com ênfase no processo informacional. Assim, conforme sua perspectiva, as atividades técnicas e científicas contêm as marcas de um discurso histórico, social e culturalmente determinado.

A partir de seu arcabouço conceitual, a pesquisadora trabalha a exposição como um vetor de produção de sentidos. O indivíduo, na relação sujeito-objeto, produz significados. Ademais, em sua investigação científica, ela traz reflexões sobre como história e memória se movimentam juntas na construção do saber histórico. Assim, a exposição nos museus está inserida nesse processo de fusão (ROCHA, 1999).

Rocha (1999) explica que as representações estão inseridas em um sistema simbólico partilhado por sujeitos sociais, os quais lhe dão significados e sentidos. Nesse horizonte, a museologia tem a tarefa de representar e organizar certo conhecimento. Em seu trabalho, a autora argumenta que na integração do objeto ao acervo de um museu ocorre o controle de significado, privilegiando a classe dominante.

A organização e representação do conhecimento permitem a interlocução entre objeto e usuário. Dessa forma, existe a possibilidade de variadas leituras e significações em relação à singularidade humana e aos diversos objetivos conceituais dos campos disciplinares do saber. Salienta-se que conforme os atributos que lhe são dados, um mesmo objeto pode ser associado a diversos grupos e segmentos distintos. Logo, a partir da potencialidade do objeto de propiciar variadas leituras e interpretações, podem surgir diferentes classificações (ROCHA,

1999).

Rocha (1999) assinala que a análise do documento clama por interações interdisciplinares. O significado histórico, muitas vezes, é tido como uma verdade única. Não se pode esquecer que há um aspecto contextual e subjetivo no conhecimento histórico. Historiadores e museólogos utilizam um repertório pessoal na construção de seus objetos de análise. O museu possui um poder legitimador, a ponto de ser considerado durante muitos anos como inquestionável.

Dessa forma, não se pode perder de vista que o museu está inserido numa ordem social e cultural de uma sociedade. Ademais, passa por mudanças e transformações em suas necessidades e valores. O objeto sofre alterações físicas, devido à ação do tempo, além de enfrentar mudanças em seu uso como representação social de um determinado contexto (ROCHA, 1999).

O museu está inserido na ordem sociocultural de uma sociedade. Nessa instituição, diferentes padrões classificatórios são utilizados na representação do acervo e na seleção dos objetos expostos. Tais padrões refletem a dinâmica da sociedade e também do sujeito. Para a pesquisadora, o padrão classificatório procede de relações socioculturais. Dessa forma, o sujeito, alocado num grupo social, possui um determinado padrão de classificação (ROCHA, 1999).

É importante problematizar as questões em torno dos critérios de classificação dos museus. Em muitos momentos, prioriza-se um determinado código, partilhado por um segmento social privilegiado, deixando de lado um discurso mais democrático e aberto a múltiplas leituras. A exposição, portanto, se revela como uma teia de significados possíveis (ROCHA, 1999).

Os museus se apresentam como instâncias de legitimação do discurso ou de uma verdade científica. Os museus históricos, por exemplo, valorizam a perspectiva cronológica. Neles, muitas vezes, os fatos se apresentam de forma linear, por meio de objetos pessoais de uma elite política que não expressa as complexidades das relações socioculturais. As relações comunicacionais entre o museu e o público têm um aspecto intencional que se reflete na política cultural da direção da instituição. Sendo assim, não há neutralidade nessa relação (ROCHA, 1999)

O enfoque discursivo assinala que o significado de um objeto ou de uma exposição é construído por um sujeito, alocado num contexto histórico e sociocultural, por meio de um processo de interlocução que pede a negociação de subjetividades em cenário contextualizador (ROCHA, 1999).

A pesquisadora trouxe reflexões sobre questões museológicas, a saber, a especificidade da informação museológica, a autoridade, a multiplicidade interpretativa e a institucionalização da verdade. Além disso, levantou discussões sobre a importância de estratégias museográficas que considerem o sujeito, os múltiplos sentidos e democratização da informação, além de romper com o discurso autoritário (ROCHA, 1999).

Em sua dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, por sua vez, Ludmila Ferrarezi (2010), mediante uma interface entre Ciência da Informação, Análise do Discurso e Educação, traz reflexões sobre a biblioteca escolar. A pesquisadora analisa discursivamente os movimentos do sujeito e dos sentidos em páginas eletrônicas sobre biblioteca escolar. Destarte, seu objeto de pesquisa são os discursos sobre a biblioteca escolar materializados na Internet.

Segundo Ferrarezi (2010), a biblioteca escolar passa a ser discursivizada e naturalizada como um espaço fechado ao múltiplo e com limitações, no que tange os diversos recursos e atividades que poderia oferecer. Dessa maneira, a partir dos pressupostos da Análise do Discurso pecheuxiana, a autora busca compreender como a historicidade e a memória discursiva sustentam sentidos sobre o que é a biblioteca escolar.

De acordo com a analista do discurso, a biblioteca escolar enfrenta vários problemas, a saber, o silêncio e o pouco reconhecimento. Diante desses desafios, tornam-se relevantes estudos que procurem pensá-la de maneira crítica, considerando uma abordagem mais polissêmica e interativa (FERRAREZI, 2010).

Em sua investigação científica, Ferrarezi (2010) leva em consideração o político. Ademais, objetiva dar voz a sujeitos que foram silenciados. Nota-se também que a pesquisadora concebe a materialidade virtual como um espaço de disputas e inserido na luta de classes. Assim, a rede eletrônica é um espaço político de conflitos pelo dizer.

Há sentidos que são vistos pelos sujeitos como os únicos que podem ser enunciados, enquanto outros acabam apagados. Ferrarezi (2010) assinala que isso se dá pelas vias do assujeitamento e do esquecimento. Existem sentidos dominantes que normatizam o que e como a biblioteca escolar dever ser. Nessa ótica, muitos outros acabam silenciados.

Dado que na biblioteca escolar diferentes sentidos são gerados, é possível

que um bibliotecário enuncie a partir do lugar de organizador de acervo ou de mediador de leituras, dentre várias outras possibilidades. Dessa forma, o sujeito-bibliotecário está inserido em um lugar de poder (FERRAREZI, 2010).

É importante mencionar que pesquisadora defende que o assujeitamento teorizado por Pêcheux não é radical, isto é, há um espaço para o sujeito resistir. Ferrarezi (2010) também aponta que a presença de sentidos mais plurais podem indiciar um desejo por transformações nas práticas realizadas nas unidades de informação escolares. Por conseguinte, é importante que emergjam sentidos além do dominante.

Em sua dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense, Rachel Polycarpo da Silva (2014), tendo como base sua experiência profissional na Biblioteca Flor de Papel, também analisou questões ligadas ao conceito de leitura no contexto da biblioteca escolar e da Educação Infantil.

A autora se apoiou nos estudos pecheuxtianos de Análise do Discurso para trabalhar o conceito de leitura. Segundo Silva (2014), as análises conceituais e as interpretações de dados revelam que o conceito de leitura é mais amplo do que a ideia de leitura inserida nos discursos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação.

Nesse sentido a Análise do Discurso ofereceu a pesquisadora um referencial teórico e epistemológico para compreender como a biblioteca escolar e o bibliotecário podem auxiliar na educação leitora e no entendimento da biblioteca como um espaço que pode ser utilizado por crianças. Assim, a autora traz considerações sobre o papel do bibliotecário na formação de leitores, assinalando que a biblioteca escolar é um espaço propício para a formação de leitores desde a Educação Infantil (SILVA, 2014).

A Análise do Discurso auxiliou a autora em sua busca pela compreensão do desenvolvimento do discurso sobre o conceito de leitura na biblioteca escolar presentes nas áreas de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Dessa forma, a fim de ilustrar as condições de produção do discurso institucional e as formações sociais que influenciaram nas transformações da concepção de leitura, Silva (2014) incorporou em sua pesquisa fatos históricos da Biblioteconomia e da Ciência da informação.

A pesquisadora argumenta que embora haja um aumento de pesquisas sobre

leitura e sua relação com a biblioteca no âmbito da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, os estudos ainda tratam pouco a respeito do ato de ler e suas influências para o uso da informação pelos leitores. Segundo Silva (2014), a leitura pode ser entendida como um processo que envolve a interação do sujeito com sua realidade, resultando em compreensão. Nessa ótica, a leitura é um processo comunicativo mais amplo e independente de codificação e decodificação do registro escrito.

Lucas (1996), Rocha (1999), Ferrarezi (2010) e Silva (2014) compartilham da ideia de que há sentidos dominantes presentes nos padrões de classificação. Por conseguinte, surge a necessidade de abertura para sentidos que sejam mais abrangentes, atendendo a complexidade da sociedade. Mesmo que Lucas (1996), Ferrarezi (2010) e Silva (2014) utilizem os estudos de Pêcheux e Orlandi na Biblioteconomia, enquanto Rocha (1999) se fundamenta em Foucault na Museologia, chegam a conclusões parecidas, isto é, a importância da negociação de subjetividades e de leituras que sejam mais plurais por parte dos profissionais da informação. Elas assinalam para um conceito de leitura que esteja aberto à polissemia e que admita múltiplas interpretações. Destarte, as autoras problematizam a noção de leitura e a busca pelo controle dos sentidos no campo informacional.

#### **4.2.5 Estudos sobre Organização da Informação e do Conhecimento**

Terezinha de Fátima Carvalho de Souza (2008), em sua tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, trouxe reflexões sobre como a Ciência da Informação pode contribuir com a compreensão de temas complexos que envolvam a ciência, a política, a economia e a legislação numa perspectiva multidisciplinar e interdisciplinar. Em sua pesquisa, especificamente, a autora se baseou em discussões ligadas ao tema “alimentos geneticamente modificados”.

A produção da ciência e dos saberes encontra na Ciência da Informação um lugar privilegiado para a organização e o tratamento das informações, a partir da criação de repositórios informacionais. Assim, a pesquisadora propõe a criação de um repositório de informações, o qual denomina de base de saber, a fim de auxiliar na compreensão do processo de formação do discurso sobre transgênicos. Para

isso, se fundamentou nos estudos arqueológicos do discurso de Foucault (Souza, 2008).

Segundo Souza (2008), a ciência isoladamente não consegue explicar a realidade complexa dos transgênicos. Dessa forma, a construção de bases de saber sobre esse tema, incluindo o conhecimento científico e os saberes econômicos, políticos e legais, poderá auxiliar na compreensão dessa realidade, além de viabilizar subsídios para tomada de decisões.

Nesses processos que exigem um alto grau de complexidade, tratar apenas de aspectos científicos torna as questões relevantes fragmentadas e prejudica a tomada de decisão. Sendo assim, em seu percurso teórico, a pesquisadora problematiza o tratamento do conhecimento científico como instaurador da verdade e provedor de parâmetro para compreensão da realidade. Para ela, portanto, tratar o conhecimento científico como hegemônico é insuficiente (Souza, 2008).

A realidade social se apresenta com um elevado grau de complexidade. Logo, são necessários estudos que articulem o conhecimento científico produzido com aspectos econômicos, políticos e legais. Segundo a pesquisadora, apenas a identificação temática não é suficiente para a recuperação da informação adequada, no que concerne as questões multidisciplinares, interdisciplinares e complexas. Dessa forma, os estudos arqueológicos do discurso poderiam enriquecer o entendimento de bases de saberes (Souza, 2008).

Souza (2008) teve como intenção desenvolver um exercício metodológico capaz de explicitar a possibilidade de se estabelecer uma base de saber em temáticas complexas como os transgênicos por meio da Análise do Discurso. Assim, surge seu conceito de arqueologia da informação.

Nesse sentido, a teoria foucaultiana auxiliaria na explicitação de determinado conteúdo organizado e registrado. Em Foucault, a pesquisadora encontrou evidências para explicitar a percepção de que apenas o conhecimento científico não é capaz de dar suporte para tomada de decisão. Nesse sentido, as relações econômicas, políticas, legais e sociais também devem ser consideradas. Portanto, a pesquisadora propõe a produção de repositórios informacionais, chamados de bases de saber, os quais devem reunir não somente o conhecimento científico, mas também saberes econômicos, políticos e legais.

Por seu turno, ao tratar dos modelos de organização e classificação da informação, em sua dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em

Linguística da Universidade Federal de São Carlos, Lívia de Lima Reis (2012) prioriza um modo mais dialógico de organização, isto é, a folksonomia. Esse instrumento de organizar e classificar informações funciona como um instrumento de auxílio que, na utilização de linguagens documentárias, considera o sujeito e o contexto de uso da informação. Além disso, permite que uma pessoa atribua tags, isto é, palavras escolhidas para representar conteúdos online.

A folksonomia é considerada como uma prática social e colaborativa de organização do conhecimento encontrado na Internet. Trata-se também de uma garantia da linguagem utilizada por usuários em suas buscas por informações. Nela, os sujeitos escolhem e manipulam as formas lexicais, conforme o contexto de uso da linguagem e a significação que o sujeito atribui ao conteúdo a ser representado. Sublinha-se que os sujeitos apresentam contextos sociais e pontos de vista diferentes. Em seu estudo, a pesquisadora investiga os modelos de organização e classificação das informações, a partir da contribuição teórica de Foucault, especialmente, no que tange à relação poder-saber (REIS, 2012).

De acordo com Reis (2012), sob a luz do pensamento de Foucault, o conhecimento não surge de modo neutro. Ele é regido por regras de formação que permitem circular determinados discursos e não outros. Esses discursos estão ligados à episteme de um momento histórico, o qual valida e legitima aquilo que é dito. Assim, o método genealógico foucaultiano encontra-se centrado nas relações entre discurso e poder. Além disso, analisa como determinado discurso se forma de maneira efetiva, se reorganiza internamente, sofre críticas e se replica através de forças, as quais o interpelam externamente.

Desse modo, a pesquisadora explica que os saberes se modificam em meio aos poderes e às resistências. Foucault, na fase genealógica de sua pesquisa, se voltou para compreensão das relações de poder presentes em instituições como prisão, escola e hospital. O teórico descortinou como os procedimentos disciplinares que objetivavam o controle do corpo e da mente geravam saberes sobre indivíduos (REIS, 2012).

O método arqueológico de Foucault, por seu turno, contribui na compreensão de como as epistemes de diferentes períodos configuram discursos e práticas que influenciam a organização do conhecimento em cada época. Assim, para que uma ideia seja considerada verdade, deve estar vinculada à episteme de um determinado período (REIS, 2012).

A partir da teoria de Foucault, a pesquisadora explica que o Estado moderno se caracteriza pelo uso de tecnologias do poder disciplinar, a fim de controlar e tornar a população mais produtiva. Tal poder é exercido a partir do aparato técnico das instituições. Ele age sobre as pessoas de modo geral e particular. Logo, o poder está inserido nos mais variados ambientes e opera nas diversas relações entre os indivíduos (REIS, 2012).

Existem relações de poder e formas de resistências nos vários campos da ação humana. O poder circula em espaços de liberdade. Destarte, o poder também circula por meio de uma nova forma na prática da folksonomia. Vale lembrar que embora os sistemas ideológicos institucionalizados estejam enredados no contexto diário dos sujeitos, eles podem modificá-los por meio de atitudes éticas responsáveis. Dessa forma, essas modificações não são feitas por apenas um sujeito, mas sim por indivíduos que se estejam organizados socialmente (REIS, 2012).

Realça-se que o poder não é sempre negativo, isto é, sempre reprime, limita e castiga; porquanto, através de seus procedimentos, pretende-se uma atuação produtiva por parte dos indivíduos. Vale ressaltar, por exemplo, que o capitalismo não teria o mesmo resultado, caso utilizasse apenas técnicas repressivas (REIS, 2012).

Ninguém está livre das relações de força. O poder não é propriedade de alguém. Além disso, não pode ser localizado em lugares específicos, pois se define em termos de relação. Por conseguinte, há relações de poder em pontos diferentes da sociedade. Trata-se da microfísica do poder (REIS, 2012).

Assim, existe o conflito entre sistemas ideológicos que se inclinam para um fechamento de sentidos e outros que tendem para os múltiplos sentidos, a fim de classificar algo. Sublinha-se que Lucas (1996), Rocha (1999), Ferrarezi (2010) e Silva (2014), como já foi apontado, também assinalam para essa questão. Há, por exemplo, tags mais previsíveis e outras mais criativas. Assim, os sujeitos, apoiados em poderes que circulam por instituições sociais, atuam como instâncias que controlam os discursos, de acordo com o lugar no qual estão inseridos. Nesse cenário, o poder não se encontra na figura de uma autoridade única, mas se dispersa entre os usuários da web (REIS, 2012).

As tags são formas específicas de enunciados, constituídas por palavras simples ou compostas, até mesmo por frases. Entre suas principais funções está a organização colaborativa e personalizada dos conteúdos online. Ainda que

classificação social sofra coerções ideológicas, por meio dela, também, é possível a criatividade (REIS, 2012).

A pesquisadora defende que a Internet possibilita diversas formas de resistência aos sistemas ideológicos institucionalizados, porquanto possibilita o ato criativo, ainda que suas ferramentas não sejam gratuitas e livres das relações de poder. Dessa forma, não se deve fugir dos embates ideológicos, dos diversos pontos de vista, dos diferentes grupos culturais, visto que tais embates envolvem tipos de poder e de resistência (REIS, 2012).

As relações de poder, na visão de Reis (2012), na Era da Informação, estão assumindo uma configuração mais dinâmica e fluida, visto que as noções de colaboração em redes sociais estão presentes nos diversos campos das atividades humanas. Diante da exposição online da privacidade, uma forma de resistência seria os sujeitos se tornarem os próprios controladores dos discursos, para que exponham informações de seus interesses. Assim, os pontos de resistência não podem ser localizados com facilidade.

Hoje, há a valorização da criatividade e do compartilhamento de saberes. É possível, por meio da compreensão ativa e do exercício da liberdade, exteriorizar pontos de vistas, analisar atos e enunciados de outros e até mesmo adquirir uma identidade em meio ao conflito entre poder e resistência. Na atribuição das tags, por exemplo, os sujeitos podem negociar sentidos. Para isso, há fóruns de discussão que estão disponibilizados em sites (REIS, 2012).

Por conseguinte, o gesto classificatório não é neutro, pois envolve vários processos ideológicos e valorativos de compreensão. Há no controle terminológico uma tendência para fechar espaços para interpretação. Ademais, a tecnologia do poder disciplinar, associada a nova forma de poder, registra e guarda informações, além de rastrear o comportamento dos indivíduos. Dessa forma, ainda que a folksonomia favoreça a criatividade dos sujeitos ao classificar conteúdo, não se encontra livre das forças de poder coercitivas. Nesse horizonte, o poder adquire novas configurações (REIS, 2012).

Com enfoque nas novas ferramentas da web, Flávia Vieira da Silva Santos (2013) trouxe reflexões sobre o tratamento da informação, objetivando a análise, a representação e a recuperação de documentos em sua dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade Federal de São Carlos.

A pesquisadora objetivou a compreensão de aspectos ligados à teoria de Foucault, a fim de realizar uma análise discursiva em textos da web, visando a organização de acervos. Assim, a autora aplicou princípios teóricos de Foucault em um *corpus* de cunho artístico. Os textos foram encontrados na web a partir do enunciado “morte de Paul McCartney”(SANTOS, 2013).

Santos (2013) analisa o tema “morte de Paul McCartney”, a partir de princípios da Análise do Discurso. Ela assinala que existe uma lacuna em relação à organização de documentos artísticos no universo da web. Dessa forma, argumenta que os princípios de análise foucaultiana podem auxiliar os profissionais da informação na análise e na organização desses documentos.

Acentua-se que a pesquisadora aplica conceitos foucaultianos em materialidades ligadas ao enunciado “morte de Paul McCartney” na web. Os princípios escolhidos, trazidos da teoria arqueológica de Foucault, para pesquisa foram: *Ciência e Saber*, *Comentário* e *Arquivo*. Ele propõe uma organização de arquivo, a partir dos documentos de sua análise, para buscar as relações entre eles (SANTOS, 2013).

Devido ao surgimento dos meios digitais na web, campos como a Biblioteconomia, Arquivologia e a Documentação estão reavaliando critérios e parâmetros que direcionam suas práticas. O surgimento da Ciência da Informação provocou mudanças nas técnicas de organização da informação. Hoje, a informação armazenada em ambientes digitais pode ser disseminada independentemente de sua localização física (SANTOS, 2013).

Nesse contexto, a Ciência da Informação e a Ciência da Computação, segundo a pesquisadora, caminham para uniformização na representação dos dados. O objetivo dessa padronização é o surgimento de bases de dados que operem com mais eficiência e ofereçam aos usuários resultados de busca de modo diversificado (SANTOS, 2013).

A web disponibiliza em suas práticas várias fontes de informação, entretanto estão espalhadas. Sendo assim, precisam ser organizadas. Santos (2013) assinala que é possível inserir os resultados analíticos, advindos da teoria foucaultiana, em modelos computacionais. Para ela, há princípios, práticas e padrões de linguagem computacionais que, além de estruturar os dados resultantes de análises feitas, podem servir de modelo.

Portanto, nesse horizonte, padrões computacionais são indispensáveis, a fim

de que os dados sejam processados e compartilhados. Novas maneiras de descrição dos dados e da estruturação de registros bibliográficos são necessárias, visto que o ambiente web gera novas demandas com suas especificidades. Desse modo, a Organização da Informação tem um papel primordial para que ocorra a recuperação da informação de modo eficiente (SANTOS, 2013).

Na visão da pesquisadora, a análise de um arquivo discursivo, conforme a proposta de Foucault, e os recursos computacionais proporcionariam a integração de dados presentes em arquivos, bibliotecas, museus e o conteúdo presente na web. Dessa forma, em ambientes virtuais, o uso das informações seria facilitado (SANTOS, 2013).

Santos (2013) reuniu documentos sobre a morte de Paul McCarrney, a fim de gerar um arquivo discursivo. Ao buscar materiais sobre um mesmo assunto e fazer uma análise discursiva das informações encontradas, estabeleceu relações enunciativas. Dessa forma, os documentos encontrados, a partir da proposta foucaultiana, formaram um arquivo enunciativo.

A análise discursiva facilita o agrupamento dos documentos e auxilia na compreensão das relações existentes entre eles. Nesse cenário, a Análise do Discurso contribui com a análise de documentos no âmbito da web. Diante da necessidade de novas maneiras de análise de documento na web, Santos (2013) defende que é possível, mediante a análise discursiva, agrupar e relacionar documentos, considerando materialidades textuais com diferentes características.

#### **4.2.6 Estudos Metodológicos**

Pedro Aurelio Cerveira Cordeiro (2004), em sua dissertação, apresentada à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, propôs uma interação entre a Análise do Discurso de matriz francesa e a Ciência da Informação. Assim, a partir dessa interação, sugere um novo método analítico à Ciência da Informação.

O fio condutor de sua pesquisa foi a verificação da Análise do Discurso como uma alternativa metodológica aplicável à Ciência da Informação. Para o autor, em suas ações de recontextualização, as instâncias ideológicas e de poder, ao lado da informação, deveriam ser de interesse da Ciência da Informação (CORDEIRO,

2004).

Cordeiro (2004) aponta que são poucos os estudos teóricos sobre a Análise do Discurso como metodologia presentes nas práticas da Ciência da Informação. Ademais, aponta que as duas áreas do conhecimento científico despertam polêmicas devido às origens de seus objetos de estudo, a saber, o discurso e a informação.

Sendo assim, seu trabalho prepara o campo científico para novos estudos que envolvam a metodologia da Análise do Discurso e os estudos sobre informação. Segundo a hipótese de Cordeiro (2004), a Ciência da Informação é considerada como um campo do conhecimento a procura de sua própria epistemologia.

Desse modo, possibilita agregação e afirmação científica de disciplinas que caminham em direção a um mesmo ponto. A partir do pós-Guerra, segundo o pesquisador, Análise do Discurso e Ciência da Informação trilham por caminhos parecidos. Ademais, apresentam crises semelhantes e transitam por vários espaços epistemológicos, isto é, passam pelos paradigmas físico, cognitivo e social. Sobre isso, é importante mencionar que Cordeiro (2004) faz referência a Rafael Capurro (2003). O filósofo uruguaio, ao assinalar questões epistemológicas presentes na Ciência da Informação, argumenta que a área percorre pelos três paradigmas.

Cordeiro (2004) considera, em seu trabalho, os fatos sociais da Ciência da Informação, sobretudo, aqueles relacionados às instâncias semântico-discursivas da informação. Os estudos sobre informação passam a olhar o sujeito. Nesse cenário, a Análise do Discurso como método auxiliaria a problematizar as questões de interpretação. Destarte, o pesquisador faz interpelações epistêmicas referentes à relação significado/informação.

Trazendo também contribuições para os estudos metodológicos em Ciência da Informação, em sua dissertação de Mestrado para o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista, Mariana da Silva Caprioli (2018) propôs elementos, a fim de realizar uma experiência metodológica com a Análise do Discurso, para decodificar formações discursivas que cooperassem com o processo de análise documental de textos narrativos ficcionais. Os textos escolhidos pela pesquisadora foram do autor curitibano Dalton Trevisan.

A autora argumenta que a Análise do Discurso se apresenta como uma metodologia viável para análise de textos literários. De acordo com Caprioli (2018),

os textos narrativos ficcionais podem ser representados com mais eficiência, caso sejam analisados discursivamente. Dessa forma, possibilitaria uma melhor recuperação e uso dos documentos.

A preocupação com a recuperação de textos narrativos surgiu na Ciência da Informação na década 1980, devido, principalmente, a dificuldade de representar o conteúdo temático. A pesquisadora aponta que os textos narrativos de ficção não possuem uma metodologia específica para ser representado em unidades de informação. Desse modo, esses textos acabam sendo representados de acordo com as regras aplicadas aos textos científicos (CAPRIOLI, 2018).

Segundo a autora, há inconsistências no processo de recuperação da informação em obras literárias nas unidades de informação. Logo, existe a necessidade de uma metodologia que decodifique as formações discursivas nos discursos literários. Sendo assim, propõe a observação da contribuição da materialidade discursiva na recuperação da informação de textos narrativos ficcionais (CAPRIOLI, 2018).

Sob a luz dos pressupostos teóricos de Pêcheux, Caprioli (2018) argumenta que a formação discursiva é construída pela relação de sentido entre posições ideológicas, que se encontram inseridas em um processo sócio-histórico, no qual os sentidos e as palavras são produzidos. Ver-se-á que as palavras não têm sentido nelas mesmas, mas sim derivam o sentido do meio em que estão inseridas, estando diretamente relacionada à Formação Ideológica.

Em seu percurso teórico, a pesquisadora também considera a noção de poder de Foucault. Nessa perspectiva, o poder está ligado ao direito e à verdade. Salienta-se que Caprioli faz uma articulação com o conceito de Regime de Informação, que trata de regras do uso da informação em uma dada sociedade e um dado contexto (CAPRIOLI, 2018).

Visto que Análise do Discurso Francesa se preocupa com o contexto no qual os documentos foram criados, se torna uma metodologia viável para análise de textos literários. Caprioli (2018) defende que Análise do Discurso Literário, inspirada nos trabalhos de Maingueneau e baseada nos conceitos da Análise do Discurso, serve como auxílio no que concerne a análise para representação em unidades de informação. Além disso, defende que esse tipo de análise pode beneficiar o trabalho dos profissionais da informação, tornando a representação do texto mais adequada e a recuperação mais eficiente, pois, na análise discursiva, o contexto e as

circunstâncias em que a obra foi produzida são considerados. Logo, as políticas de indexação têm o poder de restringir as representações. Diante desse fato, os textos literários precisam de uma melhor representação.

Destarte, os trabalhos de Cordeiro (2004) e Caprioli (2018) assinalam para uso da Análise do Discurso Francófona como uma metodologia capaz de auxiliar em questões interpretativas, tão importantes para recuperação da informação. Vale ressaltar que os estudos sobre discursos oferecem subsídios para as peculiaridades dos textos literários.

#### 4.2.7 Estudos sobre Representação da Informação e do Conhecimento

Em sua tese de doutorado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, em convênio com o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Carlos Xavier de Azevedo Netto (2001) discorre sobre os modos de representação da Arte Rupestre. Além disso, o pesquisador busca investigar a possibilidade de estabelecer relações interpretativas por meio das representações criadas.

O estudo de Azevedo Netto (2001) visa a investigação do potencial de transferência de informação de conceitos da Arte Rupestre, definidos para a Arqueologia desenvolvida no Brasil, sistematizando métodos de interpretação de representações rupestres. Nesse sentido, é importante destacar que a Arqueologia trata de dados cuja natureza envolve aspectos culturais, sociais, ambientais e bioantropológicos. Além disso, busca o resgate do passado cultural da humanidade e entende as formas construídas e adaptadas para uma perpetuação.

Assim, os dados arqueológicos são remanescentes da cultura material de um determinado povo, pois representam comportamentos passados. As manifestações rupestres estariam ligadas à percepção e à representação de grupos indígenas. Logo, os conceitos de Arte Rupestre são considerados como uma forma de representação do universo.

Segundo o pesquisador, há uma necessidade de criação de mecanismos que sintetizem os dados observados e que, concomitantemente, transfiram a informação que foi obtida. Desse modo, emergem mecanismos tradicionais de representação da

Arte Rupestre e suas unidades de classificação. Destarte, a Arte Rupestre passa a ser considerada como registro informacional de origem pré-histórica, dentro de um contexto sociocultural, que se encontra olvidado no tempo (AZEVEDO NETTO, 2001).

Na perspectiva de Azevedo Netto (2001), com o surgimento da “New Archaeology”, a representação passa a ocupar uma posição privilegiada no pensamento arqueológico. Desse modo, a mera descrição dos artefatos dá lugar para a constatação de que os objetos arqueológicos decorrem de comportamentos humanos.

Nesse horizonte, em seus estudos, o pesquisador investiga métodos de definição e de estruturação de conceitos como estruturas teóricas que orientem o ato de representar. Salieta-se que no campo informacional, a representação é vista, inicialmente, como a forma do homem estabelecer vínculos consigo mesmo e o com aquilo que se encontra em seu entorno. Dessa forma, obteve a categorização de conceitos analíticos, sintéticos e interpretativos. Assim, em seu percurso investigativo, foram destacados os problemas de sinonímia e de polissemia encontrados (AZEVEDO NETTO, 2001).

Desse modo, a identificação de uma categoria de conceitos cuja natureza é interpretativa, possibilita que interpretações, com base nos mecanismos de representação constituídos, sejam tecidas. Por meio das interpretações dos universos simbólicos, representados na Arte Rupestre, é possível formular aproximações que auxiliem a compreensão do comportamento humano no passado, visto que se tratam de representações mentais de determinados grupos (AZEVEDO NETTO, 2001).

A Arte Rupestre é uma manifestação que contém informações que podem ser recuperadas, visto que nela há uma organização. Acentua-se que é no processo de recuperação informacional que a esfera interpretativa se faz mais presente, porquanto é no processo de recuperação da informação que existe a necessidade de correlação de aspectos objetivos do registro rupestre com suas formas de correlação que permitem um processo de construção de significados. Logo, a interpretação se relaciona com a recuperação da informação (AZEVEDO NETTO, 2001).

As leituras da Arqueologia dependem da maneira como os artefatos se relacionam entre si no espaço e no tempo e também do contexto nos quais estão

inseridos. Vale lembrar que os mesmos artefatos podem apresentar em contextos diferentes outros significados. Assim, o ato de interpretar envolve construção e atribuição de juízo de valor (AZEVEDO NETTO, 2001).

Azevedo Netto (2001) argumenta que os sistemas de representação construídos pelos arqueólogos brasileiros mantêm uma relação estrita com as construções discursivas desses pesquisadores. Nesse sentido, a análise das representações da Arte Rupestre brasileira pode dialogar com a Análise de Discurso, posto que Foucault analisa a construção das estruturas discursivas.

A Arte Rupestre, bem como seus sistemas de representação enquanto estruturas discursivas, é formada por estruturas simbólicas. Por conseguinte, é nessa ordem que o discurso arqueológico se apresenta sobre a Arte Rupestre. De acordo com o pesquisador, as noções de representação e de classificação são institucionalizadas no discurso das ciências, no contexto da modernidade, como formas de explanação das diretrizes constitutivas do mundo real (AZEVEDO NETTO, 2001).

Assim, os princípios de classificação e de representação adquirem uma grande relevância no âmbito desses discursos. Na Ciência da Informação, a noção de representação se aproxima da noção de classificação, já que ambos os conceitos estão voltados para os modos de organização da informação e do conhecimento.(AZEVEDO NETTO, 2001).

Acentua-se que o pesquisador trata a interpretação também sobre o prisma da Semiótica. Azevedo Netto (2001), desse modo, tem na Semiótica de Peirce e na Análise do Discurso de Foucault seus pilares epistemológicos. O autor defende que a Semiótica trata do fenômeno sógnico de modo mais completo, a saber, não se limita aos signos linguísticos. Assim, a teoria de Peirce é a base teórica para trabalhar a representação e o significado da Arte Rupestre.

Foucault, por sua vez, ao retomar o discurso como em sua propriedade de acontecimento, quebra a supremacia e atenção do significante. O pesquisador mobiliza quatro princípios que devem ser considerados no discurso presentes na teoria de Michel Foucault. São eles: inversão, descontinuidade, especificidade, exterioridade. Tais princípios permitem que se tenha um modo regulador para análise do discurso (AZEVEDO NETTO, 2001).

O pesquisador conclui que a principal barreira para o maior desenvolvimento dos estudos de Arte Rupestre no Brasil está no estabelecimento de elos entre os

diferentes marcos teóricos que tratam do tema, a fim de seus conceitos possam ser disseminados, de tal modo que as comparações gerem possibilidades interpretativas com um alcance maior. Desse modo, existe a necessidade de um esforço teórico e metodológico, para que haja uma reorganização das estruturas representativas da Arte Rupestre. Além disso, é importante minimizar os problemas de cunho conceitual e terminológico (AZEVEDO NETTO, 2001).

Por seu lado, Hildenise Ferreira Novo (2014), em sua tese apresentada ao Curso de Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento da Universidade Federal da Bahia, apresenta para organização do conhecimento uma proposta de Modelo Dinâmico de Análise Conceitual (Modac), objetivando contribuir na construção de Sistemas de Organização do Conhecimento. O modelo se baseia em Análise Cognitiva e em Análise do Discurso Representativo do domínio *meio ambiente*, a partir de subáreas e especialidades das Geociências.

A pesquisadora utilizou a Análise do Discurso Representativo de Foucault, buscando analisar a enunciação discursiva de textos. Novo (2014) se preocupa em compreender como o sujeito processa e usa dinâmica e cognitivamente a informação, para elaborar mecanismos de análise conceitual que possibilitem um modelo dinâmico, a fim de auxiliar na construção de Sistemas de Organização e Representação do Conhecimento.

Segundo a pesquisadora, a Linguística, a Análise Cognitiva e a Análise do Discurso colaboraram com a base epistemológica de sua pesquisa. A autora utilizou concepções foucaultianas para pensar na interpretação das redes conceituais, a saber, rastrear as palavras para além de um ato de escrita, entendendo as questões de pluralidade ligadas pelo sentido, pela semântica, que podem ser ditas em outros espaços, pois dialogam com outros contextos. A autora aponta que no processo de organização do conhecimento, os processos de interpretação são necessários na criação de novos conceitos (NOVO, 2014).

De acordo com Novo (2014), o sujeito ressignifica a informação e lhe atribui sentido para sua utilização. Nesse horizonte, os profissionais da informação e do conhecimento precisam entender a importância da ressignificação, por meio de processos técnicos ligados ao trabalho de representação. Além disso, aliados às tecnologias, devem mediar as possibilidades de informação. Assim, para que sejam feitas análises conceituais, é mister a compreensão do domínio do conhecimento e de seus usuários.

Na ótica da pesquisadora, a classificação é um processo mental, que ordena as coisas a partir da percepção do indivíduo, atribuindo a elas sentidos. Sendo assim, Novo (2014) objetivou a construção de um modelo dinâmico de análise conceitual, para auxiliar na construção de Sistemas de Organização do Conhecimento, sobretudo, de taxonomias e de ontologias de domínios para ambiente inter ou multidisciplinares. Em seu processo metodológico, a autora utilizou a Análise do Discurso, a partir das concepções foucaultianas para os processos de representação.

Suellen Oliveira Milani (2014), também oferecendo contribuições para Representação da Informação e do Conhecimento, em sua tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista, a partir de uma discussão crítica no campo da Organização da Informação, propõe uma reflexão sobre o fenômeno *bias*. Em seu trajeto metodológico, a pesquisadora utiliza a Análise do Discurso de Foucault, a partir da releitura de Frohamann.

Segundo a pesquisadora, há dois contextos de biases: um negativo e outro positivo. No contexto negativo, diversas características são omitidas, desprivilegiando grupos e temas. Já no positivo, as especificidades de determinadas comunidades usuárias são garantidas (MILANI, 2014).

Milani (2014) também aponta que de um lado existe a crença da suposta imparcialidade do bibliotecário, questão bem presente na pesquisa de Lucas (1996); e do outro a necessidade do profissional da informação fazer julgamentos de valor, para que comunidades usuárias específicas sejam melhor representadas.

Na visão da autora, durante muitos anos, acreditou-se que a representação de assunto fosse um processo imparcial. No contexto brasileiro, o Grupo TEMMA, na década de oitenta, já alertava a necessidade do reconhecimento de que não há neutralidade no profissional indexador e da necessidade de se desenvolver procedimentos de análise e representação de assunto que possam minimizar os efeitos dessa parcialidade (MILANI, 2014).

Nessa perspectiva, a autora pensa formas de diálogos entre uma representação de assuntos sem neutralidade e a necessidade de suprir as demandas de comunidades de usuários com suas diversidades. Para ela, os processos de representação de assunto devem atuar de tal modo que a comunidade usuária seja representada nos catálogos, nos índices, nos resumos e nas notações

de classificação. Ademais, os usuários não devem ser afastados das bibliotecas e dos sistemas de informação devido à falta de representação ao se depararem com as *biases* (MILANI, 2014).

A pesquisadora utiliza a Análise do Discurso foucaultiana como metodologia, posto que seu interesse é entender as relações de poder construídas na representação de assunto. Sob a luz da abordagem genealógica de Foucault, a pesquisadora trouxe discussões sobre o modo pelo qual as instituições e os posicionamentos epistemológicos da Organização da Informação tratam os seus objetos e suas ideias (MILANI, 2014).

Para a autora, na Organização da Informação, os usuários não devem ser considerados como grupos homogêneos. Assim, a área poderá minimizar os problemas das *biases* no contexto de cada cultura. Em seu percurso profissional, o bibliotecário encontrará uma enorme diversidade de assuntos e discursos. Isso exigirá dele reflexões éticas em vários momentos, visto que fará uma leitura desses discursos. Assim sendo, a representação de assuntos se relaciona com os posicionamentos políticos dos bibliotecários (MILANI, 2014).

O profissional da informação deve procurar compreender as comunidades de usuários e seus dilemas sociais e observar como essas questões se apresentam nas unidades de informação. Assim, é importante pensar como as relações de poder se manifestam na prática bibliotecária, posto que, no acesso à informação, os usuários devem ter seus contextos específicos respeitados. Nesse cenário, é relevante que as vozes excluídas sejam identificadas, a fim de atraí-las para o contexto da biblioteca. Portanto, os usuários devem interagir com a biblioteca (MILANI, 2014).

Os instrumentos de representação de assunto refletem a cultura dominante de uma sociedade. Dessa forma, desempenham um papel-chave nas bibliotecas. No contexto negativo, um instrumento de representação de assunto contendo *bias*, podem veicular preconceitos. No contexto positivo, podem garantir as especificidades das comunidades usuárias por meio da representação de assunto. Por conseguinte, a autora busca contextualizar o fenômeno das *biases* e auxiliar na atenuação de seus efeitos (MILANI, 2014).

**Quadro 6 – Contribuições teóricas da Análise do Discurso para o campo informacional**

D/T	UNIVERSIDADE	AUTOR	PÊCHEUX	SOCIOLINGÜÍSTICA	FOUCAULT	TEMAS	QUESTÕES
T	UNICAMP	Clarinda Rodrigues Lucas	X			Biblioteconomia Bibliotecários Profissão do Bibliotecário Indexação Leitura Documentária Linguagem Documentária	Crítica a leitura rápida, neutra e objetiva do indexador.  Defende a interação entre a Ciência da Informação e a Análise do Discurso.  Assinala que o controle terminológico está ligado a mecanismos de controle dos sentidos.
T	UFMG	Lídia Alvarenga			X	Bibliometria Análise de Citações Intertextualidade	Aponta que o ato de citar está envolvido em relações poder.  Utiliza a Arqueologia do Saber para fundamentar seu estudo bibliométrico.  Argumenta que todo texto se relaciona com outros textos, ora em conformidade, ora em oposição
D	UFRJ/IBICT	Luisa Maria Gomes de Mattos Rocha			X	Museologia Sujeito Classificação Informação museológica	Apresenta o museu como um poder legitimador.  Retrata o museu como um legitimador de discurso.  Defende a criação de estratégias museográficas que considerem o sujeito, os múltiplos sentidos e a democratização.
T	UFRJ/IBICT	Carlos Xavier de Azevedo Netto			X	Arte Rupestre Arqueologia Semiótica Interpretação Estruturas discursivas	Defende que os sistemas de representação construídos pelos arqueólogos brasileiros mantêm uma relação estrita com as construções discursivas desses pesquisadores.  Assinala que a análise das representações da Arte Rupestre brasileira pode

							dialogar com a Análise de Discurso, posto que Foucault analisa a construção das estruturas discursivas.
T	USP/ECA	Lídia Silva de Freitas	X	X	X	Informação Sociocultural Epistemologia Ciência da Informação Neoliberalismo	Discorre sobre as contribuições da Análise do Discurso no debate epistemológico.  Aponta princípios dominantes da Ciência da Informação.  Problematiza a Luta social pelos sentidos.
D	UFRJ /IBICT	Pedro Aurélio Cerveira Cordeiro	X			Análise do Discurso Método Analítico Ciência da Informação	Sugere a Análise do Discurso como metodologia para a Ciência da Informação.  Assinala que a Análise do Discurso como método auxilia na problematização das questões de interpretação.
T	UFRJ /IBICT	Nanci Elizabeth Oddone			X	Ciência da Informação Biblioteconomia Documentação Lydia de Queiroz Sambaquy Historicidade da Ciência da Informação	Utiliza abordagem genealógica de Foucault para investigação documental, a fim de fazer emergir as forças dispersas.  Adota princípios da história genealógica.
T	UFRJ /IBICT	Márcia Heloísa Tavares de Figueredo Lima	X		X	Análise de Enunciados Bibliometria Direito Direito à Informação	Traz reflexões sobre as possibilidades conciliadores dos métodos bibliométricos e arqueológicos.  Utiliza a perspectiva foucaultiana de análise de enunciados
T	UFMG/ ECI	Terezinha de Fátima Carvalho de Souza			X	Transgênicos Bases do saber Arqueologia da Informação	Desenvolve um exercício metodológico capaz de explicitar a possibilidade de se estabelecer uma base de saber em temáticas complexas como os transgênicos por meio da Análise do Discurso.  Apresenta evidências em Foucault para explicitar a percepção de que apenas o

							conhecimento científico não é capaz de dar suporte para tomada de decisão.
D	FFCLRP- USP	Ludmila Ferrarezi	X			Biblioteca Escolar Análise do Discurso Internet Sujeitos- bibliotecários	Trata a materialidade virtual como um palco de disputas.  Argumenta que há sentidos dominantes que normatizam o que e como a biblioteca escolar deve ser.  Apresenta o sujeito- bibliotecário inserido em um lugar de poder.  Analisa discursivamente os movimentos do sujeito e dos sentidos em páginas eletrônicas sobre biblioteca escolar.
D	FFC/UNESP	Thiago Henrique Bragato Barros	X	X	X	Análise do Discurso Arquivística Formação discursiva	Defende a Análise do Discurso como um desdobramento da Linguística.  Apresenta o arquivo como uma instituição reguladora e legitimadora de poder.  Usa a Análise do Discurso como método para identificar os sujeitos que enunciam e os lugares que os conceitos são enunciados na Arquivística. Faz uma aproximação conceitual dos trabalhos de Foucault com os de Pêcheux.  Considera as contribuições de Foucault para Análise do Discurso como periféricas.
T	UFMG	Edivânio Duarte de Souza	X			Epistemologia Interdisciplinar Campo Informacional Neoliberalismo Globalização da Economia Tecnologia da Informação	Questiona o fato de que a interdisciplinaridade e seja considerada um espaço estabilizado.  Mapeia a produção científica brasileira ligada ao discurso da interdisciplinaridade e na Ciência da

D	UFSCar	Lívia de Lima Reis			X	Folksonomia Linguagens Documentárias Sujeito Contexto Social Tags Organização do Conhecimento Tecnologia Poder Disciplinar Classificação Neutralidade Representação Temática	Informação. Assinala que existe o conflito entre sistemas ideológicos que se inclinam para um fechamento de sentidos e outros que tendem para os múltiplos sentidos, a fim de classificar algo.
D	UFSCar	Flávia Vieira da Silva Santos			X	Organização de Documentos Ciência e Saber Comentário Arquivo Integração de dados Arquivo enunciativo	Assinala que princípios da análise foucaultiana podem auxiliar os profissionais da informação na análise e na organização de documentos.  Aplica princípios teóricos de Foucault em um <i>corpus</i> de cunho artístico.  Faz análise discursiva em textos da web.
T	UFBA	Hildenise Ferreira Novo			X	Análise do Discurso Representativo  Modelo Dinâmico de Análise Conceitual  Sistemas de Organização do Conhecimento	Utiliza concepções foucaultianas para pensar na interpretação das redes conceituais.  Fez uso da Análise do Discurso Representativo de Foucault, objetivando de analisar a enunciação discursiva de textos.
T	UNESP	Thiago Henrique Bragato Barros	X	X	X	Arquivística Epistemologia Ideologia	Faz um estudo histórico discursivo das teorias e práticas arquivísticas, a fim de buscar em sua episteme as relações de poder/saber.  Apresenta a Arquivística como uma instância significativa.  Expõe que os arquivos são instituições que, além de regular, legitimam a constituição de identidade e de

							<p>memória</p> <p>Argumenta que Análise do Discurso pode contribuir com as discussões sobre as posições ideológicas em dada conjuntura presentes na Arquivística e nas instituições responsáveis pela organização de documentos de arquivos.</p> <p>Questiona a neutralidade que o discurso do gênero científico tenta se prender.</p>	
D	UFF	Rachel Polycarpo da Silva	X			<p>Leitura</p> <p>Biblioteca Escolar</p> <p>Bibliotecário</p> <p>Educação Infantil</p>	<p>Utiliza os estudos pecheuxianos de Análise do Discurso para problematizar o conceito de leitura.</p> <p>Entende a leitura como um processo que envolve a interação do sujeito com sua realidade, resultando em compreensão. Nessa ótica, a leitura é um processo comunicativo mais amplo e independente de codificação e decodificação do registro escrito.</p> <p>Utiliza a Análise do Discurso um referencial teórico e epistemológico para compreender como a biblioteca escolar e o bibliotecário podem auxiliar na educação leitora e no entendimento da biblioteca como um espaço que pode ser utilizado por crianças.</p>	
T	UNESP/FFC	Suellen Oliveira Milani				X	<p>Bias</p> <p>Representação de assunto</p> <p>Bibliotecário</p> <p>Relações de Poder</p> <p>Cultura</p>	<p>Aponta que os instrumentos de representação de assunto refletem a cultura dominante de uma sociedade.</p> <p>Reflete como as relações de poder se manifestam na prática bibliotecária, visto que, no acesso à informação, os usuários devem</p>

							<p>ter seus contextos específicos respeitados.</p> <p>Utiliza a Análise do Discurso foucaultiana, a partir da releitura de Frohamann, em sua abordagem genealógica, como metodologia, posto que seu interesse é entender as relações de poder construídas na representação de assunto.</p>
T	UnB	Aluf Alba Vilar Elias	X		X	<p>Epistemologia</p> <p>Arquivística</p> <p>Comissão da Verdade</p> <p>Verdade</p> <p>Justiça de Transição</p>	<p>Assinala que os documentos de arquivos podem se apresentar como possíveis instauradores de “verdades” obscuras ou criminosas, mas, por outro lado, podem contribuir com o direito ao exercício do perdão.</p> <p>Argumenta que os documentos podem oferecer recursos para que haja a libertação de lembranças traumáticas, ressignificando as narrativas históricas.</p> <p>Versa que os arquivos passam, na atualidade, a se localizar nas demandas sociais correspondentes aos processos identitários, de inclusão e nos processos de justiça social.</p>
D	UNESP	Larissa de Mello Lima	X		X	<p>Ciência da Informação</p> <p>Anais de eventos</p> <p>ENANCIB</p> <p>Epistemologia</p>	<p>Argumenta que a Análise do Discurso é um método que pode oferecer suporte, para situar a institucionalização da Ciência da Informação.</p> <p>Traz reflexões teórico-metodológicas sobre conceitos fundamentais para Ciência da Informação.</p> <p>Discorre sobre como a Análise do Discurso pode auxiliar na compreensão do papel da ANCIB e do ENANCIB na</p>

							<p>legitimação das tendências de pesquisa na Ciência da Informação.</p> <p>Faz uma sistematização das formações discursivas e ideológicas das teorias presentes nos estudos epistemológicos da Ciência da Informação no contexto brasileiro.</p>
	UnB	Dirlene Santos Barros	X			<p>Lei de Acesso à Informação</p> <p>Publicidade</p> <p>Silêncio</p> <p>Direito à informação</p> <p>Contexto político do Maranhão</p> <p>Gestão documental</p>	<p>Aponta que o estudo do fenômeno informação não é concebido fora do sujeito.</p> <p>Assinala que há uma luta constante pela manutenção do poder político e informacional.</p> <p>Realiza uma análise dos discursos proferidos pela bancada federal e a mídia do Maranhão durante o processo de debate e de divulgação da LAI.</p>
D	UNESP	Mariana da Silva Caprioli	X		X	<p>Análise Documental</p> <p>Análise do Discurso</p> <p>Análise do Discurso Literário</p> <p>Formação Discursiva</p> <p>Formação Ideológica</p> <p>Regime de Informação</p> <p>Textos Narrativos Ficcionalis</p>	<p>Realiza uma experiência metodológica com a Análise do Discurso para decodificar formações discursivas que cooperem com o processo de análise documental de textos narrativos ficcionais.</p> <p>Argumenta que a Formação Discursiva é construída pela relação de sentido entre posições ideológicas, que se encontrem inseridas em um processo sócio-histórico no qual os sentidos e as palavras são produzidos.</p>

Serão realizadas, no último capítulo, observações finais sobre a pesquisa e reflexões sobre as questões teóricas centrais presentes nas relações epistemológicas entre as correntes francófonas de Análise do Discurso, a Ciência da Informação e a Organização do Conhecimento.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, é importante o reconhecimento de que há diferentes vertentes francesas de Análise do Discurso inseridas na Ciência da Informação. Nessa investigação científica, optou-se por analisar as interações interdisciplinares entre as vertentes francófonas que emergiram nos anos 1960, mesmo ano que afloraram os estudos sobre Análise Documentária na França. As linhas escolhidas estão ligadas a Pêcheux, a Foucault e à Sociolinguística. Durante o percurso analítico, verificou-se que os trabalhos de Pêcheux e Foucault são mais utilizados no campo informacional do que a vertente sociolinguística de Análise do Discurso.

Os trabalhos interdisciplinares, com ênfase no discurso, na Organização da Informação e do Conhecimento apontam que os processos em torno da informação não são neutros e apolíticos. Nesse sentido, as vertentes francófonas de Análise do Discurso, especialmente os estudos de Pêcheux e da vertente sociolinguística, trouxeram uma visão marxista dos modos de ordenar e classificar a informação, identificando os museus, bibliotecas e arquivos como aparelhos ideológicos do Estado. Nessa abordagem marxista dos aspectos linguísticos, a linguagem se apresenta como um campo de tensões e de disputas de poder.

No cenário epistemológico da Ciência da Informação, a Análise do Discurso contribuiu com reflexões sobre a tensão em torno dos sentidos presentes na área, isto é, de um lado, uma tendência de ligar as pesquisas em informação ao discurso neoliberal; do outro, a busca por discursos mais humanísticos e sociais. Destarte, as pesquisas realizadas revelaram que os discursos ligados ao mercado são bem presentes na epistemologia da área. Além disso, os estudos sobre discurso ofereceram subsídios para a identificação de órgãos que oferecem legitimidade às tendências das pesquisas informacionais e na clarificação de aspectos ligados à historicidade da área.

A Bibliometria também recebeu importantes contribuições da Análise do Discurso, sobretudo, dos estudos foucaultianos. Os trabalhos analisados apontam que há relações de poder nas citações. Nesse sentido, a Análise do Discurso se apresenta como uma metodologia capaz de contribuir criticamente com a interpretação e com a análise de dados.

Nota-se também que uma das grandes contribuições conceituais da Análise

do Discurso para a Ciência da Informação e para Organização do Conhecimento é o conceito de leitura. Os trabalhos interdisciplinares, envolvendo os pensamentos de Pêcheux e de Foucault, no campo informacional, problematizam a questão do controle de sentidos nas linguagens documentárias. As pesquisas, nesse aspecto, indicam a necessidade de abertura dos sentidos, para que as demandas culturais sejam atendidas, a partir de leituras que sejam mais plurais. Dessa forma, os padrões de classificação não devem ficar presos aos sentidos dominantes que normatizam as unidades de informação.

Nos estudos arquivísticos, em sua relação com a Teoria do Discurso, o arquivo é visto como uma instituição legitimadora de poder. Vale destacar também que as demandas sociais e o interesse pelas questões identitárias e de inclusão passam a ganhar espaço na Arquivística. Acentua-se também que os trabalhos sobre discurso também são utilizados no processo de leitura de documentos com viés político e que são destaques no cenário nacional.

Diante das análises realizadas, foi observado que a Análise do Discurso também auxiliou na explicitação de conteúdos e na organização de informações. Nesse horizonte, a teoria facilitou o processo de agrupamentos e o entendimento das relações existentes entre documentos.

Faz-se mister também enfatizar o papel da Análise do Discurso Francesa como uma alternativa metodológica para Ciência da Informação, problematizando os aspectos de interpretação para recuperação da informação. Destaque-se o seu uso para análise de textos específicos como, por exemplo, os literários.

As pesquisas também mostraram a possibilidade de se utilizar a Análise do Discurso foucaultiana como metodologia, para facilitar a compreensão das relações de poder construídas na representação de assunto. Nesse horizonte, dada a possibilidade da representação de assunto refletir apenas elementos da cultura dominante, os profissionais da informação precisam entender as comunidades de usuários e suas demandas sociais específicas.

Ver-se-á também que o campo informacional é afetado pelas questões ligadas ao sujeito. Nessa perspectiva, como indicação para pesquisas futuras, a Ciência da Informação e a Organização do Conhecimento requerem uma aproximação de disciplinas que tratem das relações entre linguagem e sujeito, porquanto não é cabível o isolamento teórico diante de temáticas com múltiplas perspectivas. A partir de um olhar interdisciplinar, ver-se-á que Organização do

Conhecimento está enlaçada nos embates teóricos sobre a noção do sujeito.

Assim sendo, torna-se oportuno pensar nos modos de assujeitamento do indivíduo. A informação e o conhecimento são produzidos, organizados, disseminados e utilizados por sujeitos. A Análise do Discurso Francesa e também a Pragmática, nesse horizonte, se apresentam como disciplinas capazes de contribuir com essa linha de pesquisa sobre a informação, a fim de pensar os elos entre sujeito, linguagem e informação.

Nessa perspectiva, as formas de organização e representação da informação e do conhecimento, por conseguinte, dependerão do lugar em que o sujeito está instaurado, do contexto nos quais as relações são estabelecidas e de suas condições de produção. O percurso empreendido até aqui, sob a luz dos estudos interdisciplinares entre Ciência da Informação e as vertentes francesas de Análise do Discurso, indica que falar dos modos de organizar informação e conhecimento é falar também de sujeito, de linguagem e de relações de poder.

Além disso, salienta-se que, em torno dos modos de ordenar e representar o conhecimento, existem conflitos, interesses econômicos, injustiças sociais e embates políticos. Sob a luz das vertentes francófonas de Análise do Discurso, é possível considerar esses aspectos, porquanto a esfera ideológica e as relações de poder estão presentes no modo como o conhecimento é tratado.

Logo, as instituições responsáveis pela guarda de documentos relevantes para sociedade são lugares de tensões e interesses. Por conseguinte, as correntes francófonas de Análise do Discurso cooperam com a interpretação dos processos linguísticos, ideológicos e políticos que se manifestam nas formas de ordenar, representar e disseminar a informação e o conhecimento.

## REFERÊNCIAS

ACHARD, Pierre. Discours et sociologie du langage. **Langage & société**, v. 37, n. 1, p. 5-60, 1986. Disponível em: < [https://www.persee.fr/doc/lsoc\\_0181-4095\\_1986\\_num\\_37\\_1\\_2066?pageid=t1\\_54](https://www.persee.fr/doc/lsoc_0181-4095_1986_num_37_1_2066?pageid=t1_54) > Acesso em: 26 jan. 2019.

ALMEIDA, Carlos Cândido de; BASTOS, Flavia Maria; BITTENCOURT, Fernando. Uma leitura dos fundamentos histórico-sociais da Ciência da Informação. **Revista Eletrônica Informação e Cognição**, Marília, v. 6, n. 1, p. 68-89, 2007. Disponível em: < <http://200.145.171.5/revistas/index.php/reic/article/view/749/651> >: Acesso em: 9 jul. 2016.

ALMEIDA, Carlos Cândido de. **Peirce e a organização da informação**: contribuições teóricas da semiótica e do pragmatismo. 2009. 416 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, 2009.

ALMEIDA, C. C. de. **Elementos de linguística e semiologia na organização da informação**. 1.ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. 3ª. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1980.

ALVARENGA, Lídia. **A institucionalização da pesquisa educacional no Brasil**: estudo bibliométrico dos artigos publicados na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos – 1944-74. 1996. Tese de doutorado. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 1996. 244p.

ALVARENGA, Lídia. Bibliometria e arqueologia do saber de Michel Foucault – traços de identidade teórico-metodológica. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 3, p. 253-261, 1998.

AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. **A arte rupestre no Brasil**: questões de transferência e representação da informação como caminho para interpretação. 2001. 210 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro / Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: < <http://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/684/1/carlosnetto2001.pdf> >. Acesso em 11 nov. 2018.

BARROS, Dirlene Santos. **A lei brasileira de acesso à informação**: uma análise da sua construção, do contexto nacional ao contexto político oligárquico do estado do Maranhão (2009-2014). 2017. 236 f., il. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2017. [http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/24009/1/2017\\_DirleneSantosBarros.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/24009/1/2017_DirleneSantosBarros.pdf) > acesso em : 27 ago. 2018.

BARROS, Thiago Henrique Bragato. **A construção discursiva em arquivística**: uma análise do percurso histórico e conceitual da disciplina por meio dos conceitos de classificação e descrição. 2010. 132 f. Dissertação (mestrado) - Universidade

Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2010. Disponível em: < [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/93667/barros\\_thb\\_me\\_mar.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/93667/barros_thb_me_mar.pdf?sequence=1&isAllowed=y) > Acesso em: 21 ago. 2018.

BARROS, Thiago Henrique Bragato. **A representação da informação Arquivística:** uma análise do discurso teórico e institucional a partir dos contextos espanhol, canadense e brasileiro. 2014. 222 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, 2014. Disponível em < <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/110391/000792879.pdf?sequence=1&isAllowed=y> > Acesso em: 28 ago. 2018.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência:** por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora Unesp, 2004a.

BOURDIEU, Pierre. **Para uma sociologia da ciência.** Lisboa: Edições 70, 2004b.

BOUTET, Josiane; MAINGUENEAU, Dominique. Sociolinguistique et analyse de discours: façons de dire, façons de faire. **Langage et société**, n. 4, p. 15-47, 2005. Disponível em: < <https://www.cairn.info/revue-langage-et-societe-2005-4-page-15.html> > Acesso em: 23 jan.2019.

BORKO, Harold. Information science: what is it?. **American documentation**, v. 19, n. 1, p. 3- 5,1968.

BRASCHER, Marisa.; CAFÉ, Lígia. Organização da informação ou organização do conhecimento? In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2008.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística:** uma introdução crítica. trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CAPRIOLI, Mariana da Silva. **Análise do discurso literário:** proposta de metodologia no processo de análise documental de textos narrativos de ficção. 2018. 104 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, 2018. Disponível em: < [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/152778/caprioli\\_ms\\_me\\_mar.pdf?sequence=5&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/152778/caprioli_ms_me_mar.pdf?sequence=5&isAllowed=y) > Acesso em: 07 jan. 2019.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e Ciência da informação. Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 5, Belo Horizonte, 2003. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2003. Disponível em: < [http://www.capurro.de/enancib\\_p.htm](http://www.capurro.de/enancib_p.htm) >. Acesso em> 3 set. 2018.

CASTANHA, Renata Cristina Gutierrez; LIMA, Larissa de Mello; MARTÍNEZ-ÁVILA, Daniel. Análise do discurso sob a perspectiva bibliométrica nos estudos de Ciência da Informação no Brasil. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 22, n. 1, p. 17-37, mar. 2017. . Disponível em: < <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/2813> >. Acesso em: 26 jan. 2019.

CORDEIRO, Pedro Aurélio Cerveira . **Análise do discurso e Ciência da Informação**: ensaio sobre uma possibilidade metodológica. 2004. 93f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)- Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em < [http://rigeo.cprm.gov.br/xmlui/bitstream/handle/doc/208/diss\\_pedro\\_cordeiro.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://rigeo.cprm.gov.br/xmlui/bitstream/handle/doc/208/diss_pedro_cordeiro.pdf?sequence=1&isAllowed=y)> Acesso em: 28 ago. 2018.

CUNHA, Isabel Maria Ribeiro Ferin. Análise Documentária. In: SMIT, Johanna Wilhelmina. **Análise documentária**: a análise da síntese. Brasília : IBICT, 1987.

CUNHA, Isabel Maria Ribeiro Ferin; KOBASHI, Nair Yumiko ;AMARO, Regina Keiko Obata Ferreira. Revisão Bibliográfica. In: SMIT, Johanna Wilhelmina. **Análise documentária**: a análise da síntese. Brasília : IBICT, 1987.

DOSSE, François. **History of Structuralism Volume 1**: The rising sign, 1945-1966. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

ELIAS, Aluf Alba Vilar. **Arquivo, verdade e o processo de transição democrática no Brasil**: o legado da Comissão Nacional da Verdade para ampliação da discussão epistemológica arquivística. 2017. 163 f., il. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em : < <http://repositorio.unb.br/handle/10482/32024> > Acesso em: 06 jan. 2019.

FARIA, José Henrique de. A epistemologia crítica e os momentos de pesquisa: uma proposição para os Estudos Organizacionais. In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, 8, Gramado-RS. **Anais...** Gramado-RS: ANPAD, 2014. Disponível em : <[http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2014\\_EnEO97.pdf](http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2014_EnEO97.pdf) >Acesso: 12 out. 2018.

FERRAREZI, Ludmila; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. Arquivo, documento e memória na concepção discursiva. **Encontros Bibli: revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. 24, p. 152-171, 2007.

FERRAREZI, Ludmila. **A biblioteca escolar nas teias do discurso eletrônico**. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto. Disponível em : < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-12112013-163230/pt-br.php> >Acesso em: 02 jan. 2019.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Os desafios de fazer avançar a análise do discurso no Brasil com singularidade e liberdade. **Revista Desenredo**, v. 4, n. 2, 2009.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Glossário de termos de Análise do Discurso**. Porto Alegre: Instituto de Letras, UFRGS, 2001.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e o desejável conhecimento do sujeito. **Educação & Realidade**, v. 24, n. 1, 1999.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: Paul RABINOW; Hubert DREYFUS. **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica . Rio de Janeiro: Forense Universitária,

1995. p. 231-249.

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FREIRE, Bernardina Maria Juvenal; AQUINO, Mirian de Albuquerque. Ciência da Informação: buscando abrigo para um sujeito. **Transinformação**, Campinas, v. 12, n. 2, p. 71-79, 2000. Disponível em : < <http://periodicos.puccampinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/1532/1506> > Acesso em: 12 jul. 2016.

FREIRE, Gustavo Henrique de Araújo. Ciência da Informação: temática, histórias e fundamentos. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 6-19, 2006.

FREITAS, Lídia da Silva. **Na Teia dos Sentidos**: análise do discurso da Ciência da Informação sobre a atual condição da Informação. 2001. 245 f. 2001. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado)-Curso de Ciência da Comunicação, USP, São Paulo.

FREITAS, Lídia Silva de. A análise do discurso e o campo informacional: usos atuais e alcance epistemológico: uma atualização. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 1, n. 1, p. 32-55, 2010.

FROHMANN, Bernd . O caráter social, material e público da informação. In: FUJITA, Mariângela Spotti Lopes .; MARTELETO, Regina Maria .; LARA, Marilda Lopez Ginez de (Org.). **A dimensão epistemológica da ciência da informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação**. São Paulo: Cult. Acadêmica; Marília: Fundepe, 2008.

GADET, Françoise. 1977: em torno de um momento-chave do surgimento da Sociolinguística na França. **Organon**, Porto Alegre, v. 30, n. 59, p. 41, 2015.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa; BORGES, Paulo César Rodrigues. Ciência da Informação: ciência recursiva no contexto da sociedade da informação. **Ciência da informação**, v. 29, n. 3, 2000.

GASPAR, Nádea. Regina.; REIS, Lívia Lima. Um olhar da análise do discurso para a representação temática na Ciência da Informação. **DataGramaZero**, 2010, dez, v. 11, n. 6.

GASPAR, Nádea Regina; FERRAZ, Angela; CANATO, Daiana Ellen. No movimento da leitura das histórias em quadrinhos: uma proposta discursiva para a ciência da informação. **RDBCi: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 9, n. 2, p. 106-127, jul. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1922>>. Acesso em: 02 fev. 2019.

GOMES, Hagar Espanha. Marcos históricos e teóricos da organização do conhecimento. **Informação & Informação**, v. 22, n. 2, p. 33-66, 2017. Disponível em:< <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/31442/21990> >

Acesso em : 31 ago. 2018.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Metodologia de pesquisa no campo da Ciência da Informação. **DataGramZero: revista de Ciência da Informação**, v. 1, n. 6, p.1-11, 2000.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Escopo e abrangência da Ciência da Informação e a pós-graduação na área: anotações para uma reflexão. **Transinformação**, Campinas, v.15, n.1, p.31-43, 2003.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. Os vértices (as) simétricos de um triângulo Pêcheux, Althusser, Foucault. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso**: diálogos e duelos. São Carlos: Claraluz, 2004. p. 111-150.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves; SALES, Rodrigo. Análise documental: concepções do universo acadêmico brasileiro em ciência da informação. **DataGramZero**, v. 11, n. 1, p. A02, 2010. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/8345>>. Acesso em: 09 Set. 2018.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves. Organização do conhecimento: passado, presente e futuro sob a perspectiva da ISKO. **Informação & Informação**, v. 22, n. 2, p. 84, 2017. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/31443/21993>> Acesso em: 9 set. 2018.

GUESPIN, Louis. Problématique des travaux sur le discours politique. Paris : **Langages**, 23 p. 3-24, 1971.

HJØRLAND, Birger. Fundamentals of knowledge organization. **Knowledge organization**, v. 30, n. 2, p. 87-111, 2003.

HJØRLAND, B. What is knowledge organization (KO)? **Knowledge Organization**, Würzburg, v. 35, n. 2/3, p. 86-101, 2008. Disponível em: <<https://repository.arizona.edu/handle/10150/106183>>. Acesso em: 1º set. 2018.

JAPIASSU, Hilton. **Introdução ao pensamento epistemológico**. Rio de Janeiro: Livraria F. Alves Editora, 2ª ed., 1977.

JAPIASSU, Hilton. **Introdução ao pensamento epistemológico**. 3.ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1979.

KOBASHI, Nair Yumiko. Análise documentária e representação da informação. **INFORMARE - Cad. Prog. Pós-Grad. Ci. Inf.**, Rio de Janeiro, v.2, n. 2 p. 5-27, jul./dez. 1996.

LIMA, Marcia Heloisa Tavares de Figueredo. **Pela reconstrução epistemológica do direito à informação**: um estudo metainformacional da opinio juris brasileira contemporânea. 2004. Tese (Doutorado) –UFRJ/ECO-CNPq/IBICT. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <

<http://repositorio.ibict.br/bitstream/123456789/699/1/marcialima2006.pdf> > Acesso em: 15 dez. 2018.

LIMA, Larissa de Mello; MOREIRA, Walter; MORAES, João Batista Ernesto. *Linguística Documentária e Análise do Discurso: um mapeamento entre conceitos*. 2016. In: VI Seminário em Ciência da Informação (SECIN). **Anais...**Londrina. 2016.

LIMA, Larissa de Mello. **A Institucionalização cognitiva e social da Ciência da Informação no Brasil**: uma análise discursiva com base nos anais do gt1 ENANCIB em sua primeira década. 2017. 100 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, 2017. Disponível em : < [https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/lima\\_lm\\_me.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/lima_lm_me.pdf) > Acesso em: 21 ago. 2018.

LUCAS, Clarinda Rodrigues. **Indexação**: gesto de leitura do bibliotecário. 1996. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado)–UNICAMP, Campinas.

LUCAS, Clarinda Rodrigues Lucas. *Biblioteconomia: produção e administração da interpretação*. **Ci. Inf., Brasília**, v. 26, n. 1, p. 46-53, jan./abr. 1997.

MACHADO TEIXEIRA, Maria Eunice de Godoy. **Sentidos do percurso da análise de discurso no Brasil na voz de pesquisadores da área**. 2014. tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2014. Disponível em: [http://taurus.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270862/1/MachadoTeixeira\\_MariaEuniceGodoy\\_D.pdf](http://taurus.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270862/1/MachadoTeixeira_MariaEuniceGodoy_D.pdf). Acesso em: 1º mai. 2018.

MAINGUENEAU, Dominique. Jean Dubois et les débuts de l'analyse du discours en France: quelques réflexions. **Linx**, v. 34, n. 1, p. 27-33, 1996. Disponível em: <[https://www.persee.fr/doc/linx\\_0246-8743\\_1996\\_num\\_34\\_1\\_1412](https://www.persee.fr/doc/linx_0246-8743_1996_num_34_1_1412)> Acesso em: 23 jan. 2019.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas:Pontes,1997.

MARCELLESI, Jean-Baptiste. Éléments pour une analyse contrastive du discours politique. **Langages**, n° 23, 1971, p. 25-56.

MARTINS, Gracy Kelli; MORAES, João Batista Ernesto de. Organização e representação do conhecimento: institucionalização como disciplina científica no âmbito da ciência da informação.In: **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, v. 16, 2015. Disponível em: < <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/43835> > Acesso em: 9 set. 2008.

MATOS, Daniela Fernanda de Oliveira; GUIMARÃES, José Augusto Chaves; GRÁCIO, Maria Cláudia Cabrini. A dimensão conceitual da organização do conhecimento no universo científico da ISKO: uma análise de domínio a partir dos congressos de ISKO-Brasil e ISKO-Espanha. In: **II Congreso ISKO España-Portugal. Organización del conocimiento: sistemas de información abiertos**.

Universidad de Murcia, 2015. p. 544-555.

MILANI, Suellen Oliveira. **Bias na Representação de Assunto: Uma Discussão de Oposições Binárias nos Functional Requirements for Subject Authority Data (FRSAD)**. 2014. 134 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, 2014. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/11449/110388> >. Acesso em: 04 jan. 2019.

MORAES, João Batista Ernesto; LIMA, Larissa Mello; CAPRIOLI, Mariana Silva (2016). **Análise do discurso e ciência da informação: aportes teóricos para organização e representação da Informação**. *Scire*, v. 22, n. 2, 2016.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MORRIS, Charles William. **Fundamentos de la teoría de los signos**. Bracelona : Paidós, 1985.

MOSTAFA, Solange Puntel .**Ciência da informação: uma ciência, uma revista**. *Ciência da informação*, v. 25, n. 3, p.1-5, 1996. Disponível em:< <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/627/631>> . Acesso em: 12 out. 2016 .

MOSTAFA, Solange Punte; AMORIN, Igor Soares Amorim; SOUSA, Lucília Maria Abrahão e; **Filosofia e Discurso na Ciência da Informação: tessitura de encontros**. *Logeion: Filosofia da Informação*, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.6-19, 2014. Disponível em: < <http://www.brapci.ufpr.br/brapci/index.php/article/view/0000015985/8e37a54069dc22dc247a2759d3c11a90> >. Acesso em: 12 jun. 2016.

NARZETTI, Claudiana. **As linhas de análise do discurso na França nos anos 60-70**. *RevLet- Revista Virtual de Letras*, v. 2, n. 02, 2010.

NÖTH, Winfried. **A semiótica no século XX**. São Paulo: Annablume, 1996.

NOVO, Hildenise Ferreira. **Análise conceitual e cognitiva: Modac—um modelo dinâmico para auxiliar à construção de Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC)**. 2014. Tese -Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. Disponível em: < <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/19651/1/Tesefinalcorrigidabanca.pdf> > Acesso em: 09 jan. 2019.

NUGARA, Silvia. **Entrevista com Jean-Jaques Courtine**. *Organon*, Porto Alegre, v.4, n. 48, 2010. Disponível em: < <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/28682> > Acesso em: 23 jan. 2019.

ODDONE, Nanci Elizabeth. **Ciência da Informação em perspectiva histórica: Lydia de Queiroz Sambaquy e o aporte da Documentação (Brasil, 1930-1970)**. 2004. 161 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro / Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2004. .Disponível em: < <http://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/691/1/oddone2004.pdf> > Acesso em: 16 nov. de 2018.

OLIVEIRA, Cármen Irene Correia de. Memória e discurso institucionais: o caso de uma instituição de ensino superior. In: ENANCIB, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, 2003.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Discurso, imaginário social e conhecimento. **Em Aberto**, Brasília, v. 14, n.61, p.53-59, jan./mar. 1994.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A análise de discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DE DISCURSO, 1, 2003, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, RS: UFRGS, 2003. 18 f.

ORLANDI, Eni Puccinelli . **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 7ª ed. Campinas : Pontes, 2007.

ORTEGA, Cristina Dotta. Relações históricas entre biblioteconomia, documentação e ciência da informação. **Datagramazero: revista de ciência da informação**, v. 5, n. 5, 2004. Disponível em: < <http://bsf.org.br/wp-content/uploads/2017/05/ORTEGA-RELA%C3%87%C3%95ES-HIST%C3%93RICAS-ENTRE-BIBLIOTECONOMIA-DOCUMENTA%C3%87%C3%83O-E-CI%C3%80NCIA-DA-INFORMA%C3%87%C3%83O.pdf> > Acesso em: 28. jan. 20019.

PANDO, Daniel Abraão. **Epistemologia da Organização da Informação**: uma análise de sua cientificidade no contexto brasileiro. 2018. 463 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista – UNESP, Marília, 2018. Disponível em: [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/153395/pando\\_da\\_dr\\_mar.pdf?squence=3&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/153395/pando_da_dr_mar.pdf?squence=3&isAllowed=y). Acesso em: 09 out. 2018.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 2ª ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1995.

PEREIRA, Edmeire Cristina. O “Cavalo de Tróia” de Michel Pêcheux: uma breve reflexão sobre a análise automática do discurso. **TransInformação**, Campinas, 19(3): 207-218, set./dez., 2007.

POMBO, Olga. Interdisciplinaridade e integração dos saberes. **Liinc em revista**, v. 1, n. 1, p. 4-16, 2005.

POSSENTI, Sírio. O "eu" no discurso do "outro" ou a subjetividade mostrada. **ALFA**, São Paulo, v. 39, 1995.

POSSENTI, Sírio. Teoria do discurso : um caso de múltiplas rupturas. In. MUSSALIM, F. & BENTES, A C. (Orgs.). **Introdução à linguística** : fundamentos epistemológicos. São Paulo : Cortez, 2003a.

POSSENTI, Sírio. Dez observações sobre a questão do sujeito. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 3, Número Especial, p. 27-35, 2003b.

REIS, Livia de Lima. **Dos modelos classificatórios tradicionais na ciência da informação à folksonomia**: um enfoque discursivo . 2012. 96 f. Dissertação

(Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

ROCHA, Luisa Maria Gomes de Mattos. **Museu, informação e comunicação: o processo de construção do discurso museográfico e suas estratégias.** 1999. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa. Michel Pêcheux e as Ciências da Informação e da Documentação: uma aposta na interlocução. In: SANTARÉM SEGUNDO, José Eduardo; MOSTAFA, Solange Puntel; SILVA, Márcia Regina da (Orgs.). **Os Pensadores e a Ciência da Informação.** Rio de Janeiro: E-papers, 2012.

SALES, Rodrigo. A Organização do Conhecimento na comunidade científica brasileira da Ciência da Informação: uma investigação no âmbito da ISKO-Brasil. In: CONGRESSO ISKO ESPAÑA, 12; CONGRESSO ISKO ESPANHA-PORTUGAL, 2, 2015, Murcia. **Anais...** Murcia: Universidad de Murcia, 2015. . Disponível em: < [http://www.iskoiberico.org/wp-content/uploads/2015/11/85\\_Sales.pdf](http://www.iskoiberico.org/wp-content/uploads/2015/11/85_Sales.pdf) > Acesso em: 9 set. 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Introdução a uma Ciência Pós-Moderna.** Porto: Afrontamento, 1989.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências.** 5ª ed. São Paulo : Cortez, 2008.

SANTOS, Flávia Vieira da Silva. **Análise foucaultiana na organização de documentos na web** .2013. 94 f. Dissertação - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/1121/5563.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 30 ago. 2018.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p.41-62, jan./jun.1996.

SARAMAGO, José. **Todos os nomes.** São Paulo: Companhia da Letras, 1997.

SOUZA, Terezinha de Fátima Carvalho de. **Bases de saber: arqueologia da informação sobre transgênicos.** 2008. 170f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: < [http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECID-7HUGQV/teseversaofinal2009\\_1\\_1.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECID-7HUGQV/teseversaofinal2009_1_1.pdf?sequence=1) > . Acesso em: 20 dez. 2018.

SOUZA, Edivanio Duarte de. **A epistemologia interdisciplinar na Ciência da Informação: dos indícios aos efeitos de sentido na consolidação do campo disciplinar.** 2011. 346 f. 2011. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)–Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais. Disponível em: <

[http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECID-8P2JNH/epistemologia\\_interdisciplinar\\_edivanio.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECID-8P2JNH/epistemologia_interdisciplinar_edivanio.pdf?sequence=1) >Acesso em: 24.ago.2018.

SOUZA, Edivanio Duarte de; DIAS, Eduardo José Wense. A integração disciplinar na Ciência da Informação: os não-ditos sobre essa familiar desconhecida. **Ciência da Informação**, Brasília , v.40, n. 1, p. 52-67, abr. 2011.

SOUZA, Edivanio Duarte de. Configurações do campo da Ciência da Informação: pluralismo epistemológico e descentração interdisciplinar. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 5, n. 1, p.1-22, 2012.

TERRA, Marcos Vinícius Santos de Carvalho; ALMEIDA, Carlos Cândido de; SABBAG, Deise Maria Antonio. Análise do discurso francesa na organização da informação e do conhecimento no Brasil: considerações epistemológicas à análise documentária. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 17, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8652798>>. Acesso em: 26 jan. 2019.

VÁLIO, Else Benetti Marques. Terminologia da ciência da informação: abordagem da análise do discurso. **Perspectivas em ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 114-133, jul./dez. 2003.

VOGEL, Michely Jabala Mamede. A influência da Jean-Claude Gardin e a linha francesa na evolução do conceito de linguagem documentária. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 14, n. 3, p. 80-92, 2009.